

Textos Subterrâneos
textosubterraneos@riseup.net
www.textosubterraneos.tk

Tradução: Textos Subterrâneos

Grafismo: Textos Subterrâneos

Primeira edição: Abril 2014

Texto traduzido do original em castelhano:
Desesperar. Pedro Garcia Olivo, Iralka, 2003.

Este livro está escrito em desacordo ortográfico. A sua reprodução é completamente livre e pode ser descarregado em formato digital em www.textosubterraneos.tk

O complot atlântico da heterotopia (Prólogo à edição portuguesa de “*Desesperar*”)

Revejo hoje esta obra, interrogando-me sobre a operação que realizei, há já mais de quinze anos, a propósito do *mundo rural marginal*, e duas expressões vêm ao encontro da minha reflexão: “heterotopia” e “leitura produtiva”.

Heterotopia? Leitura produtiva? Num outro trabalho, procurei explicar conceptualmente tais expressões, com as quais se expõe o sentido crítico de “*Desesperar*”. Eis aqui uma pequena glosa desse texto:

“Há umas semanas, Pablo Cingolini partiu rumo a Puerto Maldonado, na Selva Sul do Peru, numa expedição que tinha como objectivo facilitar o acesso de um grupo de indígenas *Ese Aja* ao seu território originário, ancestral, ao qual chamam *Topati*. Não muito longe de Puerto Maldonado, lembrava-me Pablo por correio electrónico, foi assassinado, com vinte e um anos, Javier Heraud, o poeta-guerrilheiro, outro grande detestador

da nossa cultura... O que o levará aí? Que levou Clastres às regiões *guaranis* do Paraguai? O que o terá levado depois à dos *guaranis* do Brasil e porque será que tanta gente interpretou a sua morte como um suicídio devido às diferenças que tinha constatado entre os “seus” indígenas? Que terá impulsionado Jaulin a ir até ao Chade, para reconstruí-lo “com” os *sara* e o forçou a escrever “*A morte Sara*”? Que o moveu, depois, a instalar-se entre os *bari* das selvas colombo-venezuelanas, experiência que deu frutos noutra belo trabalho: “*A paz branca*”? *Que me terá incitado, em 1994, a instalar-me em Arroyo Cerezo, aldeia de pastores em estado de despovoamento, fugindo das urbes e desertando da minha condição de “professor” (quero dizer: “educador mercenário”), à procura de meios de existência humildes como condutor de um pequeno rebanho de cabras?* Cingolani, como Jaulin e Clastres, como eu próprio, *corre atrás da Heterotopia...*

“*A Utopia (ocidental) perdeu a sua inocência*” é o título, tão sugestivo, de um artigo de Sloterdijk. Nessa mesma linha, falei sem rodeios d’ “*O mau cheiro da Utopia*”. O nosso imaginário colectivo concebe a Utopia com uma ordem estabelecida, enquanto possibilidade, no futuro; e realizável *aqui, nestes* territórios. Englobaria um conjunto de *ideais*, de alguma forma ‘aprazados’, lutando conscientemente pela sua materialização. Mas, ao mesmo tempo que a Utopia era cunhada em tantos livros, os nossos militares, os nossos missionários, os nossos educadores, os nossos investigadores, os nossos filantropos,... arrasavam comu-

nidades em que *aqueles ideais* estavam, efectivamente, presentes (ausência de propriedade privada, de obtenção de mais-valia, de divisão do trabalho, de mercado, de despotismo político, de individualismo egoísta, de pensamento expansivo e avassalador,...). A Utopia, que no fundo de nós próprios sabíamos ser inalcançável, sendo, portanto, uma “mentira”, servia-nos para justificar (num estilo progressista, comprometido, solidário...) a permanência em tarefas de reprodução da ordem capitalista, em posições de cumplicidade com o Opressor. Tinha, assim, um papel muito importante nos procedimentos de *racionalização*, de auto-engano, dos intelectuais de esquerda, dos sábios e académicos reformistas, dos políticos ‘transformadores’... Assunto sempre de privilegiados, podia alimentar circunstancialmente um *refinamento* peculiar do cinismo: “a minha profissão culpável e o meu estilo de vida burguês é perdoável, *porque proclamo acreditar na Utopia.*”

A Utopia cheira hoje tão mal que, no nosso ambiente cultural, já não serve aos “melhores dos piores” (intelectuais em contra-corrente, académicos anti-académicos, sábios enlouquecidos, políticos desalinados,...) como *doação de sentido* para as suas existências. E caem então, caímos, nos braços da Heterotopia: lutar por uma beleza e por uma dignidade que não ‘sonhamos’ no futuro, mas que ‘vemos’ no presente, que compreendemos hoje mesmo, agora, ainda que *não aqui*, nunca no nosso território, só e sempre ‘noutra parte’. Contra a Utopia (o Ideal aqui, mas amanhã), apoiamos a Hetero-

topia (o Ideal hoje, mas noutra parte).

A partir da Heterotopia e contra o altericídio, revela-se um exercício de escrita peculiar: referirmo-nos *aos outros* para “nos combatermos”, exaltar o alheio para denegrir o próprio, saudar as outras culturas para nos despedirmos da nossa. Efectua-se um acto de leito-escrita, um resgate selectivo e produtivo, uma “desconstrução”, no jargão de Derrida; uma recriação artística, como a que Artaud realizou ante os quadros de Van Gogh... Produz-se uma *interpretação* da alteridade que põe em questão os nossos próprios signos civilizacionais, uma *poetização* do “outro” que atenta contra os nossos traços identitários.

Não existe, ao nosso alcance, uma verdade “coisica” da alteridade cultural; não se dá, sob o nosso poder de intelecção, uma *substância* da diferença psicológica susceptível de exumar e registar. A idiossincrasia indígena (como a rural-marginal, a cigana, a taoista, a hindu, a quínica antiga...) escapa completamente às nossas técnicas de exegese, à nossa forma de racionalidade, aos nossos afãs hermenêuticos. Mas *não poder aceder à sua verdade também não nos obriga a calarmos-nos*: Clastres não para de criticar o capitalismo liberal em qualquer um dos seus ensaios sobre o mundo indígena (“*A sociedade contra o Estado*” é o título da sua obra fundamental). Mais do que transmitir-nos a “essência” índia, a “verdade” primitiva, denuncia a podridão ocidental, a mentira moderna... Jaulin levanta toda uma crítica da nossa formação político-cultural (‘tota-

litária` e ´etnocida`, na sua opinião), a partir das suas experiências entre indígenas e *através* da sua escrita sobre o indígena. Grande, Leblon e Tabucchi mostram as misérias do sedentário-integrado ao aplaudir o valor de um povo nómada-livre. Lizcano exalta o taoísmo para disparar contra a pretensão de universalidade da Ratio, para *emporcalhar* todas as suas categorias fundacionais (“ser”, “substância”, “identidade”, “separação”, “conceito”, “ilustração”,...). Chantal celebra a metafísica da Índia, que parte do imediato, do mais próximo, *da terra*, para questionar a metafísica europeia, sempre presa à abstracção, com o olhar perdido *no céu*. Sloterdijk e Onfray descobrem nos quínicos antigos o tipo de homem, a forma de subjectividade, que quiseram poder abraçar, mas que já não encontram no Ocidente: não somos ´quínicos`, por desventura, mas ´cínicos`, algo bastante diferente, *os piores e mais feios dos homens*. E Pablo Cingolani mostra-nos, em código literário, desde o interior ou exterior da sua intenção, explicitamente ou implicitamente, o seu desafecto para com o homem branco, para com a cultura hegemónica, para com a máquina política e económica do Capitalismo. Cada uma das páginas de “*Nação Cobra*” sabe a esse desamor – falando-nos de indígenas, de tribos não contactadas, de comunidades isoladas; de uma Amazónia em perigo onde todos os dias morrem árvores, rios e homens, *na suposição de que uma árvore, um rio e um homem amazónicos seja entes distintos, separados*.

É que esse desassossego contestatário desses par-

ricidas culturais (filhos de uma civilização exterminadora que souberam detestar *como sempre mereceu*), alimenta-se de um grande amor a outra coisa: amor profundo à “igualdade misteriosa” que ainda vibra nos povos que não nos imitam e entre os homens que não se assemelham a nós. Igualdade misteriosa da qual continua a brotar, ainda que sob ameaça, a liberdade mais concreta.”

Fiel ao espírito da Heterotopia e como exercício de “leitura produtiva”, falei no “*Desesperar*” desses camponeses e pastores rural-marginais cuja subjectividade não se encontra nem num “antes” nem num “depois” da Ilustração, mas “noutra parte”, e fi-lo para *sujeitar à crítica as principais figuras da Razão moderna, para testemunhar a minha reprovação dos tipos de carácter e dos modos de quotidianidade que hoje assolam as cidades das democracias ocidentais. “Desesperar”, em brenhamento respeitoso num mundo condenado ao esquecimento e à pré-extinção, aproximação admirativa a “outros” homens e a vidas “diferentes”, é também – e a Heterotopia volta aqui a cintilar – uma sublevação contra o misticismo da escrita e contra o perfil psicológico-político do intelectual contemporâneo. Declaração de um “grande amor” pelas propostas anti-modernas de existência, pelas tradições populares insubmissas (de índole esquiva, desconfiadas perante o capitalismo), nas quais o nosso presente já não se reconhece, este livro converte-se também numa expressão rigorosa, sistemática, da vontade de ódio; o seu tom é rancoroso e*

existe raiva no seu nervo. “Odiando a Modernidade”: eis aqui o subtítulo, nunca impresso, que “*Desesperar*” leva no meu coração.

Graças aos esforços, cheios de generosidade e intenção, dos *Textos Subterrâneos*, o “desespero” empreende o seu *complot* atlântico. Oxalá aí, num país que parece olhar para o mar sob a ilusão de ter virado as costas à falácia continental, à enorme falácia da civilização europeia, a Heterotopia pelo menos encontre, como quer a forma trivial e paradoxal de esperança em que, apesar de tudo, se refugia, “companheiros de extravio”.

Aldea Sesga, Abril de 2013

Desesperar

*“A todas as vítimas do Ocidente,
que são também minhas vítimas.”*

1. Janela partida.

Primeira página: estranho que, ocultando-nos o seu nome, não importa quem seja, dá-nos já a magia de um olhar, janela embaciada pelo seu espírito. Pelos olhos da sua primeira página entrevê-se, amíude, a alma de uma novela. Desalmada, a minha narração oferece, contudo, um olhar virado para dentro, inexpressivo como as pupilas de vidro de um urso de peluche. Olhos desta primeira página, que não olham para o leitor porque o detestam e que vão ser escrutados, no entanto, pelo seu inimigo à procura de alguma miséria, de uma pequena mancha de sujidade. Eu arrancaria-os com a ponta de uma navalha incapaz de ferir aquele que pretende fazer-vos falar ao apontar-vos a servidão e o tédio!

Existe pelo menos um homem a quem aponto o

meu escrito municiado de repulsa, também um escravo obediente quando lê. *Aqui tens um olhar perdido, janela partida que dá para algum vazio.*

2. Superfícies desertas.

Estou desesperado. Até ao ponto de iniciar de um modo tão fugidio um texto sobre o desespero. *“O desespero é simples. É a ausência de todo o engano – o estado das superfícies desertas e, posso imaginá-lo, do sol.”* Bem próximo de Georges Bataille, mas imune à sua poética do deserto, afirmo a simplicidade radical do desespero: ter deixado de esperar... Deixar de esperar, nada mais.

3. A sua pretensão.

Se continua assim, amanhã mesmo abandono-a. Que fique com a criança, e pronto; mas que não me agrida mais. Deveria ter desistido de me corrigir. Não tolero que invada o meu campo privado de liberdade... Nada me fere mais do que essa sua pretensão de me sujeitar, de me transformar...

4. Esse louco mentiroso a que chamamos “coração”.

Dantes pensava que uma história – que uma história minha, pelo menos – deveria partir sempre de uma questão transcendente. E que se deveria desenvolver de uma forma rigorosa. O final não seria importante.

Agora vejo que os meus trabalhos, na verdade, começam de qualquer modo e terminam quando querem. De transcendência têm apenas um travo, um toque de aborrecimento. Por isso deixaram de valer a pena.

Ela que fique com a casa, com a carrinha, com os milhões... Que fique com o bebé. Que fique, inclusive, com o bando de cabras. E que o ponha à venda. Para mim chegam-me as latas de patê de oferta que envelhecem na despensa e um pouco de caminho por diante... Como quando era jovem e não sabia – não podia – viver estupidamente: *caminho e fígado de porco picado*. Por vezes, também, uma dúzia de ovos cozidos e quatro ou cinco garrafas de vinho barato. O primeiro que se acabava era o vinho...

Sempre que na minha vida rompi com uma forma de existência, desenlacei-me também da mulher que nela me encerrava. Ou seja, rompia com tudo por inteiro, desde a economia até à sensualidade, passando por esse louco mentiroso a que chamamos “coração”.

5. O homem da galinha morta na virilha.

Existe aqui um homem, com uma galinha morta na virilha, que rompeu com todos os modos concebíveis de existência ao amarrar-se voluntariamente a um só ofício. Acorrentado durante a sua vida a uma só tarefa, foi a sua liberdade que o levou a não esperar nada das outras ocupações. Um homem que rompeu com todas as mulheres ao não perseguir a carne de nenhuma. Uma vez

que tinha um burro, e não queria chegar longe, voltou costas às viajantes satisfações do progresso, cravando-se nesta terra como a raiz de um espinheiro. Agarrando-se cada manhã à sua sela, para ir onde vai sempre como se fosse a primeira vez, fazendo o mesmo de sempre com o temperamento explorador de um aventureiro, poderia dizer-se que este homem habita alguma região obscura de um tempo que, sem ser presente, tem ainda menos de passado que de futuro inviável.

Claro que está desesperado! Desesperado como o deserto, como o sol, como as suas ovelhas e as minhas cabras; mas de uma forma distinta da maioria dos professores que conheci enquanto exerci a profissão de charlatão a soldo, subornado e perpétuo. *Desesperado como os que se fartaram de lutar, e como quem já só luta por instinto; desesperado como a luta contemporânea, como os condenados à morte e um bom número de condenados a viver...* Deixou de esperar, desesperou.

6. Não servir nem para perder tempo.

Quando concebi este trabalho, representei-o como um riacho respeitoso num mundo condenado à marginalidade, objecto do mais esquecido desconhecimento. Sem idealizações. Sem preconceitos. A salvo da exaltação romântica da mesma forma que do depreciativo despotismo urbano. Mostrar o que estas terras e estas gentes conservam de doçura e de veneno, tudo o que entesouram de magia e de bondade, como de rudeza e

de malevolência, sua bagagem de encanto e de terror. Mas, por algum motivo, talvez devido à fraqueza da minha imaginação e à minha escassa capacidade observadora, as palavras acabaram por se dirigir para outro sítio. No fim de contas, o meu desespero consubstancial salva-me sempre desses projectos tão racionais, tão analíticos. E volto a entregar-me a um falar de mim mesmo que não deve interessar a quase ninguém. De facto, a mim não me interessa. Não espero nada desta obra. Não é lícito desejar algo dela. Nem sequer serve para perder tempo.

7. Um quarto fechado.

Quando o homem da galinha morta na virilha golpeou o *Guardia Civil* que lhe pedia, com maus modos, o bilhete de identidade, não esperava, seguramente, ir para a prisão. Quando entrou no presídio, desesperou pela hora de sair dali. Agora que está fora, compreendeu que todos vivemos numa prisão, mais grande ou mais pequena. *E diz que, mais vale não esperar nada da vida, já que é um quarto fechado.*

8. Pocilga literária.

Não espero nada da literatura – a ela também não lhe cabe esperar muito de mim. Considero-me imune a toda essa fraude da “boa escrita”. A figura, clássica ou moderna, do escritor talentoso parece-me odiosa (e, por

sua vez, cômica, com um tom de patetismo que forma quase parte da sua graça de palhaço). Detesto o grande mundo corrompido dos autores de renome quase tanto como o mundinho lastimável dos escritores em busca de prestígio. Repele-me a ideia de que possa existir uma crítica literária que não provoque o riso e um mercado da obra de arte que não feda a pocilga.

Contudo, não escrevo.

9. Enrolava as notas meticulosamente e introduzia-as em latas de conserva que logo espalhava pelo quarto, onde a humidade, o pó e os insectos se encarregavam de estragá-las.

Perdi vinte anos a alimentar, sem descanso, um conceito “épico” do que a minha vida estava a ser e deveria ser. A épica encontra-se indissociavelmente unida à esperança: “a grandeza não é algo fortuito, deve ser desejada”, escreveu um criminoso. Como o desespero se identifica com a ausência de desejo (deixar de esperar é deixar de querer), eu situava então a minha vida exactamente nos antípodas do ponto em que agora me encontro. Esperava ser Homem, Sujeito, a minha própria Obra, Gesto intencionado, mentor da Epopeia. Esperava modelar a minha vida como o escultor a pedra, fazer-me e desfazer-me sob a visão desperta da minha liberdade; esperava chegar a algum lado, conduzir-me inquieto mas também caprichoso; esperava inventar uma existência própria, mais minha que eu mesmo,

atrozmente diferente. Encontrava-me cheio de esperança, ressumante de futuro, tocado de heroicidade. E um dia tropecei no homem da galinha morta na virilha...

Orgulhoso, parecia que brotava da própria terra, com o vigor e a majestade de uma sabina. Ele sim pareceu-me, muito exactamente, “uma força da natureza.” Expressava-se menos que o sol, que as flores, que o Inverno. E não saia nunca da sua única e incomóvel lei de comportamento: guardar o seu bando de ovelhas desde o amanhecer até ao anoitecer. Isso e mais nada. Isso e para nada. Conduzir o gado porque, tendo nascido aqui, “era o que esta terra pedia.” Milionário, não trabalhava por dinheiro. Austeríssimo, não trocava dinheiro por propriedade: enrolava as notas meticulosamente e introduzia-as em latas de conserva que logo espalhava pelo quarto, onde a humidade, o pó e os insectos se encarregavam de estragá-las. Apontado como o homem mais rico da aldeia, o seu já célebre habitáculo era, no entanto, o mais humilde – com chão de terra, pequenas janelas sem vidros, chaminé antiga por toda a cozinha e estábulo que servia de casa de banho... Concebia-o exclusivamente como um lugar onde passava a noite e se resguardava do frio. Mais do que numa casa – comentava-se maliciosamente – vivia num curral, ao lado dos burros e dos cães. Instalou naquele refúgio precário, como se fosse um piscar de olhos ao mundo moderno, um telefone que não sabia usar e uma máquina de lavar roupa que estragou no dia em que a estreou. Nada mais. Mantinha mil ovelhas, o que

desde um ponto de vista zootécnico é rigorosamente “impossível” para um homem só. E, pondo de parte o enigma do pássaro morto, jamais tinha estado doente. Não se descobria no seu rosto o menor sintoma de infelicidade, tédio ou ansiedade. Plácido, ligeiramente sorridente e talvez um pouco vigilante, sugeria a imagem de um homem a salvo da amargura.

10. Tão suja e pequena.

Tinha decidido escrever um romance a propósito deste homem. Acerca, também, de outros seres desconcertantes que rondam a aldeia, poderia dizer-se que fugidos da história e da racionalidade moderna. Mas a literatura é tão falsa, tão míope, tão vazia, tão suja e pequena, que logo desisti de encaixar o meu amigo no tapume indecoroso de um relato do género... Por outro lado, quase o mesmo que censuro no trabalho literário, afecta, por sua vez, as formas do nosso raciocínio: não sei muito bem o que é que a nossa esfarrapada e mesquinha Razão tem que discernir num homem como Basílio, mas, descubra o que descubra, maquine contra ele o que maquine, jamais lhe fará justiça, nem mesmo o menor dano. Convertê-lo-á num esquema quase abstracto, num protótipo sem encanto, no enorme alvo de meia dúzia de rótulos desgastados e devoradores, atirados como dardos e perdidos pelo caminho, e nada mais... Intuo, contudo, o que Basílio faz cada dia com essa ínfima e empoeirada Razão: enlatá-la nas suas latas

de conserva oxidadas, com grande cuidado, e espalhá-las pelo quarto para que humidade e os roedores se ocupem dela.

11. Escrever envilece, degrada, corrompe.

Repelência de escrever uma história, como de obedecer. A escrita é obediência. Que bem compreendo agora Artaud, incapaz de escrever; e Bataille, incapaz de raciocinar. Que bem me compreendo, incapaz de obedecer. O grémio dos escritores tende a surpreender-nos com as mais diversas fisionomias: rostos de amargura, de lucidez trivial, de cinismo fácil; rostos de crianças grandes e de velhos prematuros; rostos sisudos, rostos frívolos, rostos de enigma pré-desenhado pela indústria da imagem e também de fabricação própria, nada menos que “caseira”; rostos de cordura enlouquecida e outros de loucura razoável,... Mas nunca irão descobrir, nesse círculo, uma forma de olhar tão pura, limpa de interesse e de desejo, umas feições tão despejadas, grávidas de uma quietude palpitante e nua, como nocturnos mares calmos, que simplesmente sugerem “liberdade”. Em nenhum momento um escritor produz a impressão de autonomia, desse bastar-se a si próprio e ser capaz de prescindir de nós, revelando o verdadeiro homem livre. Talvez porque a escrita seja um aborto do mercado, bastarda da tirania; ou quiçá porque a autêntica liberdade frutifica no anonimato. Talvez porque ainda não conhecemos o que deve ser uma escrita ab-

sorta em si mesma, pendente apenas de si mesma. Ou, simplesmente, talvez porque escrever envilece, degrada, corrompe.

12. A força.

Basilio chama “a força” ao maior conjunto de gado em redor do qual gravitam sempre, com uma dispersão variável, os pequenos rebanhozinhos secessionistas. “A força” faz-se seguir, atraindo fatalmente todos esses exemplares de nuvenzinhas díscolas, revoltosas.

Vendo-me um dia sem a minha companheira, o pastor disse-me algo que num primeiro momento não entendi: “Onde está *a força*?”

Ele não segue ninguém, não pactuou com ninguém nem sequer a provisionalidade de um caminho partilhável... Basilio é *a sua própria força*.

Seduzida pelo ouro, a força dos escritores só retrocede perante o chicote. Ouro e chicote. Mercado e Opressão.

13. Navios sem destino.

Existe outra coisa que me irrita nos escritores e, sobretudo, não suporto em mim mesmo quando escrevo: o ar de suficiência, a pose de sabedoria que acompanha este exercício inútil do monólogo sobre o papel. Parece que o facto de ninguém poder refutar-nos enquanto escrevemos produz a ilusão de que nos encontramos

realmente próximos da Verdade, ou de que uma certa espécie de talento nos distingue do comum da gente, uma determinada agudeza no olhar, algum tipo de brilho pelo menos... Essa ilusão abre, por sua vez, as velas dos *navios sem destino* da egolatria, da presunção, do narcisismo. Um grande fedor a vanglória, o de qualquer escritor! Como cheiro mal!

Já habituado à maledicência dos seus vizinhos, Basílio, que não quer denegrir ninguém, também não fala bem de si mesmo. Refere-se aos seus assuntos sem ênfase, como se estivesse a descrever um fenómeno climático ou uma qualidade evidente das suas ovelhas.

14. Não morrer mais do que uma vez.

Não nos é possível “renascer”, em nenhuma acepção da palavra. Podemos, no entanto, morrer mil vezes, num determinado sentido: morrer com cada mundo que deixamos para trás, abandonado como um quadro do qual fogem as cores. Pereci como científico, mais tarde como professor-funcionário, logo também como escritor com vocação, por último como fugitivo. Sou, ainda assim, o resto que cada uma dessas identidades deixou no meu espírito, o depósito de tantas mortes, e algo novo, de última hora: um homem desesperado. *Habituar-se a morrer dessa forma, procurando em cada meio-dia a prova de que a noite se aproxima, conduz ao desespero, mas pela via mais longa.* As pessoas desta aldeia não necessitarão ser e deixar de ser tantas coi-

sas, desluzir tantos quadros, ferir de ânsia aventureira o coração vigoroso da manhã, para aprender a não-esperar...

Joaquín, outro homem rico que veste andrajos, septuagenário saudável, consciente de que poderia viver o resto dos seus dias na ociosidade e na opulência, na fruição e até no deboche, continua, apesar de tudo, a sacar a cada manhã o seu bando de ovelhas, como sempre o fez. Não quer morrer como pastor. Fixando a sua existência num meio-dia perpétuo, preservará até ao final o quadro a cores que o representa com o seu gado. Não saberia dizer o muito pouco que espera da vida, detestador do consumo e do repouso. A sua luta quotidiana já não tem razão de ser: esforça-se para nada. Só, sem descendência e quase sem família, trabalha para ninguém. Mas segue aí. Trabalha por desespero. Não podendo renascer, também não morrerá mais do que uma vez... O mesmo se passa com Basilio, desconhecedor do nocturno, amante de um cenário em que nada se move e do qual escapar é supérfluo. Também Clara, mulher do pastor, apelidada de bruxa.

15. Terras quase inóspitas.

Devo escrever por atavismo, já que não acredito na literatura. O mais importante destes últimos anos, no que toca ao meu espírito: já não tenho a necessidade de preservar diante do espelho (não sei se meu ou de todo o mundo; não importa se partido, embaçado ou

deformante) uma imagem da minha vida digna e sem mácula. Não preciso de estar orgulhoso do que faço. Já não me empenho em manter um bom conceito das minhas obras. Desesperei.

O meu desespero não proveio da experiência da derrota – nunca me senti vencido. Nada tem que ver com a amargura: sou tão feliz! O meu modo de ter deixado de esperar forjou-se nestas terras quase inóspitas, inimigas do abstracto e do ilusório; formou-se com o descobrimento comovente de estranhos seres marginais e perante a perturbante lição da muito inteligente vida animal.

16. Pequenos caixões com janelas.

A minha habitação também não pode receber, sem sombra de dúvida, o nome de “casa”. Trata-se, antes sim, de um abrigo. O meu covil. Como o de Carla ou o de Basílio. Um lugar para dormir e para nos protegermos do frio. As pessoas desta aldeia chamam “casa” a toda esta zona: “chove em casa”, “está-se bem em casa”,... Cada ribeiro bulicioso e cada vale sossegado, assim como cada sombra refrescante e cada rocha banhada por débeis raios de sol, cada gruta intransitável como cada vasto campo de pastagem centenário... formam parte da “sua” casa. Conhecendo o terreno palmo a palmo, vivem neste refúgio da povoação e nas suas redondezas. Casa comum, partilhada, inalienável, ela sim merece cuidado e respeito, muito mais que os pe-

quenos caixões com janelas que o homem da cidade chama de “apartamentos” ou essas outras habitações de propriedade privada que se denominam “lares” talvez porque, a fogo lento, não seja pouco o que se consume no seu interior. Na *Casa* dos meus vizinhos, de Basílio e já também minha, com o tecto estrelado e as suas paredes de horizonte, cabe quase toda a multidão de uma cidade; e são cada vez mais os urbanitas que vêm caminhar, sem pressa, pelos corredores das suas sendas, descansar e saltitar – libertados por um dia – na salinha verde dos seus bosques. Nós, no entanto, pessoas de aqui, não entramos por gosto, como se o nosso espírito não coubesse, nas artificiosas e desencantadas casas particulares dos homens modernos.

17. Que não esperem nada de nós.

Existem dois motivos para a existência que deveriam encher de vergonha o homem que os reconhecesse como seus: o afã pela riqueza e a sede de fama. Fortuna e reputação. Uma vez ultrapassado o umbral da sobrevivência, para que serve o dinheiro? Talvez apenas para mostrá-lo aos outros. E quando à nossa volta já nos reconhecem por um nome, nos identificam perfeitamente e nos chamam sem medo de se enganarem, para que queremos que esse apelido se inche, que diga a nosso respeito mais do que ao agir já sugerimos, ressoe em cada cabeça admirada, se reduplique de eco em eco e, vagueando por geografias distantes e diversas,

alcance auditórios vastíssimos? Talvez apenas para nos exibirmos perante os outros. Mas, que falta nos fazem os outros, que género de fraqueza íntima nos empurra para que solicitemos o zumbido importuno dos outros? E se, por alguma razão atroz, já não podemos prescindir do público, essa dependência vil justifica a opressiva necessidade de nos construirmos a pensar quase exclusivamente nos seus olhos? Esperamos assim tanto dos outros? Quem nunca correu atrás do dinheiro, nem se deixou seduzir pela ideia vulgar do prestígio, amarrando-se a motivações distintas – ou, talvez, mesmo a nenhuma –, também nunca desejou que os outros esperem algo de si.

18. Erro de piedade.

Quando, como turista, visitava há anos atrás uma aldeia perdida e via a forma de vestir humilíssima dos seus habitantes, apiedava-me deles e da sua aparente pobreza. Hoje, nesta aldeia, vestindo-me ainda pior que os seus velhos moradores, com alguns milhões na caderneta bancária, como quase todos eles, apiedo-me do turista e da sua não menos aparente riqueza.

19. O ser com menos substância viva.

Existe ser mais desalmado, inimigo da sua própria carne, sem entranhas e vazio, que o homenzinho tolo e espalhafatoso denominado “intelectual”? Quase to-

das as idealizações, apologéticas e desqualificadoras, da figura do aldeão provêm desse mundo oco dos intelectuais. A percepção dominante do camponês, do pastor, do serrano, foi forjada na cidade – é um fenómeno urbano –, e sempre tendeu a afundar no cliché, no esquema depreciativo (ou na sublimação romântica, que fundamenta outra espécie de falsidade), toda a complexidade existencial encarada pelos habitantes marginais das aldeias e das montanhas. Estas personagens, assim que sejam tidas em consideração sem preconceitos, pendurado o uniforme interior de investigador no cabide do riso, apresentam à sensibilidade moderna problemas de ordem não apenas moral, como também filosófica – para não dizer “metafísica”. Como se atreve a falar deles o ser com menos substância viva, o ser mais vazio, mais órfão de experiência e até de realidade, que se pode conceber: o intelectual, espantalho de biblioteca?

O que em mim resta de professor, de investigador, de estudioso, uma porcaria de imbecil a soldo carcomido pela erudição e pela impostura, entorpece definitivamente a minha compreensão destas pessoas; mas essa outra parte de mim mesmo, camponesa maltratada, essas cinzas de filho de homem simples – progenitor a salvo das letras, nómada dos ofícios, amante das tarefas e dos animais, felizmente deseducado –, ainda me permite entender pequeníssimas partes do concreto.

20. Protocolo.

Antes de comentar aqui cenas estranhamente quotidianas, antes de emitir juízos sobre personagens de tão esmagadora singularidade, tinha de clarificar esta questão: de que protocolo de análise, a partir de que critério de racionalidade nos seria lícito, neste final de século, construir um discurso sobre mundos tão opostos a esses outros que nos foram forjados? Ainda poderemos encarregar a uma Razão desfalecida um trabalho para que nunca foi concebida? E como se escreve *fora do círculo da Ratio*?

Como posso escrever sobre tal assunto se não pertenço a esta realidade, não me fio já na análise sujeita à Razão e, sobretudo, odeio a escrita? Tenho a impressão, no entanto, de que o tipo de operação que revelo neste livro não requer uma resposta precisa a tais questões. Instala-se na contradição e na impotência. Nego-me, porém, a recolher cenas mudas, da mesma forma que rejeito todas as tentativas de interpretação unitária, racional. Com os meios de que disponho e com as minhas enormes limitações, nem sequer faço o que posso: faço aquilo que me ocorre.

21. Fazer um cu.

Carla, para quem a existência das bruxas é tão indiscutível como a do Deus Pai, pinta e repinta as suas habitações de azul para afugentar os maus espíritos.

Criou Petra com leite de cabra, acostumando-a a mamar por si mesma com os lábios contra o úbere do animal. O seu filho Maximino faz cus aos cordeiros que nascem sem esfíncter, operação que os Serviços Veterinários consideram impraticável. Consegue salvá-los. Ernesto não come nada que ele não tenha cozinhado e cujos ingredientes não provenham das suas hortas ou da sua pequena quinta. Saúde de ferro. Rigorosamente fiel às suas inumeráveis e invencíveis manias. Quando a raposa faminta começa a rondar pelos erados, Basilio dorme de pé, com as suas galinhas, mesmo que chova. Ainda assim, muitas vezes acaba por perdê-las. Dirige o gado como um director de orquestra dirige os seus músicos: num lugar elevado, sem se mover, gritando apenas. Dizem que fala com os animais... Na sua bolsa, com o vinho e o avio, leva sempre cerca de um milhão de pesetas, no caso de ter de fechar algum negócio em plena serra. Joaquin cura as feridas com o mesmo produto que usa para desinfectar os seus currais: “zotar”...

Assim, em bruto, esplêndidas na sua crueza, estas cenas não sugerem nada diferente dos clichés em que geralmente afundamos as personagens que as protagonizam. Mas existem outras fendas que oferecem um olhar menos vagaroso; pode-se modificar a perspectiva, abrir o ângulo; cabe ainda interrogá-las substituindo perversamente os sotaques.

22. Existência residual.

Releio a “primeira página” inicial deste escrito, que desde logo, por sorte, desprezei:

“Se olhares bem – porque para isso servem os olhos: para olhar, não? -, verás que leva uma galinha morta entre as pernas. Olha, olha bem para a sua braguilha. Virgem Maria Puríssima, que inchaço tem ali nas calças! Que grande galináceo morto!”

Enquanto fala comigo, Ernesto franze a testa. Endereça as suas palavras com um gesto característico: uma expressão de asco carregada de desconfiança que sugere laivos de mistério num deserto de desaprovação, diria que feita de repelência distante e obscura; uma forma de franzir as sobrancelhas e de achinesar os olhos que sempre se apodera do seu rosto quando fala das linguiças que não são caseiras, da comida dos restaurantes, dos alimentos pré-cozinhados das lojas, das carnes congeladas, das recomendações dos veterinários, dos costumes das mulheres das cidades... e da *galinha morta* de Miguelón, alcunhado de “Basilio”.

Conversávamos frivolumente sobre as doenças, procurando resposta a uma pergunta de circunstância: porque é que a minha companheira e eu arrastávamos doenças intermitentes e visitávamos o médico assiduamente, enquanto Basilio – que se saiba – jamais tinha contraído uma doença na sua vida? Esse homem vivia numas condições quase insultuosas para a sensibilidade moderna: sem casa de banho na choça, nem

cozinha propriamente dita, sem água quente, com apenas duas lâmpadas eléctricas, chão de terra, chaminé antiga, animais à direita e à esquerda, um par de burros como meio de transporte, trajas mínimos e velhos, odores selvagens, um telefone que não sabia usar e uma máquina de lavar roupa que estragou no dia em que a estreou como únicas concessões à técnica... Ausência de cuidados, desleixo para com a higiene, infra-habituação em ruínas... e uma saúde inquebrantável. Praticante de uma auto-suficiência quase absoluta, Basilio detestava comprar nas lojas. Consumia carne de ovelha, ovos das suas galinhas, fiambres dos porcos que ele mesmo sacrificava,... Não compreendia a utilidade do frigorífico: conservava os alimentos ao fresco. Sempre com um bom pedaço de céu sobre a sua cabeça, regressava à cabana de madrugada montando um dos seus “machos”, depois de pastar o gado todo o dia. E encaminhava-se para os currais ainda de madrugada, a essa hora em que a aurora se espreguiça lentamente. Esteve na prisão por responder com uma paulada ao *Guardia Civil* que, faltando-lhe ao respeito, lhe pediu, em tom de gozo, o bilhete de identidade. Não o tinha, é claro. Uma paulada nas trombas do polícia foi a sua forma de se identificar. Dormia frequentemente no galinheiro, defendendo a vida das suas aves, pois conhecia a astúcia da raposa e a voracidade do gato-bravo. Milionário, com contas em vários bancos, guardava a maior parte do dinheiro em casa – nas latas de conserva e entre as peles dos cordeiros esfolados, nos sapatos ro-

tos e nas velhas meias de lã jogadas pelo quarto... Junto ao pão e à garrafa de vinho, um maço descomunal de notas aumentava de um modo muito peculiar, como as entranhas de uma borrega engordada, a sua mochila de pele de cabra. É que não queria que lhe faltasse capital para adquirir um qualquer pequeno bando de ovelhas que, ao caminhar pela serra, pudesse estar casualmente à venda...”

Felizmente, desde logo compreendi que um texto deste género, contando muito pouco para a literatura (como tudo o que escrevo), nem sequer valia para mim: incitava-me, apenas, a continuar a compor. Cosido ao trivial, não falava tanto dessa existência residual de montanha como das *curiosidades* que os visitantes urbanitas sonham nos “primitivos” das aldeias recônditas para saciar a sua sede vã de diferença amável, o seu apetite de exotismo doméstico – um vergonhoso, e ao mesmo tempo tímido, coleccionismo antropológico... Sem protocolo de reflexão propriamente dito, sem um apoio sólido para o meu escrito, corriji-o, contudo, e iniciei este trabalho como quem se adentra por uma senda desconhecida: incapaz de vaticinar a orientação das seguintes páginas.

23. Tempos sombrios em que vivemos.

Propus-me, chegado a este ponto, levar a cabo uma reflexão sobre o valor do presente escrito nestes tempos sombrios em que vivemos. Mas talvez o deixe para

vocês. A questão do valor permanece demasiado unida à da esperança. Não me interessa. “Confesso que não tenho o conceito do valor das minhas obras”, escreveu Pessoa. Da minha parte, “tudo o que fiz ao longo da minha vida foi perfeitamente inútil; não espero outra coisa da minha escrita.” Há quem escreva para a maioria; outros, para poucos; alguns, para eles mesmos. Eu *não* escrevo. O que isto possa ser, não vale nem para importunar o silêncio. A mim não me serve; muito menos a vocês.

24. Intelectualmente falsificado.

Reconheço-me como intelectualmente falsificado. Como desintegrado por uma paixão crítica que jamais definiu o seu norte. Odiando todo o sistema de pensamento, detesto também o brilhantismo vazio que se costuma apresentar como a sua antítese. Alheio à própria ideia de alternativa, destruo para nada. *A minha crítica perdeu a confiança no sujeito.* Não descansaria em paz com uma doutrina deslumbrante encistada dia e noite no cérebro, nem sequer com um punhado de teorias minimamente coerentes para defender a cada momento – a foice de uma ideologia certa abraçando caminho pelas sementeiras da ignorância. Daí que seja muito fácil não me levar a sério. Às vezes digo que não acredito nas minhas palavras, mas é como se dissesse que falamos para nos enganarmos. Enfim, devo ser um sinal dos tempos: um homem que não sabe como se

pensa. E que afirma, contudo, que vocês também não sabem se a representação cômica que a nossa cultura organiza à volta do pensamento está certa...

25. Galinhas mortas no cérebro.

Sobre a galinha morta que tão tremendo inchaço produz nas calças de Basilio, cruzam-se várias teorias: para uns, entre as quais Jacinta La del Bar, trata-se de uma hérnia, com um monte de tripas já à mostra. “Algum dia todas essas entranhas sairão para fora...” Para outros, a galinha morta é um testículo terrivelmente inflamado por causa de umas maltesas com complicações. “Curava a febre com copos cheios de leite, de certeza que da mesma cabra doente.” Ernesto pensa que, de facto, esconde ali um pacote de dinheiro, bem protegido... Na minha opinião, é a versão do próprio Basilio, no entanto, que se deve encontrar mais próxima da verdade: “guardo aqui, de nascença, uma galinha morta.” Galinhas mortas no cérebro têm, com toda a probabilidade, a maior parte dos professores; e, no coração, quase todos os empresários. Ovos de galinhas mortas parecem-me, hoje em dia, todos os sacerdotes, todos os polícias, todos os políticos e todos os escritores.

26. Propriedade.

Sinto pela propriedade o mesmo respeito que pelo privado: nenhum. *Não me considero dono nem desta*

mão que escreve obedecendo a não sei quem.

27. Desesperar não é triste.

Trata-se, simplesmente, de viver uma vida. Nada mais. A esperança supõe em si mesmo um ponto de referência extraterreno, uma espécie de universo imaginário que excede sempre o lado puramente biológico do homem. Aparte da sede e da fome, aparte do apetite sexual e talvez da procriação, aparte do resguardo do frio e da evitação do calor extremo, aparte da auto-defesa, aparte, em suma, de tudo aquilo que obedece à carne no ser humano, incumbências inestancáveis do corpo, estão o Projecto e a Esperança, a esperança tida como finalidade do projecto, a ilusão, o Além, a farsa. Normalmente, não quero tiritar de frio, não quero padecer do calor de um incêndio, quero poder ter algo para pôr à boca quando a fome aperte, ter formas de mulher para libertar os meus membros, quero poder acalmar a sede à minha maneira, defender-me até ao ponto de não tolerar jamais um tirano que me exija obediência ou um patrão que engorde à minha custa. E nada mais.

Afirmo que o trabalhar para outrém e a submissão política são profundamente hostis, pior do que estranhos, ao homem enquanto tal.

Não desejo ser rico, nem conhecido; não pretendo salvar ninguém, muito menos a Humanidade (o que é a Humanidade senão uma soma de animais?); não de-

sejo contribuir com nada para esse inferno hiper-real da Ciência, ou para esse lupanar artificial da Cultura; não sonho em viver para sempre, nem aqui nem noutro mundo; não procuro ajudar o próximo – como, se apenas me posso ajudar a mim mesmo? Desesperei.

Desesperar não é, de todo, o mais fácil. O trabalho alienado e a sujeição política mantêm-nos amarrados à esperança. Sem ela, esvaziado de fraudes, o trabalhador-cidadão afunda-se na loucura, arraiga-se à angústia ou empreende o caminho de volta da auto-destruição. Desesperar constitui, portanto, um privilégio. Implica sacrificar o empregado agradecido e o votante crédulo em que a sinistra organização da nossa sociedade consegue converter-nos. Basílio desesperou, ele que viveu sempre para si, trabalhando só para ele, e não acreditou em mais nenhum governo senão nesse que exercia sobre as suas ovelhas. Eu desesperei, deixando a docência como se abandonasse uma casa em chamas, e cerrei com todo o cuidado os meus ouvidos à conversa fiada democrática. Aqui não há dor. Desesperar não é triste.

28. Baixeza de ideias.

As ideologias sempre me mereceram demasiadas reservas insuperáveis: em primeiro lugar, são pensamentos de outro, ou de outros. Não me pertencem; estranhas a mim, fiquem onde estão. Em segundo, levam, diria que aos empurrões, a um determinado tipo de acção gregária – clarividência de um cérebro supe-

rior, coragem nas vozes de uns quantos subalternos que dirigem, fanatizados, multidões de homens assentindo como numa missa... “Para me mexer, não preciso que ninguém me empurre”, escreveu o melhor dos nossos anti-predicadores. Finalmente, como acabei por descobrir agora, os sistemas ideológicos dependem, sem excepção, da esperança para ganhar partidários e subsistir como uma fraude comum. Fundados na esperança, dirigem-se a homens esperançados. Se nos ativéssemos exclusivamente ao terrenal, nenhuma ideia seria capaz de durar mais do que um dia e conquistar mais do que um adepto.

Ficam a sobrar as doutrinas, alforges bem pesados para viagens que jamais se terão de fazer – ou que, de qualquer forma, se fariam melhor sem peso. Já não vale a pena procurar o lugar do coração, velho louco, mentiroso incorrigível, no fundo do peito. Palpita hoje em dia nalguma região inacessível da mente: *se pensamos, não saberia explicar como nem para quê, fazemo-lo com o coração*. E o coração renega qualquer ideia que demonstre a antiguidade de uma hora, qualquer lema que carregue visivelmente a assinatura de um *outro*. Sede do primário, do instintivo, esse alquimista enlouquecido dos afectos e da reflexão demonstra ser tão individual como as impressões digitais. Mas menos registável.

29. Propinar uma paulada ao *Guardia Civil*.

Ao longo da sua vida, Basílio só teve uma relação

com as forças que inventam, reproduzem e sustentam a Ordem. Foi no dia em que propinou uma paulada ao agente zombador. Descobriu então o que seria de *esperar* do Estado. Posteriormente, passaria a desconfiar teimosamente de todas as ideias alentadas pelas instituições da sociedade civil, de todo o pensamento vertido pelos seus funcionários, escorrido pelos seus canais. Sem televisão, sem rádio, quase sem saber ler e sem ter, normalmente, relações sociais, regressou ao território da sua liberdade desesperada.

30. A terra levá-lo-á.

Alto e robusto, Basilio é reconhecido desde longe devido ao seu mancar e à sua maneira estranha de movimentar os braços. Partiu a perna em dois sítios ao cair de um barranco, “consertando-a” ele mesmo. O que funcionava para os seus cordeiros não tinha como não servir para ele... Mancou a partir de então, mas as suas pernas continuaram a levá-lo onde ele queria – e chegava mais longe que ninguém. Como confiar num médico que não é capaz de tratar dos seus próprios ossos partidos? No dia em que lhe nasceu um burro sem cu também não recorreu ao veterinário: Maximino fê-lo. Noutra ocasião, em que se divertia a ir contra o seu bode, despenhou-se por um penhasco partindo o braço esquerdo. Também o curou por sua conta, ainda que tenha ficado para sempre com um modo muito peculiar de esbracejar. O que leva este homem a valer-se a si mesmo não é tanto uma

auto-suficiência real (Basilio manca), mas o seu agudo ceticismo: pode-se acreditar de verdade no valor da medicina moderna? A Ciência não matará o meu amigo – nem sequer a médica, distribuidora de venenos. Não morrerá nas mãos do Progresso. Da mesma forma que o trouxe, *a terra* levá-lo-á.

31. O homem deveria extinguir-se.

Como, em último caso, a esperança se converte em assunto de fé, para desesperar é necessário deixar de acreditar. A minha descrença é tão radical que não tenho fé nem sequer em mim mesmo... Desconfiado de toda a palavra humana, nunca uma só das linhas que escrevo me convenceu. Falamos para pôr em prática a fraude. A comunicação já não é necessária para a existência. Tudo o que preciso de saber dos outros resume-se a uma frase: “que querem de mim agora?” E tudo o que estou disposto a dar-lhes cabe numa só palavra: “nada”. A sociedade pode arranjar-se sem mim, como eu sem ela. Afinal de contas, de todas as espécies animais, a humana é a que menos me interessa. Sei dela o fundamental: perigosa, destrutiva, sanguinária, o seu desaparecimento seria uma sorte para o planeta... *O meu ecologismo é absoluto: para o bem da vida na Terra, o homem deveria extinguir-se.*

32. *Os outros* são a polícia.

Sempre que estes meus passos perdidos, não se sabe bem por que senda, me levaram a ir atrás de uma pessoa, as circunstâncias do encontro faziam-me ter a posição de Basílio: o outro-guarda exigia-me de uma má forma os meus dados pessoais. E se esse “outro” era uma mulher, normalmente o meu desejo omnívoro acabava manietado entre as grades do seu erotismo. A sedução era a minha forma torpe de pretender agredi-la, a forma em que caía na sua armadilha involuntária. A sua presença, a desse Estado policial que nos confina aos pares sob um mesmo tecto conjugal de repressão infinita.

33. Que usavam as velas do conventos para os seus prazeres solitários.

Também a sexualidade se manifesta de um modo mais puro, mais sincero, quando se prescinde das palavras; corpos em ardor, nada a dizer. Todos os discursos que rodeiam o acto sexual da espécie humana têm por objecto afundar a relação num lodo de mentiras. É-me indiferente que esses discursos procedam da religião ou da retórica (não menos falsa) do amor espiritual. Há quem afirme que Basílio se *desafoga* com uma ovelha. Guarda-a em casa e cuida especialmente dela. Se assim é, não tenho nada a objectar: corpos em ardor.

Quando era pequeno usava o cilindro de cartão

duro, à volta do qual se enrola o papel higiênico, para me masturbar. Uma vez apanhei o meu pai a bater uma punheta de pé, diante da banheira... “Claro, assim não cai para o chão” – pensei. Mais tarde, eu mesmo o imitava, mas diante do lavatório, instalação mais recolhida. Chegando já à adolescência (sexualidade comprimida, uma selva no desejo), não pude evitar experimentar uma excitante erecção perante uma miudinha, com muito pouca roupa, que me puseram nos braços. Depois fiquei terrivelmente atormentado, até ao ponto de me forçar cada noite a reler a Bíblia. Mas não até ao extremo de confessar o meu pecado: “Os padres devem tê-la, por vezes, bem tesa – dizia para comigo –, sobretudo quando uma mulher jovem se ajoelha diante deles com os seios a um palmo dos seus lábios, a boca em primeiro plano, quem sabe se disposta a descrever, nessa obscura intimidade do confessor, uma cópula selvagem.” “Olha bem, ontem com as pernas afastadas, derretendo-se de prazer, toda aberta, comendo um homem; e hoje aqui, a mesma, ajoelhada, comigo, com as suas rachas tranquilas, ou talvez não, as mesmas, tão perto de mim... e não me vê. Falando com um macho... Adivinhará no meu silêncio que sofro com ela?... Ontem arfando e hoje aqui, a mesma... Conta-me que se deixou tomar, que se deixa, se deixa... Em todas as suas rachas...” Já então me encontrava persuadido de que as freiras se serviam das velas dos conventos para os seus prazeres solitários. Pénis de cera, sempre diante dos olhos... Visto bem, cada um desafoga-se com

aquilo que pode: o rolo de papel higiênico, uma mulher enjaulada, os círios dos conventos, uma ovelha...

34. O meu pátio de merdas secas.

Relembro hoje outra vivência da minha infância que me aparenta espiritualmente com tipos como Basílio. Na casa dos meus pais não havia sanita propriamente dita, e a fossa que a substituía encontrava-se entupida ninguém se lembra desde quando. Os excrementos flutuavam ao nível do orifício e o cheiro expandia-se livremente por toda a habitação. Se alguém estava doente ainda podia utilizar a casa de banho imunda, tomando cuidado para não se salpicar com a evacuação das necessidades. Mas se estava saudável, tinha que sair para o pátio, fosse Verão ou Inverno, dia ou noite, e defecar onde quisesse. Com os muros meios desmoronados, entre as suas pedras espalhavam-se, intransponíveis e testemunháveis, agrupamentos de excrementos mais ou menos moles, com os seus enfeites de moscas verdes, rechonchudas e ruidosas, e um polvilhar de mosquitos atarantados. Éramos muitos em casa... Para mim, era quase uma aventura sair ao pátio e procurar o lugar adequado onde me pudesse contrair e me evacuar. Recantos limpos, livres de fezes, eram poucos, pedregosos e de difícil acesso, o que nos obrigava a farejar por toda a parte até nos determos nas partes transitáveis onde as merdas já tinham secado. O dever fazia-se ali com o maior decoro, a salvo do

mosquedo e do fedor extremo, ainda que fosse inevitável regressar a casa com os sapatos enlameados.

Tenho a impressão que Basilio deve experimentar sensações muito parecidas às que me ligam àquele pátio em ruínas quando, ainda a saborear a sobremesa, se dirige noite após noite ao casebre do burro e procura um sítio para defecar sem pisar as disposições dos dias precedentes.

As merdas secas incomodavam pouco e já somente cheiravam. Por isso as estimávamos... Dir-se-ia que a doença respeitou um habitáculo tão insalubre, consentido que crescêssemos robustos e alegres – da mesma forma que também não assedia a choça miserável do pastor, que costuma jantar lado a lado com o seu cão, no mesmo recipiente onde depois os gatos raparão as sobras. Muito há a observar acerca da obsessão higienista que domina hoje as populações...

Desde que o asseio pessoal serve de base para um negócio, e conforme o homem se afasta fatalmente do seu substrato orgânico, as coisas mais simples deste mundo tendem a converter-se em rituais obtusos. Que imagem mais desanimadora, a desses rebanhos de mulheres revoltadas contra a o seu próprio odor corporal e fedendo (todas) a uma idêntica poção francesa, feita, ao que parece, com urina de gato como fixador e umas quantas ervas de laboratório! E quem teria a força de um Diógenes, o Cão, homem-homem, que dizem ser cínico, a masturbar-se na Ágora! Reivindico hoje o curral de Basilio, onde se acumula o futuro adubo dos seus

campos; e o meu pátio cheio de merdas secas, no qual cagar era divertido e, além do mais, se fazia ao ar livre.

Mesmo que o preço seja a incompreensão, o homem desesperado, como animal humano, restabelece a franqueza elementar através das necessidades do seu corpo. Sem sublimá-las, satisfá-las com uma máxima economia de meios. *Não ama: fode.*

35. Espelho da minha desordem.

Reparo agora que este trabalho, escrito aos tram-bolhões, caprichosamente, aparece, sem pretensões, como um espelho da minha própria desordem interior. Espelho de quanto fiz com a minha vida, de quanto ainda farei... A ausência de norma, de modelo, de projecto; a falta de rigor aparente, o caos das motivações; a quebra com todos os Planos, com qualquer Finalidade, com o menor Sentido; tudo isso identifica profundamente o meu espírito com esta obra – poder-se-ia sustentar, portanto, que me reflecte de alguma forma. Ainda assim, o que sugere de maneira precisa, intencionada, é o carácter, *a índole própria e distintiva (tal qual a minha imaginação a sonha) de uma existência e, talvez, de uma prática intelectual não-esperançadas, alheias à transcendência da esperança.*

36. Acto sem metáfora.

A angústia de não saber o que continuar a escrever,

como a de não prever o que ocorrerá no dia de amanhã, dissipava-se por si só, sombra que apaga a tempestade, diria que por um arrebatado deste meu cérebro descendido; e nada no parágrafo que acabo de redigir seria (pelo menos para mim) previsível na sequência dos textos que o antecediam. Por isso, no meu caso, a escrita não evoca a organização de um périplo, de uma estadia em terra alheia, essa administração do levemente inesperado em que se cifra o prazer frio e esvaído de viajar. Concebo-a, quanto muito, como acto sem metáfora. Na verdade, a escrita, para a qual não encontro imagem, converte-se muito nitidamente numa alegoria (única) da minha vida. *A escrita da minha existência.*

37. Querem-se as asas partidas, cortadas;
quer-se a prisão, deitado fora o cadeado.

Não me irei embora. Continuarei com ela, cuidando do nosso filho, até que o tempo, ou então a morte, nos desgarre. Nos parta em dois. Ou em três... Até que um porvir convulso, agora inimaginável, nos separe brutalmente e nos devolva ao desamparo de viver por si mesmo. Quem sabe um doce, doloroso e inútil desamparo... Se não espero nada da companhia, também não espero da solidão. Por outro lado, ainda que ela o pretenda, não conseguirá *corrigir-me*: nenhum ser detém, nem que seja remotamente, esse poder sobre mim...

Quando um homem se deixa influenciar por outro, é, na verdade, a sua vontade – ele fala dos seus desejos –

que decidiu sucumbir à influência. Quer essa servidão. Submete-se livremente. Se eu mudo, não o faço pelas pessoas que tenho à minha volta: pelo contrário, procurei esse círculo determinado de próximos e conhecidos para me impulsionar a mudar. As mulheres não atam os homens; para não voar, os homens cortam as asas com o estilete das suas mulheres. Temendo sentirem-se livres, as mulheres procuram a mão cruel, diligente, dos seus companheiros para atirar fora o cadeado da prisão onde, em segredo e de uma forma inconfessável, anseiam ficar. Desejando a segurança da prisão, amamos o carcereiro. Querem-se as asas partidas, cortadas; quer-se a prisão, deitado fora o cadeado. O *outro* nada pode fazer se esse desejo de não voar, desejo de renunciar à liberdade fugitiva, não fez já moessa na suposta vítima da dominação.

Por isso continuarei aqui, com ela, vendo de que torpe maneira tenta, em vão, transformar-me; ou notando como, em parte, me reforma, pacientemente, dia após dia, quando, sem que o saiba, esse é por agora o meu desejo, anulada a minha resistência. Para continuar a ser o mesmo, e endurecer-me perante as tentativas homogeneizadoras do exterior, ou para ser outro, mudar de pele e, talvez, de coração, ela será o meu instrumento. Não ficarei na sua sombra. Mas também não fugirei. Não a afugentarei. Como uma criada que obedece pelo seu próprio interesse, que come restos e rouba da carteira do seu amo, ainda tem de andar ao meu ritmo, arrastando o seu filho...

Basilio, capaz de ter independência, desistiu de gastar energias a procurar companhia. Está bem que os seus cães corram atrás do cio das fêmeas, mas não ele. Como as vicissitudes da sua existência não o amarraram a nenhuma mulher, seguiu em frente sozinho, tão feliz como sempre, e igualmente desafortunado. Não procurou instintivamente uma esposa, como o fizeram os seus vizinhos. Houve mulheres que sabiam onde estava; se não lutaram por apropriar-se dele, se não se cravaram às suas carnes como chatos, nem elas perderam nada importante, nem ele tampouco perdeu. Distanciou-se, assim, do hábito mais comum. Olhou para outro lado. Tendo-se afastado do caminho, desse e de todos os outros, jamais poria o seu pé em trilhas deixadas por quem quer que fosse... Dos outros, nunca esperou nada.

38. A infâmia do amor.

O imaginário do amor está de tal forma fundido com o narcótico da esperança que não se poderia abdicar desta última sem nos desiludirmos em relação ao primeiro. Perante a volatilidade do desejo, o amor estabelece cláusulas imaginárias de continuidade, fundando a sua pretensão de “duração” na esperança das contrapartidas oferecidas pelo *outro* – comunicação, apoio, defesa, companhia,... A ilusão das contrapartidas sustenta, por sua vez, a esperança da felicidade futura, garantia da solidez do vínculo. Mascara-se, assim,

o penoso parasitismo da relação, a debilidade intrínseca dos sujeitos, incapazes de enfrentarem sozinhos a existência, a corda para enforcar a independência com que nos amarramos a outrém no interior da prisão conjugal, a certeza do tédio vindouro, o infinito da renúncia que se impõe ao corpo e a devastação cruel de todo o amplo campo do desejo. Em prol de uma esperança vã, o homem tortura-se...

Quando correu o rumor de que chegaria à aldeia um camião repleto de mulheres latino-americanas, tarefa de mulheres casadeiras dispostas a conviver com os pastores jovens velhos (quase todos) a troco de um pouco de dinheiro e de nacionalidade, Basilio colocou imediatamente a questão capital: “Quanto nos dariam por elas os de Veguillas se as trespassássemos depois da estreia?” E, noutra ocasião, disse-me: “Eu não digo que as mulheres sejam más; mau é aquilo que fazem com os homens. Quando dois se juntam, um deles tem que ser *a força*. E, pelo que já se viu desse provento, se o homem é *a força*, é mau para os dois; e, se é a mulher, é mau para o homem.”

Que resta de um homem subjogado por uma mulher? Que resta de um homem que subjuga uma mulher? Que resta de um homem e de uma mulher convencidos de que num casal não tem de haver subjugação? Resta, nos três casos, a estupidez; e, só por último, a estupidez esperançada – miopia do benevolente.

Já perceberam a contradição: como posso eu, com uma mulher ao meu lado, que não vou abandonar, e

que há páginas atrás me considere livre apesar da sua presença, escrever isto...? Pois bem, posso. Porque, apesar de me contradizer, estou intelectualmente vivo. Vivo.

Acabo de enganá-los: não existe contradição. E existe a possibilidade de que, não sei quando, me tenha defenestrado intelectualmente. Não existe contradição porque me considero um subjugador, um estupidíssimo subjugador de uma mulher. Estúpido, mas sem esperança. Ou, se calhar, também me enredo agora num emaranhado de uma Ilusão, cego de orgulho; e, na verdade, ela domina-me, tiraniza-me, move os fios da minha vontade com uma mão invisível e que mata... Ainda assim, sou estúpido e estou felizmente desesperado.

Uma última questão: que têm contra a estupidez? Eu, nada. Porque ela se encontra a meu lado, atrevo-me a prescindir dos caritativos rolos de papel higiênico. Desde que está a meu lado, não existe um pátio de merdas secas. Porque me acompanha, torna-se mais fácil a minha existência. E eu, pequeno, covarde, incapaz de estar só, reprimido, mutilado, torturado, estúpido, prisioneiro, doente, parasita-parasitado, incompreensível, posso, dessa forma, escrever.

Falando tão mal de mim, falo pior da escrita. Basilio, que não escreve em parte porque não sabe ler, nunca fala mal de si mesmo. Nem mesmo de ninguém.

Creio que escrevi uma página memorável. Lembrar-me-ei dela ainda alguns minutos.

Tudo isto para sublinhar a infâmia do amor? Será que nunca poderei falar de um tema sem falar de todos

os outros ao mesmo tempo? Escrever é simples; mas, como se pensa? *Consegurei alguma vez sujeitar a meditação, agarrá-la como a mulher que amo e desconheço? O pensamento é mulher? Infâmia da reflexão?*

39. Abominar a posse.

O prazer da posse é enganador: como gozo particularmente efêmero, pestanejar desmotivado da vontade, consuma-se rapidamente assim que o objecto é adquirido e acrescenta, então, sem remédio, um prazer de ordem superior, que aparece como o seu exacto reverso – o deleite do abandono. Assim que uma coisa é conseguida, assalta-nos rapidamente o desejo de renunciar voluntariamente a ela, a vontade de perdê-la, de fazer que não seja nossa. Assim tornamos dupla, amplificamos, a nossa vitória sobre o objecto: representa tão pouco para nós, apesar do trabalho que nos deu, que nos desprendemos dele deliberadamente. Conquistado, deixou de nos interessar. Eu, que desfrutei ao passar um difícil exame de admissão perante o corpo de docentes do bacharelato, diverti-me ainda mais ao renunciar à minha brilhante condição de funcionário. Para me resarcir do sacrifício de tempo e de energias que me exigiu a obtenção do doutoramento, nunca fiz uso desse título. O que amealhava em três anos, gastava num mês – e afundava-me na miséria. As mulheres que se sentiam atraídas por mim, não me excitavam; e as que me ofereciam resistência mas que acabavam por ceder aos meus

propósitos, ganhavam, nesse instante, o meu aborrecimento. Os livros que se rendiam à minha inteligência, influenciavam-me em muito pouca medida; enquanto que aqueles que, claramente herméticos ou simplesmente confusos, ludibriavam as minhas capacidades de compreensão, deixavam uma marca profunda no meu espírito. Abandonei, por fim, tudo aquilo que possuí: amigos, objectos, títulos, trabalhos, possibilidades. Farto de questionar tudo sem esforço, comecei a criticar-me a mim mesmo. Quando me cansei de destruir o que me rodeava, comecei a devastar-me metodicamente. O prazer do abandono dominava-me até ao ponto de lutar pelas coisas só para depois me desembaraçar delas. Ilustrava, assim, a vingança do proprietário: consciente do opróbrio do “querer mais”, do desgaste que envolve o acumular de bens supérfluos, orgulha-se como um nés-cio por “poder jogar fora”...

Existe, no entanto, um terceiro prazer, de ordem insuperável, que consiste em abominar a posse. Dando como um dado adquirido que qualquer coisa que desejemos acabará por cair nas nossas mãos se a perseguirmos com suficiente empenho, comprazemo-nos em desistir de correr atrás dela. Já que tudo está ao meu alcance, ainda que com um determinado preço alto, não quero nada. Sabendo exactamente que caminho deveria tomar para conseguir um lugar na Universidade, continuei a avançar pelo caminho oposto. Conhecedor do tipo de escrita de hoje em dia, pratico outra. Vivo numa choça, quando poderia viver num chalé de luxo.

Uso sempre roupa em segunda mão, ainda que custasse muito pouco andar amiúde com roupas novas. Renuncio absolutamente ao consumo porque não tenho motivos para me privar do suplementar. Dispondo de capital, não me interessa o que a fortuna propicia. Este terceiro deleite, através do qual o rico se vinga do próprio dinheiro, como o poderoso do abastecedor da sua fortaleza, distingue o homem desesperado: desconcertando todo o observador superficial, não espera nada daquilo que amealha (inteligência, capacidades de sedução, meios económicos,...). Basilio nunca fará nada com os seus milhões, como eu também não explorarei a capacidade de escrever que em segredo detenho. O seu trabalho, e o meu esforço, arraigam-se ao gratuito – alheios a qualquer finalidade, carecem de sentido. Com as nossas tarefas preenchemos o vazio do tempo, sem a pretensão de fecundá-lo com propósitos. Como uma planta que floresce para nada, nós existimos apenas para a sepultura. Da nossa passagem pela terra só tirarão proveito os vermes. Nos antípodas desta determinação do nosso carácter, fonte de um prazer incomensurável, encontra-se o dissimulado desejo de propriedades.

40. Morrer ou fazer outra coisa.

Ao cair de uma tarde de Fevereiro, Basilio esteve a ponto de perecer por culpa da galinha morta. Perante este facto, multiplicaram-se de novo as interpretações: para uns, tendo realizado um esforço imprudente, a

sua hérnia tornou-se maior em consequência disso, o que levou o desventurado, não podendo fazer frente à infecção, a perder o conhecimento devido a tanta dor; para outros, deu-se, por acaso, um agravamento terrível do testículo inflamado, ficando momentaneamente sem sentidos; por último, segundo a suspeita de Ernesto, teoria que muito poucos partilham, alguém que sabia dos costumes do pastor, deu-lhe uma tremenda pancada e roubou-lhe o maço de notas... Seja como for, o certo é que um camionista de Alobras viu no meio da neve, perto da uma valeta, o corpo jacente de Basilio, mais rígido que a virtude, descomunal como a noite que se alçava e sangrando a jorros tal qual uma besta ferida. Mudando de direcção, levou o acidentado para Teruel, onde foi socorrido pelos Serviços de Urgências e imediatamente hospitalizado. Examinando o assunto friamente, parece-me mais convincente a versão do próprio pastor: “Não é que a galinha esteja de todo morta; por vezes, mexe-se.”

O camionista ficou bastante impressionado com o comportamento de Basilio. Recuperando o conhecimento pelo trajecto, saudou educadamente o seu salvador e ficou em silêncio. “Era-lhe indiferente o que poderia fazer com ele...” – conta o condutor. “Perguntei-lhe se o deveria levar para as Urgências e ele respondeu com toda a tranquilidade: ‘Você faça o que achar melhor’. Insisti se preferia que o levasse para a aldeia e respondeu-me quase da mesma forma: ‘Faça o que lhe convenha’. Irritado, parei o camião; e disse-lhe que, ou

se decidia, ou o deixava ali mesmo. E ele fez um gesto como que para descer do camião. Então arranquei e dirigi-me a Teruel. Aguentava-se com as duas mãos no baixo-ventre, donde sangrava sem cessar...”

Comentando a peripécia com o meu amigo, confessor-me “tanto me faz reparar a carroça como vender os machos. Vi que podia morrer, e não me pareceu mal; depois vi que ainda me podia salvar, e também não me pareceu mal. Daí que esperei uma coisa ou a outra, sem esforçar-me muito.” Hoje como ontem, tal como no dia de amanhã, tanto faz a Basilio morrer como fazer qualquer outra coisa. Não só não teme a morte: é-lhe indiferente que chegue antes ou depois. “Começamos a morrer já nas entranhas da nossa mãe. Como todos vamos a caminho da morte, de pouco serve encurtar o caminho. *Acompanha-me o facto de saber que não vivei para sempre.*”

Estamos perante uma das implicações mais pungentes do carácter desesperado: dessacralizada a vida, a morte é compreendida na sua justa proporção. Nada a exaltar na primeira, nada a denegrir na segunda. *A vida e a morte aparecem como as duas faces de uma mesma moeda desvalorizada: lançada ao ar da existência a cada dia que passa, pode cair para cada um dos seus dois lados.* E, apesar de tudo, não existe nada nela de extraordinário. O homem está vivo como também estão os ratos, as formigas que sucumbem sob a sola dos nossos sapatos, a alface que degolamos na horta, essa mosca, o peru que irão comer no dia de

Natal... Aqui não existe magia, nem milagres, nem maravilhas. É o mais trivial do mundo. Passa-se o mesmo com a morte. Passeamos pelo bosque e a nossa satisfação custa a vida a milhões de insectos. Lança-se uma rede de pesca ao mar, e já está preparado o massacre. As crianças torturam e acabam por matar, com seriedade no seu jogo criminal, a relutante borboleta que perseguiram entre risos... Assim, como não esperamos outra vida, também não temos de esperar nada desta. Se a vida não é, em si mesma, algo estimável, muito menos valor tem o suicídio. Não vale a pena o esforço para acabar com esta existência insignificante... Para além disso, o desespero não supõe de nenhum modo uma aversão à existência: tiramos-lhe o seu valor, simplesmente. Viver não é uma grande coisa. Que importa morrer antes ou depois, se não existe nada a conquistar, nada para o qual o nosso desejo aponte? Que importa morrer amanhã ou dentro de cinquenta anos, se o tempo está vazio *e nenhuma ilusão o fecunda de mentiras*? Evidentemente, pouco importa. Basílio sentiu-o sempre dessa forma, daí que não tenha lutado por subsistir no dia que a sua galinha moribunda se mexeu. Eu sinto-o dessa forma hoje em dia.

Se o “instinto de sobrevivência” não constitui sequer uma versão laica do cristianíssimo Anjo da Guarda, se, para além de ocultar a fragilidade e a indefesa humana, trabalha, de alguma forma, em benefício do homem, esse cúmplice duvidoso da mania de perdurar encontra-se em nós sumamente debilitado. Não

procuramos a morte, poderíamos antes dizer que fugimos dela, mas tudo isso por formalidade, sem espalhafatos, talvez por um simples recear do Nada desconhecido ou porque temos entre mãos alguma pequena empresa que não queremos que fique inacabada...

41. Praticante, mas não crente.

A apresentação da personagem de Basílio e a minha relativa ocultação servem para fazer uma crítica às categorias fundamentais da Ratio moderna. Esta crítica, absolutamente isenta de originalidade, adota o motivo da Esperança como postigo; e não acrescenta nada que não se tenha já repetido insistentemente, noutros registos, com uma maior profundidade e uma perspectiva mais alargada. *O desordenado bazar do pensamento moderno não deve abrigar a ilusão de que também eu forneça bugigangas de novas ideias.* O que é estranho é que existem tipos como Basílio, praticamente analfabetos, “vivendo” quase desde sempre esse conjunto de certezas penosamente alcançadas pela reflexão filosófica contemporânea. Sem saber o que é o logocentrismo, o homem da galinha morta entre as pernas coloca a sua vida, e cada uma das suas escassas palavras, fora dessa órbita onto-teo-teleológica. Por um lado, eu, papagaio louco de uns quantos teóricos do nosso tempo, sou, além do mais, um fantoche. Incapaz de pensar como eles, não consegui, nem mesmo, viver como ele. Por outro lado, eles não são mais do que sacos de

palavras, charlatães que vivem uma realidade diferente da dos seus discursos. Filósofo profundo, verdadeiro, pensador selvagem, Basilio ignora até que ponto uma quadrilha de escritores dão letra à música da sua vida, ao mesmo tempo que o consideram “impossível” enquanto pessoa. Mas Basilio é real. E esses filósofos, desde algum ponto de vista, parecem-me “impossíveis” enquanto teóricos.

Enquanto estes, por exemplo, criticam a generalidade e o nível de abstracção da Ratio burguesa, ele, que nunca fala através de termos conceptuais, varreu da sua existência o preceito de qualquer idealização moderna: Ciência, Ilustração, Progresso, Verdade, Razão, Liberdade, etc., nem sequer são palavras para Basilio. São a confusão que na verdade significam: um “nada” intrincado. Eu tive de suportar a forma como os meus antigos professores me enchiam de sentido a tigela vistosa de tais termos; e como os meus posteriores tutores intelectuais, pretendendo estilhaçá-la, procuravam ousadamente esvaziá-la. Ele, poupando-se a esse percurso, não viu nisso o menor problema. Intrujices, fantasmagorias, fumo que se dissipa, nada de nada: tais abstracções constituem tudo isso para o meu amigo, que podemos acusar de “inculto”. Mas não são mais do que isso. E o seu desconhecimento não poderia ser mais claro: de que nos serve *conhecer* a fundo aquilo que não existe?

Basilio ainda lavra os seus campos com o arado romano, puxado por poderosos burros, como antiga-

mente. Curioso em relação ao que seria o Progresso, comprou um tractor e encarregou um vizinho de o usar para que trabalhasse as suas terras. Não gostou do resultado. Guardou, então, o veículo num velho armazém de trigo, de onde não voltou a sair, objecto de desprezo e não tanto de esquecimento. Na sua opinião, “a terra agradece mais o trabalho com o arado antigo.” Sobrepõe a qualidade do trabalho ao critério da rentabilidade e do tempo investido, prescindindo assim da máquina. Experimentou também uma motocicleta e não ficou convencido da sua utilidade, escassa fora do asfalto. Regressou de seguida às cavalarias de sempre e estacionou a mota ao lado do tractor, no “Armazém do Progresso”. Nunca utiliza o telefone, opondo-se desde o início a que lhe explicassem como funcionava: alegou, no dia da sua instalação, que o queria para receber chamadas, não para fazê-las. “Se alguém quer falar comigo e não está aqui, parece-me bem que o possa fazer. Eu, pelo contrário, se não vejo a sua cara, não quero fazê-lo.” Odiou o ruído da máquina de lavar roupa e arrumou-a a um canto para sempre. Basílio, por fim, não usa relógio. Não gosta e não necessita dele. “Se tenho de me encontrar com alguém, o melhor é vermo-nos ao nascer ou ao pôr-do-sol, momentos do dia que são iguais para todos.” Tão simples são as relações deste homem com o Desenvolvimento Científico e Técnico da Humanidade...

Sobre a Libertação, não esgrime mais do que uma ideia, clara e concreta como o seu falar: “Que posso sa-

ber eu do que é a Liberdade?” Sente-se “solto, com rédea solta, sem amo.” Para além disso, não tem opinião. “Cada um levanta a carroça desta vida à sua maneira.” “Ciência” é “o que fazem os cientistas”, o que não pressupõe, bem pelo contrário, que façam algo de valor. “Racional” é “o que se ajusta ao que as coisas parecem”, venha de quem venha, professor, pedreiro, bruto ou eminência. Etc.

Noutros domínios, Basilio revela-se simplesmente como *um homem da aldeia*. E, da mesma forma que nós aceitamos os dogmas dos conhecimentos científicos sem os questionar – ou seja, da superstição científica –, ele respeita e acata os ditos da tradição popular (amiúde, superstição supersticiosa). “Às segundas não se deve dar sal às ovelhas porque ficam coxas; às terças também não, porque faz mal aos olhos; as quartas são dias maus, não se sabe bem porquê; às quintas sim, pode-se-lhes dar sal sem medo.” Mas enquanto nós assumimos os princípios científicos com uma expressão solene e um pouco néscia, ele, que segue esses costumes, aceita-os sorrindo, com um ponto de cepticismo quase irónico na sua confiança. “Quem sabe não é bem assim, mas aqui fazemo-lo dessa forma.” Considera que se encontra provado que o molho de azeite e alho não sai bem, porque se desfaz, “se estiver por perto uma mulher com o período ou um homem porcalhão a coçar os tomates.” Ao perder um animal, o aconselhável é voltar para casa e rezar uma oração – ainda que não seja crente – a Santo António. Para curar o mau-olhado, o

seu procedimento é tão largo e estranho que desistiu de descrevê-lo para não me aborrecer... Basilio foi educado na fé cristã. Quando era jovem, diz, “era praticante, mas não crente.” “Não fazia mal a ninguém ir à missa, mas daí a acreditar em deuses e virgens há uma longa distância.” Mais tarde, deixou também de ser praticante, excepto no que toca à oração que faz aparecer as ovelhas perdidas.

Nós, que acreditamos na existência de “forças (militares) de paz”, “missões de paz” levadas a cabo por soldados; nós, que votamos, sem desesperar, em partidos que nos enganam e oprimem; nós, que mudamos de pensamento de acordo com os programas de televisão; nós, que trabalhamos toda a vida para pagar uma casa e fazemos horas extraordinárias para podermos adquirir compulsivamente, febrilmente, esses artigos, geralmente inúteis, com que a inundamos; nós, que encerramos pais e irmãos em manicómios horrorosos se um psiquiatra infeliz o recomenda; nós, que toleramos a pena de morte em muitos países à nossa volta, que detestamos os ciganos e os imigrantes (“e com razão”, acrescenta-se); nós, crentes até à estupidez, supersticiosos de uma outra forma, ignorantes do desconhecido,... não temos nenhum direito de nos rirmos dos ‘conhecimentos` de Basilio, que, no fundo, e da mesma forma para os âmbitos alheios à religião, me parece *“praticante, mas não crente.”*

42. Pequena viagem de dor que a nossa hipocrisia denomina “viagem de prazer”.

Basilio nunca saiu do território da aldeia e dos seus pastos. “Viajar deve ser muito aborrecido. Estar sempre a ver coisas diferentes, e já está.” Esta é a opinião do meu pai, que este homem toma como sua com algumas nuances. “Não compreendo isso de ir a um sítio para depois regressar. As terras existem para que as vivamos.” Nós, os homens civilizados, para nos livrarmos do tédio, inventámos essa pequena viagem de dor que a nossa hipocrisia denomina “viagem de prazer” e que se resume, mais exactamente, nas palavras do meu pai: “Estar sempre a ver coisas diferentes, e já está.” O meu velho, emigrante, viveu em lugares distintos, *habitando-os* profundamente: desfrutou e padeceu com os costumes das suas gentes, lutou pela existência, assentou e criou raízes, fez amigos e inimigos, amou tanto como odiou, teve medo e infundiu temor, admirou, detestou, procurou compreender e esquecer o seu pesar... O verdadeiro nomadismo situa-se também nos antípodas das risíveis viagens de prazer pequeno-burguesas: mais do que “deslizar” pelas terras, *o nómada cria raízes pelo caminho*. Não regressa, não visita. Incrusta-se.

A ignorância do viajante comum, hoje chamado de “turista”, não escapa ao rigor de uma visão sedentária: tendo estado em todos os lados, comporta-se como se não tivesse aprendido nada em nenhum lugar. Encheu de fotos os seus álbuns narcisistas, aliviou um pouco o

peso da sua carteira de privilegiado, aborreceu depois os seus amigos com o relato jactancioso das suas peripécias sem graça nem transcendência, frivolidade sobre outros homens e dissertou superficialmente sobre curiosidades e raridades de outros países... Finalmente, retornou cabisbaixo à sua posição de parafuso, momento indistinguível da máquina social que o humilha e o vulgariza; regressou à servidão do trabalho, ao fastio inefável do lar, à sua existência insignificante, descolorida e amarga, de escravo bem pago, no melhor dos casos... *Mais do que à procura do prazer, viajava para fugir da dor.*

Basilio nunca se sentiu impelido a escapar deste páramo, nada na sucessão sem sofrimento dos seus dias o incitou alguma vez a partir: estrangeira, a dor nunca se instalou nessa sua casa. “Pela serra, a amargura andou sempre só de passagem.” Os pastores pouparam-se assim ao efémero consolo das viagens de ida e volta; e continuaram, como a maior parte dos turistas, sem saber muito das outras terras e dos outros homens.

É preciso sentirmo-nos devorados por um sofrimento insaciável, presas de uma aflição paralizante, para considerar as vicissitudes de uma viagem de férias como formas de fruição. Temos de nos compreender como réus perpétuos, numa cela muito estreita, para transfigurar a maré veraneante, pequena e periódica, contando os dias, num tipo de libertação. Aponta Basilio: “*Não é por dar mais trela ao cão que ele deixa de ser cão; por poder chegar mais longe não quer dizer que esteja solto.*”

O meu amigo, que desconhece a angústia e talvez se devesse reconhecer como livre, não viaja dessa forma. “Se algum dia saísse daqui, seria para *lutar* noutro lado.” “Lutar” quer dizer, procurar um modo de vida que permita que sejamos os nossos próprios senhores, subsistindo sem obedecer, comendo sem pagar a outro. Quando explico a Basílio as misérias e torturas que levam os funcionários, os professores, os empregados de escritório, a elite dos trabalhadores, etc., a viajar, noto que quase se consterna: “Ah! Então sim... Que viagem! Que viagem! *Se há corda, que seja larga. O cão quer mais eira...*”

A viagem tacanha, com retorno inevitável, do turista por uns dias, baseia-se num substituto da esperança: acreditar que, noutro lugar, se poderá, por fim, agarrar de verdade a existência, desfrutar como não é pensável no território de onde se foge. Esta esperança de um prazer imenso é desde logo atraída pela realidade de um monte de pequenas fruções miseráveis: comer até faltar, até à indigestão, até ao absurdo, como se poderia ter feito no domicílio particular por menos dinheiro; acreditar, se houver sorte, nalgum contubérnio sexual ligeiramente exótico, como facilmente se teria no bairro ao lado; fotografar manifestações artísticas que não se compreendem e que, no fim de contas, pouco interessam...

A esperança do prazer, mil vezes corrompida, renasce, no entanto, das suas cinzas a cada Verão, a cada Natal, devido ao incomensurável horror quotidiano de

viver mal na sua própria penitenciária residencial. Por isso falamos de “viagem de dor”. *Tem de se estar ferido para se viajar dessa forma...* E Basilio transborda de saúde, apesar da sua galinha morta; orgulha-se da sua autonomia, ainda que lhe encha as mãos de calos e a sua face se estrie de suor. Não suspira pelo tristíssimo borbulhar da esperança em que se cifra a viagenszita de prazer filisteu. Desesperou.

Eu, que fui pequeno-burguês, e quase protótipo, prodiguei esse lastimoso turismo até à necessidade: percorri a Nicarágua, a Turquia, os países de Leste, a Escandinávia, o Magreb, etc. E não percebi nada. Também não desfrutei por aí além. Para além de enriquecer um pouco mais a bem montada indústria do turismo, não sei de facto o que fiz. Evidentemente, fiz de autómato. E que mais fiz eu?

Uma viagem autêntica, não de prazer mas de experiência, foi a minha estadia por três anos numa Budapeste a viver sob um comunismo tardio. Viagem de experiência está a ser a minha fixação nesta aldeia, empreendida há já cinco anos. Nos dois casos, transformei-me, tornei-me outro, encarei adversidades e incertezas e lutei por subsistir... Viagens desesperadas, as duas, nada procurava nelas, nada desejava encontrar. Tudo quanto achei, aqui como lá, foi por acidente. Ridículo seria celebrar a duvidosa riqueza das descobertas, fruto da impremeditação e do não desejo; patético, arrependermo-nos de ter voado.

43. Ainda que a verdade seja dita,
ela tem as mãos atadas.

O verosímil mistura-se no meu espírito com o inverosímil. O meu pensamento é uma terra estremecida onde o sustentável coabita com o insustentável. Capaz de ser frio, de pensar com seriedade, o mais sério que acabo por fazer é desacreditar-me a mim mesmo e rir-me das minhas escassas e nada originais ideias. Basílio, pelo contrário, conserva-se por inteiro. Homem antigo, fala pouco, e como se em cada uma das suas observações muito meditadas estivesse a comprometer toda a sua dignidade como pessoa. Não mente. Não exagera. Homem de palavra, a sua palavra vale o mesmo que um documento perante um notário: pondera tudo o que um discurso vazio de hipocrisias possa ponderar. Fala como se, sobre o mármore, tivesse esculpido um epitáfio. A sua pronúncia assemelha-se a um aforismo, a uma sentença. E diria que as suas frases se dispõem como céus carregados sobre um mar calmo de silêncio. Revela o mesmo rigor perante qualquer assunto – nenhum objecto de conversação que possa captar nalgum momento a atenção de uma pessoa lhe parece frívolo. Restitui assim o verdadeiro sentido da comunicação, a sua utilidade. E envolve todo o seu ser na verdade do que diz. Compra e vende de palavra, exigindo do outro a mesma fidelidade absoluta que demonstra nas suas relações. Se uma pessoa o enganasse, lhe faltasse à palavra, falasse a brincar sobre um assunto decisivo para

ele ou se se contradissesse a toda a hora, Basílio apagá-la-ia por completo do seu mundo, recordando-a apenas como um mau sonho fastidioso, uma trapaça irrelevante da realidade. Não compreende os homens que não são feitos de silêncio e de renúncia. Não compreende como se pode falar apenas para preencher o vazio do tempo. Não sabe o que é uma conversa de circunstância. E não responde a todo o mundo: apenas toma em consideração as interpelações daqueles seres que lhe merecem respeito, que, de alguma forma, ganharam o direito de falar com ele. Utiliza a linguagem como se fosse um bem escasso e caríssimo. Não desperdiça expressões. O pior defeito que vê nos seus semelhantes é de que “falam demasiado”. Quando se estabelece uma conversa com ele, o ritmo não é o de uma conversa habitual: escuta atentamente, como se lhe desse trabalho compreender aquilo que lhe dizem; imóvel, quase hierático, medita depois um pouco perante o seu interlocutor; finalmente responde, muito devagar, repetindo duas vezes a sua asseveração – diria que uma para se ouvir a si mesmo e outra para que o oiçam. Se soubesse ler, odiaria a poesia, pelo que carrega de afecção e de tédio; e detestaria os romances, pela sua subjugação à ficção. Se soubesse ler, não o faria. Tem-se a impressão de que para ele a palavra é, muito concretamente, aquilo que talvez sempre deveria ter sido e que hoje já não é: um instrumento, uma ferramenta da necessidade...

A sua concepção da linguagem não deixa, assim, o menor resquício nem para a demagogia, sobre a qual

assenta o discurso político; nem para a sedução, na qual se baseia a literatura. Encontra-se, portanto, muito longe de Artaud, que propunha “usar a linguagem como forma de encantamento.” A palavra, para ele, como uma balança romana, como uma debulhadora, como uma gadanha, serve para o que está feita e para mais nada. Quero dizer com isto que desliga o assunto da linguagem do problema da esperança. O discurso político baseia-se na esperança de que pode existir uma “tomada de consciência”, uma “conversão” do ouvinte – uma certa eficácia sobre o receptor, que se veria impelido a actuar, levado a intervir na luta social seguindo uma determinada linha. Proselitismo e acção andam de mão dada neste caso. A palavra há-de convencer (“iluminar”) e impulsionar (“mobilizar”). Sem a esperança nisso, o discurso político carece de sentido. Por acréscimo, deposita-se também fé na “verdade” da história; espera-se muito desse compêndio de certezas que deveria rearmar a vontade de progresso da Humanidade. A crise actual da história da Libertação, fundada, segundo parece, numa corrente de verdades invencíveis, mostra o absurdo dessa dupla esperança. Actuam forças exteriores à linguagem, independentes do discurso, capazes de aniquilar o seu suposto potencial consciencializante e mobilizador. *Ainda que se diga a verdade, essa verdade tem as mãos atadas; chegando ao homem, não o faz agir.* Daí o fracasso da demagogia, mesmo na sua vertente revolucionária... O discurso literário apoia-se, por sua vez, numa esperança ainda mais vã: a de que existe

um código universal da fruição e um critério absoluto do valor. E não vale a pena insistir de que isso a que chamamos “arte”, aborto suspeito de intelectuais, funciona e circula exclusivamente por canais de elite, pouco ou nada dizendo ao público “não ilustrado”. Por outro lado, não contamos de modo nenhum com a menor garantia de que a “boa literatura” (se é que existe) seja a mesma que esteja inscrita na tradição culta, oficial, dominante. Questionada também a justificação do discurso de sedução, só resta à palavra a tarefa humilde, sem brilho, que Basilio lhe confere: servir os homens nos seus assuntos rotineiros. E não fazer-lhes cócegas para lhes dar prazer ou educá-los com não sei que verdades esplendorosamente redentoras...

Esvaziada, a linguagem recupera o seu antigo valor pragmático. Basilio fala para comprar, vender, trocar, pedir ou dar ajuda. O resto da sua vida encontra-se envolta em silêncio. A mim dirige-me a palavra como se me fizesse um favor. E rebaixa-se a conversar comigo, patético charlatão sem cura, movido por um sentido de apoio mútuo elementar: hoje em dia, essa é a ajuda que peço e que a sua humanidade não me nega. Se divaga diante de mim, é por um problema que tenho de debilidade e de inconsistência.

44. Sempre que pode, não mata.

A relação de Basilio com os animais também não carece de nuances. Cuida escrupulosamente do seu reba-

nho, vivendo numa estreita camaradagem com as suas ovelhas. Dorme a sesta com elas, à sombra dos arbustos, quando os tórridos meios-dias estivais subjugam até os cães ao sopor; e dormita mais de uma noite entre as suas lãs, ao relento ou em abrigos de circunstância. Veste-se fundamentalmente com as suas peles, bebe o leite das cabras e aduba os campos e hortas com o estrume acumulado nos currais. É acima de tudo carnívoro, alimentando-se sobretudo dos cordeiros que, por doença ou acidente, não consegue fazer com que cheguem a ter um peso suficiente para venda; das ovelhas velhas que é necessário substituir e dos machos caprinos também doentes, sacrificados para fazer chouriços e fumados. São raras as vezes que escolhe para consumo um exemplar jovem e saudável: estes são para comércio. Basta-lhe, assim, os restos da sua própria produção. Carniceiro habituado, não se gasta nesse ofício. Mas também não sente qualquer reserva moral perante a vida que tira: “Estes animais existem para que os homens vivam. Cuidamos deles para que eles cuidem de nós. E se você quer comer carne, mate eu o cordeiro ou qualquer outra pessoa, *foi você quem conduziu à morte.*” Sempre que pode, não mata; no entanto, a sua consciência não encontra alívio de nenhum tipo ao “delegar” nos outros a tarefa suja do sacrifício e ao consumir depois o manjar disfarçado pela cozinha. Nisto também se opõe à sensibilidade moderna e à sua contradição implícita: grandes degustadores de carne que não “suportam” a visão de uma matança e que não “podiam” degolar o animal

que depois devorarão com prazer. “Não desfruto ao matar, mas também não me encolho.”

Este homem vive numa aldeia de alta montanha onde o Inverno frio e prolongado castiga, com dureza, as hortas; onde não se abriram lojas e a alimentação baseia-se forçosamente numa combinação múltipla, ainda que simples, de carne, cereais e batatas. A sua relação com a vida tornou-se, assim, subtil: lutando pela sobrevivência de cada cordeiro, confrontando-se diariamente com os problemas infecciosos do gado ovino, desvelando-se, em suma, pelo bem-estar dos seus animais, logo agarra na faca e acaba com eles como se cortasse folhas de erva. Algumas vezes, vê-se obrigado a sacrificar exemplares de que chegou a gostar mais do que qualquer pessoa – esse é o caso das ovelhas de criação, cuidadas com esmero durante toda a sua existência e finalmente eliminadas por causa de um envelhecimento injusto. Refiro-me ao facto de Basilio assumir a crueldade que hoje é inerente à espécie humana – ou, pelo menos, a pulsão de matar que caracteriza o homem contemporâneo. Nunca teve esperança num mundo sem violência. “Se fazemos isto com os animais dos quais dependemos, que não faríamos com um homem inimigo. A morte faz parte do homem.”

Basilio não simpatiza excessivamente com os seus congéneres; ainda não encontrou motivos para estimar, de alguma forma, a espécie da qual faz parte. Não descobre no homem as qualidades que observa no resto dos animais domésticos ou selvagens. Por isso, não

espera nada dos seus semelhantes. E não acredita que estes animais sem sentimentos, que comem carne mas não podem matar e que, para além disso, guerreiam com os seus vizinhos e são então capazes de cometer esse crime, que caçam por prazer ou desporto e depois atiram os cadáveres aos cães, que queimam bosques para fazer algum negócio e envenenam mares sem arrependimento, que falam cobras e lagartos uns dos outros como se o ódio lhes fosse fraterno, que da mesma forma roubam os mais débeis numa viela à noite como numa fábrica à luz do dia, que enviam os mansos e os humildes para morrerem na mina ou para assassinar num país ocupado, que organizaram uma convivência baseada na exploração de uns pelos outros; estes animais, que até hoje não souberam viver sem causar dano, sem oprimir ou deixarem-se oprimir, aparentemente desprovidos de toda a inteligência, loquazes e vazios, armados até ao fundo do coração de leis sanguinárias e regulamentos homicidas; estes animais, enfim, hipócritas, falsos, enganadores, de que não nos devemos fiar nunca, com uma vontade subjugada e o desejo adormecido pela depredação, possam algum dia coexistir no seio de uma sociedade pacífica, igualitária e livre. Acredita mais que isso fosse possível entre as suas ovelhas do que entre os homens; antes entre os veados do que entre os homens; antes entre os javalis, as perdizes, as lebres. Entre os homens, nunca. Não conserva a menor esperança em reparar, de uma vez por todas, os danos causados pela espécie humana. Deve o

seu desespero ao formidável ensino da vida animal e à sua própria experiência de carnicheiro desalmado.

45. A ética imunda do trabalho bem feito.

Eu, por ter criado e matado cabritos, não descobri apenas o próprio fundo da crueldade de que sou capaz. Também compreendi algo do processo através do qual nos tornamos progressivamente insensíveis à morte e às dores alheias. O que, fechando-nos os olhos por horror ao crime, nos permite infligir vexações aos seres que dominamos, conscientes da sua impotência, é, em muitos casos, a “ética” do trabalho: “um trabalho bem feito”, esse é o objectivo, aparentemente inocente, que obscurece o atroz do proceder, ocultando-nos a pistola apon-tada, silenciosa e mercenária, em que convertemos a nossa alma. Ao pretender realizar a tarefa de um modo tecnicamente perfeito, esquecemo-nos do seu correlato de sofrimento e de horror.

Ser um bom carnicheiro. Saber matar. Ser um bom professor. Saber torturar a juventude, saber oprimi-la, saber corrigir-lhe o carácter, saber subjugar-la, saber aplicar-lhe a violência do exame, saber submetê-la ao arbítrio da autoridade, saber humilhá-la através da qualificação, saber sentir-se superior devido ao espectáculo de um poder que se exerce gratuitamente, saber matar a crítica, saber matar a inquietude, saber matar o desejo de aprender. Saber matar. Ser um bom carnicheiro. Tudo isso e, é claro, o dinheiro: os mil tostões que vale um cabrito,

a folha de pagamento do professor. Trabalhos bem feitos. E a dor do outro... Basilio não se engana a esse respeito. E, hoje em dia, eu também não, ainda que tenha estado muito próximo no passado.

Cravar o estilete no ponto exacto para que brote uma torrente de sangue; cortar a pele de forma limpa, com tesouradas direitas e enérgicas; tirar a pele com as mãos, sem arranhar; extrair as vísceras com cuidado, evitando rupturas e derrames. E uma boa apresentação ao comprador. Da mesma forma que chumbar com argumentos de sobra; tornar evidentes os erros do aluno, os seus maus modos; envergonhá-lo e ofendê-lo sem que a sua ira expluda; conseguir que perca os seus hábitos anti-sociais, os seus costumes inadequados... Bom professor, com noventa por cento dos alunos chumbados. Carniceiro!

46. Odiando a modernidade.

Chegado a este ponto, declaro-me satisfeito com o presente trabalho. Creio que não carece de sentido. Está a permitir-me desabafar a minha raiva contra a vida moderna. Porque odiarei tanto a modernidade? Talvez porque não me deixa inventar uma existência sem ídolos e importuna-me, molesta-me, fustiga-me como uma moral de beato. Tive que padecer da sua moléstia no dia em que abandonei Espanha, pátria designada que nunca amei, para me instalar na Buda-pesto do bem-estar comunista, subjogado pelo encanto

abominável daquela Hungria virada do avesso. Da sua moléstia no dia em que deixei o Leste, com a suas capitais ruidosas, porque a minha intuição me receitou, para saúde da minha escrita, uma terapia de solidão e silêncio nesta montanha despovoada de Ademuz. Da sua moléstia quando pus ponto final à minha experiência como docente, perturbação de carnicheiro, e me dediquei a conduzir um bando de cabras. Muito antes, da sua moléstia quando corri para a Nicarágua, brigadeiro romântico, para defender o sandinismo sitiado. Hoje mesmo, da sua moléstia por negar-me a consumir, negar-me a trabalhar, negar-me a visitar a família, negar-me a cuidar do meu aspecto, negar-me a vigiar a minha saúde, negar-me a representar o papel de pai e de marido (ainda que me tenha unido a uma mulher e partilhe o meu tempo com uma criança), a aparentar a minha idade de homem já batido, a exhibir a cultura que me forneceram como se me trepanassem o crânio; negar-me a acumular amigos, a desperdiçar simpatia, a falar de temas interessantes, a arranjar a minha casa, a sair, a procurar algo; negar-me, enfim, a ser moderno.

**47. Homem de um futuro que não
conhecerá a espécie humana.**

E que dizer de Basílio? No meio desta aldeia marginal, que não se parece às outras aldeias deste país, e destes homens marginais, diferentes daqueles que noutros lugares se dedicam a fazer o mesmo, Basílio é um

estranho. A sua individualidade roça o absoluto e só é comparável, na sua raridade, ao seu tipo de solidão desconfiada. Individualidade inescrutável, a deste homem só. Índole pasmosamente solitária, a deste ser ímpar... Noutra parte ensaiei, fracassando clamorosamente, uma aproximação à natureza da sua idiossincrasia.

“Na minha condição de professor, de doutor, de cabreiro e de *ido*, sei afugentar da minha palavra a mosca varejeira da repetição insípida e do romantismo vazio. Digam o que digam e responda eu como responda, este homem está aqui, na sua choça, junto do seu ‘macho’, à margem do vosso mundo e, para além disso, das reprovações que perdem a fazer-lhe. Quem o acusa de ignorante, admite, desde logo, que a sua ignorância não é da espécie mais comum. Eu considero-o excepcionalmente inteligente. Se estou certo, essa inteligência inquietante e um pouco indómita, da qual faz gala, não é da ordem da nossa – ou não a usa como nós. Algo melhor do que a inteligência e menos corrente que a estupidez distingue Basílio: é um homem singular, monstruosamente diferente. Não faz parte da natureza dos fósseis, pois estes conservam uma coerência interna que os remete para um tempo pretérito; e ele, nem se assemelha aos homens de outras épocas, nem deixa entrever por nenhum lado o menor sinal de consistência tópica no seu carácter. A propósito da sua forma de ser, apenas arriscarei umas quantas suspeições bastante frágeis, já que o seu comportamento escapa a toda a apreensão racional, ofende a competência de qualquer

sistema lógico-interpretativo.”

Só, único, inconfundível. Basilio não é antigo por não querer ser moderno; não vive no passado por se negar a coabitar no presente; não olha para trás, decepcionado e claudicante, por vislumbrar o encerramento ignominioso de todos os caminhos. Ainda que a desconstrução do Projecto Moderno subsuma a crítica de todas as formas de racionalidade ante-burguesas, Basilio (o seu pensamento, a sua obra) permanece a salvo dessa linha de análise contemporânea. Porque não está “antes” da Ilustração, como também não está “depois”: está *noutra parte*. Nietzsche veria nele um “alegre mensageiro”, trazendo notícias para as quais ainda não existem ouvidos, *missivas de pessoas impensáveis à procura de um destinatário eternamente por nascer...*

Ainda que não possa apoiar esta ideia, para mim Basilio é um homem do futuro – mas de um futuro que muito provavelmente não conhecerá a espécie humana. Homem de *outro* futuro, futuro confinado ao presente, futuro do poder-ser, do caminho recém aberto que não é frequentado por ninguém, talvez porque não leve a nenhum sítio; futuro da porta que se abre para o mar, para o deserto, para o sol, como queria Bataille; poder-ser que está já a ser num homem e que talvez se extingue nele e no seu silêncio, como uma brasa presa num forno de lenha consumindo-se desdenhosa de incêndios irreais. Homem de outro tempo não pretérito, sempre só por ter caído do percurso das épocas; sempre só por não evocar o que foi nem sugerir o que será,

e por não suportar o que fascinantemente hoje é. *Como um Grito infinito sob um céu vazio e no meio de uma noite de breu, radiante, o seu desespero, não se deixando imitar, atravessa a densidade do tempo e dos sonhos, incomunicável por ser intraduzível, enigmático e desolador.* Teve uma forma muito própria de desesperar.

48. Deixou de ser interpretável.

Se Artaud desentranhou em Heliogabalo o que nenhum historiador conseguiu sequer suspeitar, a minha soberbia crê ter descoberto em Basílio um ser que, estando à vista de todos, nenhuma consciência do nosso tempo tende a admitir como “possível”: um homem perturbadoramente distinto. Incisiva, rude, quase canina, a sua alteridade não está contemplada no sistema ideológico moderno consolidado com a burguesia – a sua forma de não-ser-outro não cabe no *logos* da Ilustração. Deixou de ser interpretável. A sua vida escapa de longe à polícia da inteligência contemporânea... Intuímos, sem esforço, o que a Razão (e “já não é o sonho da Razão que engendra monstros, mas sim a própria Razão, insone e vigilante”), à beira de desfalecer mas exercendo ainda domínio, gostaria de dizer, se lhe fosse proposto, de um homem como Basílio: rústico irreflexivo, excêntrico, de uma antiga brutalidade nos modos, cheio de manias, que não sabe desfrutar a vida nem que fazer com a sua grande fortuna; ignorante do campo, hostil à educação, com

uma existência mais bestial do que humana; infeliz, desgraçado que vive só num canto do fim do mundo, incapaz de se relacionar com os seus semelhantes; doente que necessita de ajuda, com falta de tino e sem sentido comum; preso à aldeia, desconhecendo o resto do país e que, por medo ou atavismo, nem sequer deseja viajar; triste exemplo de como se desperdiça uma vida, sem vontade de mudança, sem interesse ou simpatia pelo novo, sem educação, sem nenhuma fonte de enriquecimento espiritual; ser que inspira lástima ou que motiva o riso, ridículo, talvez tarado, marioneta de uma sexualidade reprimida e desviada; egoísta primitivo, sem a menor consciência cívica, ferozmente anti-social e sem sentido de solidariedade...

Na verdade, esta Razão só conta com dois registos, e aqui revela qual deles usa para *executar* com parcimónia. Mas a razão nasceu morta em Basílio. Pesa na sua vida menos que uma conversa de elevador. Por isso é um homem do futuro inconcebível, de um futuro estranho e alheio a esse outro (dissimulado, rasteiro, tacanho) que a Humanidade ganhará como castigo.

49. Marginalidade.

Incompreensível, incompreendido, o meu amigo suporta estoicamente a mordacidade da maledicência aldeã, manifestação imediata dessa espécie de ódio rebaixado que em todo o lado suscita a sua arrogante e espantosa marginalidade. Desprezado aqui e ali, ob-

jecto maiúsculo de vitupério popular, Basilio sabe que é insultado até mais não pelos seus próprios vizinhos (homens, estes sim, antigos e que quiseram ser modernos; homens do passado, vetustos de coração, com estilhaços do presente no cérebro; homens ensináveis, maneáveis, indistintos). Gozam com a sua forma de vestir andrajosa, com a sua casa em ruínas, com os seus inumeráveis hábitos estranhos, com o seu aspecto miserável no meio da riqueza, com a sua eleição pela solidão, com o muito que padece para nada, com a sua galinha morta, com as coisas que diz tão devagar e que repete para que se oiçam melhor, com o pouco que opina, com a sua ovelha mimada e com o seu curral casa de banho, com as notas nas latas de conserva e o milhão que trás no bolso, com o ter sido praticante sem crença e hoje não ser crente nem praticante, com o facto de não receber médicos em casa e com a fuga aos veterinários, com o tractor a apodrecer na garagem, com a moto inútil, com a máquina de lavar roupa estragada e o telefone mudo, com a sua experiência na prisão e a sua passagem pelo hospital...

Não existe nem um só elemento da sua personalidade que não desperte a zombaria do resto dos camponeses, a estupefacção dos visitantes citadinos, o escárnio dos ricos e, ainda com maior crueldade, a mofa dos pobres e *a minha infinita simpatia...*

50. Ócio raquítico.

Um dia, ao falar do círculo vicioso “trabalho excessivo para assegurar um ócio raquítico – ócio raquítico para suportar o excesso de trabalho”, Basilio apontou-me: “Eu estou sempre de férias.” E não mente: nada, salvo a sua livre determinação, a sua vontade soberana, o prende à criação de gado. Não trabalhando por dinheiro, consciente da sua riqueza, fá-lo por um próprio interesse espiritual. A sua vocação é cuidar e conduzir rebanhos. Ao não padecer de um emprego como uma obrigação inevitável, servidão para subsistir, também não se sente impelido para um ócio escravo, vazio, aturdido pelos gastos e pelo prejuízo, torpemente febril.

Lembro-me quase com dor do comentário de uma operária da indústria do calçado – com os seus pulmões estragados pela inalação quotidiana dos vapores da cola, recebendo em compensação apenas o salário base, feliz, apesar de tudo, por esquivar-se dessa forma às inclemências do desemprego e, no tempo que a *lógica do capital* lhe concedia para se “recompôr” como força de trabalho, praticante compulsiva, da mesma forma que muitas das suas companheiras, de uma sexualidade analgésica e de uma toxicod dependência branda, meramente escapista: “Cada fim-de-semana gasto dez mil pesetas, pelo menos. Mas, trabalho para isso, não?” Com dez mil pesetas, sem necessidade de se evadir custosamente de nada, Basilio sobrevive mais de um mês; e não trabalha para isso...

51. Eu, camponês.

Com o seu rebanho, Basilio sente-se arreigado à terra e à vida; sabe que está acorrentado à cadeia da natureza, animal entre os animais, pisando caminhos esquecidos, sobre as rochas, entre os arbustos, cruzando ribeiros, quase feito de pedra, de erva, de vento; sabe que é selvagem, indómito, livre; descobre que é besta, criatura, corpo. Sente-se a si mesmo.

Esculpido pelos gelos, polido pelas chuvas, tostado ao sol de Verão, cabeça despejada sobre pés incansáveis, eu também me reconheço agora como silvestre, selvagem, indomável. Eu também restabeleci o meu vínculo natural com a terra. Eu, camponês... A terra, tão material, tão concreta, tão física, como um homem-só-homem, abomina toda a noção de esperança.

52. Insubmissão.

Se tivéssemos, de qualquer forma, que escolher uma denominação comum para classificar Basilio tal qual um insecto, eu optaria por “insubmisso”. Este homem encarna, para mim, um tipo brutal de rebeldia. As suas cerca de mil ovelhas existem completamente fora da lei. Como não recebe na sua casa nem o alcaide, nem o médico, nem os veterinários, que define como “amigos da mentira”, negando-lhes, portanto, a palavra, os seus animais mantêm-se à margem das campanhas (obrigatórias) de saneamento de criação de gado. Sem

inspecção, sem contabilização, sem a conhecida chapa na orelha que distingue uma rês vacinada e desparasitada – inserida, sobretudo, nos planos de luta contra a terrível brucelose –, trata-se de um rebanho clandestino. Basilio perde, como consequência disso, o subsídio que a Comunidade Europeia concede por exemplar e que, no seu caso, seria de cerca de cinco milhões de pesetas anuais. Vê-se também obrigado a fugir periodicamente e a esconder o rebanho das pontuais inspecções sanitárias. Conta-se que, uma vez, desapareceu com o seu gado e não regressou até ao mês seguinte, sabendo que os veterinários da zona já estariam de férias a partir de então e os seus substitutos não lhe queriam complicar a vida perseguindo-o. Ao não existir para a Sanidade Animal, evita também a Economia e as Finanças. Incrusta-se, assim, voluntariamente no mundo da economia submergida, relacionando-se apenas a negro e prescindindo de documentos, declarações ou intermediários legalizados. Sem seguro pessoal, está exposto e indefeso perante as doenças; sem descontar, está alheio a toda a imposição fiscal ou tributária; com um bilhete de identidade caducado (fizeram-lhe um, à força, enquanto permaneceu na prisão), envelhecendo junto ao certificado de nascimento numa qualquer lata de conserva; sem nunca se fiar de nenhum papel escrito, nem de nenhum emissário oficial dos poderes públicos, Basilio vive à margem do Estado. Absoluta, a sua insubmissão é tolerada devido à suspeita de que não se encontra mentalmente são e pela certeza de que, afinal

de contas, não faz mal a ninguém. Incapaz, no entanto, de “roubar” os outros criadores de gado, o meu amigo paga a cada ano os direitos de pastagem, negando-se a recolher, contudo, a nota de acreditação de como satisfaz com tal quantia os cofres municipais. “Não o faço pelo município, mas sim pelos pastores”, justifica-se.

Esta desobediência civil radical situa-o também, como privilegiado, fora do campo da esperança. Para subsistir, não precisa de acreditar em nenhum aparelho, em nenhuma instituição, em nenhuma forma de organização política e económica. Entrincheira-se deliberadamente no mundo do truque e do “acordo de palavra”, porque não espera nada dos códigos que, pretensamente para bem da comunidade, ordenam e subjagam a vida económica. Não espera nada do Império da Lei, no qual vislumbra uma espécie de conspiração dos ricos para explorar e controlar os pobres. Entende melhor a Vingança do que a Justiça: “Vingar-se é de homem; denunciar, de torpes e de cobardes.” De um realismo inexpugnável, também não sonha com o desaparecimento futuro da maquinaria política. Não acredita na Revolução (“matar pessoas para continuar na mesma”). Contenta-se com libertar-se a si mesmo, arrancar da sua existência as impressões digitais do Estado, desvincular-se. Poucos homens deste denominado “Primeiro Mundo” conquistaram, como ele, a alegria de viver de costas para o Leviatã. Gosto da expressão que utiliza para aludir a essa sua condição de marginalidade e independência devido à sua exactidão

e simplicidade: “*eu estou solto.*” Desesperou, soltou-se.

53. Cínico canídeo.

Menos diamantina, não tão pura, a minha rebeldia difere da de Basílio... Fui objector fiscal enquanto supus que, devido ao meu elevado salário, tinha de efectuar um pagamento anual às Finanças. Quando descobri que estava equivocado e que, apesar do meu salário considerável, as Finanças me devolveria todos os anos quase duzentas mil pesetas, regressei sem demora ao redil dos contribuintes exemplares, cumprindo o processo de Declaração de Rendimentos pontualmente e com a maior honestidade. Fui objector de consciência ao Serviço Militar, e cumpri a prestação social correspondente na Cruz Vermelha para me aproveitar da inimaginável corrupção e da estultícia filantrópica desse surpreendente Organismo. Permito que os veterinários molestem e quase firam as minhas cabras só para receber as cinco mil pesetas por época e por animal da subvenção comunitária. E a minha forma de escapar do ensino não foi a renúncia formal à minha condição de funcionário, mas sim esta amável instalação numa licença praticamente perpétua.

Já que o Estado existia, tentei roubá-lo. Já que haviam instituições, procurei como me servir delas. Desobedei “desde dentro”, quase em segredo, com a cabeça baixa e as mãos nos bolsos; mas não me emancipei, não me libertei. Devo ter algo de cínico canídeo... No

entanto, e para além de todos estes benefícios pessoais, não espero nada do Estado, nem nenhum favor da sociedade. A atracção que sempre exerceu sobre mim o inefável do Delito está a ser mais forte que o ideal da coerência, da vida sem mácula. Diria que, a respeito disso, o meu desespero supera o de Basílio: não necessito de me sentir limpo, inocente, íntegro. *Prescindindo de toda a ética, amiúde veladamente infiel à imagem que os outros têm de mim, ignorante dos homens que sou, dos que fui e dos que quero ser, múltiplo e incompleto, dividido, confuso, impudente, partidário da traição voluptuosa e de um ódio que não se equivoca em relação ao seu objecto, levo a minha vida a cada instante de modo a que ninguém encontre no meu mundo (nas misérias escolhidas da minha vida e nos fantasmas move-dições do meu pensamento) nada digno de amar, nada partilhável, suportável, apreensível, nada precioso. Sei que a moral tiraniza, seca as fontes da alma; e eu não abomino a inconsistência, a ruindade, o pequeno crime.*

54. Ponto de egoísmo.

Há no meu radicalismo um ponto de egoísmo, sem dissimular, que o corrompe – ou o enaltece.

55. Servir de alimento aos abutres.

Seguro de que ninguém mudará o rumo do seu desejo enquanto esteja vivo, Basílio teme, muito justa-

mente, que os outros se imponham sobre a sua vontade quando morra. Não quer ser enterrado, muito menos num cemitério – depois de tantos anos sem ser praticante, pressente que os seus vizinhos o voltarão a encurralar, desta vez como cadáver, na malhada hedionda da Igreja. Como corresponde a um ecologista instintivo, mas radical, Basilio pretende que deitem os seus restos mortais por um barranco, para servir de alimento aos abutres, servindo humildemente as feras. Já lhe disseram que “não se pode fazer isso, mesmo que seja a sua última vontade”, pelo que o nosso homem, em desgarrado, maquina um plano: da mesma forma que os gatos e os cães mais fiéis, quando adivinhe que a sua hora se aproxima, abandonará o rebanho que conduziu durante toda a vida, deixará a sua choça e irá morrer num lugar recôndito onde *os outros* não o encontrarão antes de se ter convertido num cadáver devorado. Deseja, dessa forma, salvaguardar a sua coerência mesmo depois da morte, ser “ele mesmo” enquanto exista carne nos seus ossos.

De uma forma, talvez, demasiado literária, eu também tinha calibrado a ideia de não deixar que me enterrassem. Doaria todos os meus órgãos e pediria à autoridade competente que os restos fossem atirados aos porcos. Por alguma razão estranha, cortar-me-iam em pedaços que servissem para outros homens e não permitiriam que os resíduos fossem úteis aos animais. Soberbia humana. Quem cremos que somos? E a minha liberdade? O corpo não é meu? Se não tenho nada contra

os porcos, mas sim contra os humanos, porque irão eles aproveitar o meu falecimento para beneficiar os segundos e, negligenciando a minha vontade, não os primeiros? Absurda vanglória do género humano. Racismo dos racionais. Deveria maquinar um plano, como Basilio. Ir, talvez, morrer numa manjedoura... Quem pode acreditar numa espécie ou, pelo menos, numa cultura que tende, cada vez mais, a incinerar os seus mortos para evitar que ainda favoreçam a vida, como se quisessem subtraí-los às próprias leis da natureza? Não espero dos homens nem que ofereçam o meu cadáver aos porcos. Também não será fácil a Basilio saciar com o seu corpo exânime a fome dos abutres.

56. Não sei se estímulo.

Cai tantas vezes no engano de levar a sério um problema frívolo, ou até imaginário, puramente fictício (por exemplo, o da Libertação, o da Verdade, o do Progresso, o de Deus...), que nestes momentos reconheço que sou incapaz de distinguir um assunto intrascendente, demasiado “pitoresco”, de outro prenhe de sentido, inadiável, fundamental. Não sei, por isso, se estas últimas páginas, que tratam de abutres e porcos, significam algo para alguém – se estimulam, se convidam à reflexão. Mas... como gostaria Basilio que os insectos o comessem!

57. Universidade fantoche.

Na Universidade ensinaram-me, supostamente, a reflectir cientificamente, a usar correctamente esse instrumento incomparável chamado “razão”, a aproximar-me da verdade das coisas com as precauções da lógica e do rigor... No entanto, como nessa Instituição só se fala de fantasmas, palavras prenhes de vazio, conceitos mais ocos que a alma do homem contemporâneo, problemas de fumo sob a chuva, succede que me ensinaram perfeitamente a suspeita tarefa de utilizar uma ferramenta imaginária, carente de realidade, para me confrontar com questões evasivas, interrogações de fogo-fátuo, enigmas com nenhuma substância – questões que, na sua falsidade, nem diziam respeito ao corpo nem saudavam a vida. A salvo deste estratagema, Basilio usa os seus sentidos e o que tenha no cérebro, para se esquivar dos problemas concretos de uma existência sem quimeras, ciladas quase tangíveis que parecem emanar da terra e da carne. Dá, assim, resposta a três perguntas que, inquisitivas, foram descartadas na minha educação, e por cujas veias corre o sangue do homem: onde estar, que fazer, como morrer?... E Basilio resolveu-as: *viver onde não exista Estado; fazer o que mantenha os humanos afastados; morrer de livre determinação nos penhascos, para ser devorado pelos abutres...*

58. O ouriço da sede de tempestade.

De vez em quando apodera-se de mim um desordenado apetite de inferno. Não suporto, então, a harmonia que, à custa de muito trabalho, instaurei sobre as minhas coisas, e sinto a turva necessidade de me atirar de cabeça pela varanda do abandono e do perigo. Semeio o caos no meu coração, da mesma forma que no meu cérebro, firo sem querer as pessoas que me são mais próximas e que dizem gostar de mim e embrenho-me, temerário, por um caminho serpenteante de enigmas. Atirando borda fora os frutos tão desejados dos meus afãs pretéritos, enfrento uma vida nova com os alforjes vazios e a felicidade e o medo de uma criança longe dos seus pais. Normalmente, tendo-me exposto a um mundo estranho e, de alguma forma, hostil, uma mobilização impetuosa das minhas energias, até esse momento enferrujadas, e um novo frenesim dos meus sentidos, inchados desde há bastante tempo, permitem-me captar um ponto de ordem, lançar uma âncora, dar dois passos seguidos sem tropeçar e até estender cuidadosamente a mão aos primeiros emissários do universo inexplorado. Ao fim de uma temporada, poderia dizer-se que me instalei nas próprias entranhas desse mundo; que me familiarizei com as suas asperezas e dominei os seus arranques bruscos até ao ponto de me sentir natural das suas terras, compatriota das suas gentes. Inicia-se, assim, um período de experiência e de fruição, intelectualmente fecundo devido à curiosidade que a minha nova realidade

desperta em mim. Período em que me invade, incontestável, a forma mais insultante de Felicidade, uma alegria quase irritante de devorar selvaticamente a existência; do qual se desprende uma história como uma folha de um choupo no Outono, sem esforço, por si só; e em que novos afãs febris obtêm a recompensa de sucessivos frutos que logo abandonarei. Passam-se alguns anos e o velho apetite de inferno é retomado. Como um ouriço que dormitava no meu cérebro e que agora desperta, cravando os seus espinhos na minha consciência, a restabelecida sede de tempestade empurra-me dolorosamente para o perigo de outros mundos...

Fui viajante solitário e inoportuno na desmantelada Polónia do comunismo de campanha, vicissitude que me levou à prisão de Cracóvia; cooperante da Frente Sandinista na Nicarágua, onde padeci de paludismo; mafioso do mercado negro e do contrabando em Budapeste no final dos anos oitenta; professor rigorosamente anarquista em Alicante, com escândalos na imprensa como medalhas de honra, inúmeras denúncias e com a razão não sei se extraviada ou relutante; fui jornalista da amêndoa, do melão e da romã, negligenciando um corpo que, ressentido, me fazia recordar a cada noite a idade e os excessos; alcoólico até que uma mulher me desterrou da amargura, nunca descobrirei para quê; escritor incansável, fustigante, tolerando que a literatura me revelasse o segredo do seu pateticismo e do seu vazio; investigador envergonhado de publicar coisas estúpidas, sempre assinadas pelo pedantismo e

pelo narcisismo; nómada de caravana enquanto tive dinheiro; amante do amor até que as seduções e o erotismo se converteram em rotinas abomináveis; fui pobre voluntariamente, caindo quase na mendicidade, e rico, para meu pesar, tolerando que o consumo procurasse consumir-me; apátrida orgulhoso na recém-nascida República Checa; niilista absoluto e incorruptível no País Basco, voltando as costas ao conservadorismo moral dos independentistas; professor clássico e respeitável em Ademuz, revelando-me, desde logo, o ouriço a infâmia dessa impostura; turista fascinado, incapaz de compreender e até de perceber, em vão, os binóculos, a máquina fotográfica e a câmara de filmar; fui recluso de uma habitação imunda enquanto me interessou o mundo opaco da solidão secreta, o mundo das pensões baratas e dos quartos de aluguer; fui... E estou a ser agora, marido, para irrisão das minhas ideias de ontem e escárnio dos meus instintos de hoje; pai, contrariando a parte mais inquieta de mim mesmo; cabreiro rude, austero, enfurecido, em conformidade com o meu carácter errático e a minha invencível vocação de inimigo; um homem desesperado, talvez devido ao excesso da minha esperança perdida. Ignoro, no entanto, se também me encontro de passagem por estes confins do radiante desespero; ou se, alcançada alguma meta, acabarei por ficar aqui para sempre, saciado por fim o apetite de caos, morto o ouriço.

O certo é que esta intermitente paixão pela fuga me distingue de Basílio e não se enquadra bem num ho-

mem inteiramente desesperado. O meu amigo nunca planeou uma deserção, uma mudança de ambiente, a intercalação de uma novidade que alterasse a pulsação inusitadamente regular do seu modo de existência. E teve a possibilidade de inverter o curso da sua vida, como fizeram outros, migrando (nos tempos da fome e do medo, da fascinação febril e do campo arruinado) para Barcelona; descerrando certas porções da sua fortuna e trocando-as por invejáveis satisfações mundanas, acomodando-se, portanto, viajando, talvez residindo numa cidade; aventurando-se nalgum negócio, promovendo outra empresa, curioso do que poderia acontecer para além da sua criação de gado... Mas Basílio nunca se sentiu carcomido pela tentação de deixar de ser o que era: na sua cabeça não existe um ouriço, mas sim um pavoroso mar calmo.

O que ao longo da minha juventude despertou o ouriço e me fez sucumbir à fome de desordem, foi sempre uma forma peculiar de esperança: a esperança de que existiria “vida” para além desta morte estúpida da existência trivial; de que se pudesse Viver, com letra maiúscula, nalgum outro sítio a fazer outra coisa; esperança de que um homem pudesse forjar o seu destino propondo-se a isso apenas, modelando conscientemente os seus dias tal qual uma obra de arte; esperança de que a sombria organização deste mundo não me adormecesse prematuramente, não me encerrasse em prisões de luxo, não me fizesse viver a vida dos outros, não me tornasse vulgar, não acabasse com a única

forma de liberdade que ainda considerava digna desse nome – liberdade de fugir, não importa se para pior, de escapar, mesmo caindo noutra rede, de me evadir perante o olhar sorridente de um guarda, disposto a soltar os seus cães de caça... Essa esperança de Viver, de me construir em Liberdade e na Independência, de fazer Arte dos meus Dias, inseparável – como já reparei – de um conceito “épico” da existência, empurrou-me alegremente de lá para cá, encheu-me de satisfações intrépidas, ensinou-me a estimar-me, a gostar de mim por algum motivo distinto e de uma certa forma ativa; mas algemou-me, apesar de tudo, à escuridão de uma falácia, tornou-me um fantoche de uma ilusão, adorador de um ídolo, alimentador de mentiras. Basilio nunca se pôs de joelhos perante esse ídolo; nunca alimentou uma ilusão tão vã, uma auto-ilusão tão lastimável – nasceu desesperado.

Na sua corrente acepção, a “liberdade” não constitui mais do que uma palavra vazia, fantasma romântico que nos faz desmanchar a rir; por outro lado, a “independência” transborda a realidade, ainda que como objectivo acessível e desprovido de grandeza. A circunstância de Viver ressuma a um relativismo tal que, manifestando-se, por vezes, na estreiteza coerciva do povo, ou mesmo entre as quatro paredes de uma habitação, nem sempre vai de encontro com uma voluptuosa mudança de mundo, dar voltas ao planeta, intimar com a loucura. A própria existência é sempre uma Obra, e não é mais bela por estar feita de abandonos

e fugas. A sombria organização do nosso mundo, enfim, domina-nos e aliena-nos da mesma forma estando amarrados ou desamarrados; e deveríamos redefinir a constante mudança geográfica e psicológica como uma modalidade sub-reptícia do arraigamento e do confinamento – prisão de fuga, rotina do trânsito, emperramento do “ser – deixar de ser”. A mesma ‘épica` admite tantas interpretações que pode estar bem mais perto do sedentarismo de Basilio do que do meu tão frívolo ir de um lado para o outro. Não pretendo, com isso, sustentar a inutilidade e o engano da vida nómada; noto apenas que se trata de uma forma, entre outras, de consumir a existência, mais uma maneira de envelhecer e ir em direcção à morte. Não me encontrava às portas de nada grandioso enquanto fui um fugitivo irredimível, como também não me encontro agora que me apeguei a esta aldeia. Não tenho muito a objectar à vida irregular, com a condição de que não se espere nada dela. O engano, a inutilidade, sobrevivem quando se mancha de esperança essa forma, pouco sublime, de existência, como aconteceu no meu caso. Sem que me arrependa minimamente do meu passado, sou consciente, e isso redime-me, de que vivia uma farsa e as minhas palavras enganavam-me.

Só o desespero nos liberta da mentira interior; só ele nos devolve à realidade árida, nua, quase cadáver, de uma condição humana alheia ao menor brilho e à transcendência mais insignificante. Instrumento de liquidação sumária de todas as Quimeras, poderíamos

definir o desespero como um abrir de olhos sem cobar-
dia perante o fantasma do que acreditamos ser; *um re-
conhecimento frio e sossegado da nossa pequenez imun-
da, da nossa insignificância de ruído ténue no meio de
uma noite qualquer, da nossa impotência de coisa inútil
embalada pelos ventos mais comuns.*

59. Salário-dependência.

Existem duas formas de controlar a população, ten-
do a sua eficácia sido já suficientemente comprovada na
modernidade: uma, destinada a quem padece da morde-
dura da pobreza, alvos específicos da moralidade policial
e da jurisprudência, consiste em confiná-los num espaço
de auto-destruição em que se tornam híbridas, qual en-
redadeira monstruosa, a delinquência, o comércio sexual
e a toxicodependência; outra, projectada para os colec-
tivos economicamente solventes, nem sempre da classe
dominante e, inclusivamente, cada vez mais da domina-
da, radica em atarraxá-los às satisfações do consumo. Os
primeiros, beliscados pela debilidade dos seus meios de
vida, pela precariedade gerida pelo emprego e pelo jogo
da intocável discriminação social, incorrem em todo o
tipo de “ilegalidades úteis” (“reprodutivas”, como diria
Foucault), devastando-se numa guerra acima de tudo
interior, que não põe em risco o Sistema. Os segundos,
para manter a todo o custo um tipo de vida sumptuoso
ou simplesmente acima das suas possibilidades, caem,
sem remédio, na armadilha fácil dos empréstimos, do

endividamento e do que se poderia denominar “salário-dependência” (depender do trabalho de cada dia, do salário de cada dia, para poder enfrentar uma cadeia de prestações, incessantemente renovada, que os condena quase durante toda a vida à exploração laboral e expulsa do território sitiado da sua vontade qualquer tentativa de greve, absentismo ou beligerância política).

Complementares, estas duas estratégias têm, ainda para mais, em comum a circunstância de se fundamentarem notoriamente na esperança. Esperança, para os miseráveis, de um gozo enlouquecido e catártico; de um furor de última hora; fruição do crepúsculo de todas as coisas, da ameaçadora noite em que se perderão para sempre todos os motivos e razões; prazer apocalíptico, terrível, vingador... Esperança, para os acomodados, de uma existência sublinhada pelos títulos distintivos, superioridade e fortuna que conferem o ter e o exhibir. Esperança, nos dois casos, de escapar a uma vida inquietantemente vazia, órfã de sentido, sem uma tragédia verdadeira nem uma felicidade sustentável, raquítica e ruim como o espírito dos homens, insípida, desencantada e desajeitada como um beijo amistoso, maquinação como a Justiça, sem outro encanto senão o da crueza e não menos exangue que o perdão ou os hábitos.

Imune às duas estratégias, armado de desespero, capaz de aceitar a falta de epopeia do existir, com a sua simplicidade animal, Basílio nem sequer se sente atraído pelo *suicídio por prazer* dos desanimados, nem delapida nesciamente capitais e energias só para incre-

mentar o seu prestígio entre os devotos da Opulência. Lúcido até à austeridade, saudável de corpo e mente, não pede à vida nada que esta não lhe possa dar sem constrangê-lo. Débil, confuso, intelectualizado, eu caí nas duas tramas e deixei-me dominar duas vezes, cego por excesso de Ilustração, estúpido como todo o homem moderno. Diverti-me a acumular propriedades como que por feitiço, deixando-me levar depois, com o impudor de um novo rico, pela ostentação jactanciosa dos meus bens supostamente cobiçáveis e precipitei-me, mais tarde, no abismo da auto-destruição, ébrio de romântica paixão consumptiva... Tive mais do que é necessário, trabalhando naquilo que odiava para que isso me fosse permitido. E quando me cansei de esbanjar, arrisquei o meu próprio fim sem me dar conta de que a sociedade que repudiava também tinha ditado as linhas da minha desobediência. Filho de emigrantes sem trabalho, sonhei vingar a má sorte dos meus pais gastando aquilo que nunca tiveram. Filho de trabalhadores temerários, desejei provocar o inefável, desafiar o maior perigo, viver todas as experiências desassossegadamente. Filho de pais esperançados, perpetuei, contudo, durante algum tempo a sua vã fé no porvir. Alimentei, inclusive, a esperança anónima dos oprimidos: transformar a sociedade e redimir as vítimas da exploração através de uma militância solidária. Enquanto tratava de me apresentar em todo o lado encarnando a severidade e a pureza de um lutador esclarecido, consumia de uma forma ridícula, num acto de obediência absoluta,

e amarrava, assim, o meu futuro à alienação do trabalho. Depois, mantendo, mesmo assim, a pose de uma consciência comprometida e revolucionária, sucumbi à atracção da vida atormentada para, incapaz de ferir os meus inimigos opressores, me agredir a mim mesmo com uma fúria estulta e ofender miseravelmente quem me estimava.

Basilio poupou-se a essa múltipla degradação, libertando-se a si mesmo e a mais ninguém, satisfazendo-se com os frutos do seu trabalho autónomo e exprimindo os prazeres da vida que não tendem a acabar com ela. Magnífico testemunho de um desespero contestatário, a sua experiência marginal, a de um homem indomável, constitui, também, um exemplo bem “pernicioso” de uma insubmissão realista. Este pastor analfabeto, na sua solidão e no seu silêncio, causa mais prejuízos à sinistra conformação da vida nos Estados modernos do que qualquer dos tão explosivos e bem-intencionados livros de crítica e de denúncia. Muito mais do que eu, saco roto de palavras.

60. A salvo da cultura impressa.

“Teremos que vestir-nos de luto pelo homem – escreveu E. M. Cioran – no dia em que último iletrado desapareça.” Completamente de acordo. O facto decisivo que permitiu a Basilio conservar um inegável ponto de profunda lucidez durante toda a sua vida foi a sua não exposição à cultura impressa. Teve a sorte

de evitar a escolarização; e essa ausência de estudos determinou que fosse verdadeiramente capaz de pensar por si mesmo. Não se viu pedagogicamente forçado a repetir nenhum discurso escrito, pelo que nunca confundiu a prática individual do pensamento com a reiteração de enunciados canônicos – como acontece entre os estudantes e as pessoas satisfeitas com o seu saber. A circunstância de ter perdido muito cedo a sua família (o seu pai faleceu de gangrena e a sua mãe de cancro quando ainda era criança e, pouco depois, as suas duas irmãs pastoras morreram de enregelamento nesse mesmo Inverno), de ter recusado procurar uma mulher e de fugir, como o diabo da cruz, das relações de vizinhança, assegurou, dessa forma, a originalidade algo avassaladora e a autonomia quase insultante da sua reflexão. Quando fala, não cita ninguém. Não tolerou que o ensinassem a usar o seu cérebro de uma determinada forma. Por último, ao viver tão desligado do mundo exterior (com o rádio estragado desde o dia em que o atirou contra uma árvore por anunciar, quase num tom festivo, a invasão americana de um país para ele estranho, mas que imaginava em paz até esse momento, com as suas pessoas tranquilas a cuidar das suas criações de gado ou ocupadas nas suas actividades; sem televisão; sem nunca perguntar nada nem prestar contas a ninguém), pôde defender as suas ideias pondo de parte o medo de que alguma fonte de autoridade caísse sobre a sua pessoa e as suas concepções, desqualificando-as. Nunca seguiu nenhuma “moda”

ideológica, ignorando, assim, o que se encontrava em cartaz em cada momento, não sabendo sequer o que significava, em rigor, a palavra “ideologia”. A montanha e os animais foram os seus únicos instrutores. Não militou noutra partido que não o dele mesmo. Não permitiu que nenhum dos seus semelhantes encontrasse alguma vez um pretexto para submetê-lo a um exame: ninguém sepultou o seu discurso sob o horror quotidiano de um número sancionador. Como não discutia com ninguém, as suas ideias foram endurecendo e só a própria vida poderia modificá-las. Homem apegado à terra, amante do primário, nunca perdeu nem um segundo a meditar sobre uma realidade inconcreta, sobre um fantasma conceptual ou uma abstracção mitificadora. O idealismo, a metafísica, o logocentrismo, ficam tão longe do seu raciocínio como a palavra impressa. Visual, quase físico, o seu pensamento não deriva da linguagem: pode identificar-se no seu comportamento, procede da prática. Tem uma forma de pensar porque faz coisas. A vida que leva é o compêndio definitivo das suas ideias – não reconheceria como próprias as suas concepções se, depois de tê-las reunido num escrito, alguém as lesse. “Penso o suficiente para poder viver”, disse-me. “Só entendo o que é meu. Acredito naquilo que me ajuda.” Deleuze escreveu uma vez que deveríamos servir-nos das ideias da mesma forma que de uma caixa de ferramentas...

A esperança atribuiu ao pensamento, na nossa cultura, qualidades excessivas. Esperava-se que elevasse o

Homem a espécie-rainha da natureza, mas acabou por convertê-lo num destruidor incomparável, num predador convencido, no perigo mais sério para a vida no planeta. Esperava-se que ele idealizasse formas de organização social nas quais a liberdade e a felicidade se fundissem, finalmente, como destino último dos seres racionais, mas só iluminou regimes temíveis onde a violência e a repressão constituem a norma. Esperava-se que ele revelasse aos humanos os mil e um segredos da Existência e do Universo, mas em vez disso subjugou-os com inúmeras superstições científicas e com montes de fraudes meramente justificadoras. Esperava-se que se colocasse sobre cada indivíduo como o sol ou a noite, sem privilégios nem exclusões, e acabou por ser monopolizado por uma minoria risível de homens pálidos e cansados. Esperava-se que criasse laços com o que chamamos “alma”, “espírito” ou “coração”, mas interessou-se mais por frequentar a morada do Tirano, sorrindo apenas perante o Capital. Esperámos tanto do pensamento que já não sabemos para que serve de verdade. E a nossa desilusão foi tão profunda ao descobrir a mesquinhez dos seus frutos que, afastando-o das nossas vidas reais, nos convertemos, todos, em mentirosos, hipócritas, numa horda de cínicos modernos. Se a esperança tivesse deixado o pensamento em paz, utilizá-lo-íamos muito provavelmente como Basílio no nosso dia-a-dia. Mas estamos envenenados de esperança, perdidos de fé, doentes de esperar; a esperança torna-nos homens “do nosso tempo”, parasitas e criminosos...

Basilio não é desta época; pertence a um futuro que não será o futuro do homem. *Teremos que vestir-nos de luto por nós quando morra.*

61. Escrita podre de esperança.

Quando o desmedido narcisismo da adolescência me levou a escrever como forma dos outros me admirarem da mesma forma que eu me admirava a mim mesmo, o tema que imediatamente assaltou as minhas páginas foi o da denúncia social. A educação santimonial que recebemos desde a infância predispõe-nos já para esse tipo de sentimentalismos. Com um tom em que se fundia um sentimento de lástima pelos despossuídos e um instinto de rancor contra os seus exploradores, empenhei-me em revelar a todo o mundo o que ele já sabia. Comiserativa, moralizante, bem-intencionada, a minha escrita exalava simpatia para com os trabalhadores, os marginais, as mulheres oprimidas, as vítimas do racismo, os povos do Sul, etc. Ou seja, escrevia para aqueles entre os quais eu não me encontrava, a cujo mundo não pertencia, e relatava-lhes, sem descanso, aquilo que dia-a-dia, de manhã à noite, tinham diante dos seus olhos: a sua discriminação intolerável, a sua miséria insuportável, a iniquidade do Capital e do seu aparelho de Estado, a colaboração da Igreja e da Cultura com os seus opressores, a brutalidade do exército, a forma como a burguesia dominante os enganava e desmobilizava através de ideologias pacifistas e da

democracia, etc. Esbanjava, então, a minha escrita, e em conjunto com essa camaradagem ruidosa que sentia para com os explorados que me serviam de tema (alimentando, assim, a minha vaidade de escritor, e de escritor comprometido), e com o sentimento de piedade em que ainda reverberava o meu adoutrinamento religioso na escola e na família, esbanjava, sobretudo, indignidade e esperança.

“Indignidade de falar pelo outro”, como costumava repetir um filósofo francês. Quem era eu, quem sou agora, para falar em nome dos outros, para explicá-los, desde a minha posição superior de homem instruído, a salvo das distorções ideológicas, o que lhes acontece de facto, porquê, desde quando, em benefício de quem, e, ainda para mais, o que devem pensar e o que devem fazer para superar a sua penosa situação? Indignidade dos intelectuais que tiveram a pretensão de educar, consciencializar, organizar e libertar a classe trabalhadora, sem nunca terem padecido de um só dia de trabalho a inalar gases tóxicos na fábrica e de depender de uma jornada de trabalho que mata pouco a pouco para que pudessem sobreviver. Mas, também, sem nunca terem alguma vez amado profundamente, secretamente, o seu chefe. Sem detestarem metade dos seus companheiros e sem serem indiferentes aos problemas da outra metade. Sem abrigar, de vez em quando, a ilusão de amanhã se converterem em empresários. Sem... Indignidade dos homens que descrevem de que forma as mulheres são oprimidas, o que sentem e como se

devem emancipar. Indignidade dos mentalmente sãos, que declamam em favor dos loucos, e dos psiquiatras que falam por eles. Indignidade da raça branca quando pretende compreender o coração do negro e de como este tem sofrido sob o seu jugo. Indignidade da cultura ocidental quando deseja, por exemplo, libertar as mulheres muçulmanas da tirania dos seus homens ou exportar o seu sistema político em detrimento de qualquer outra forma autóctone de organização não democrática. Indignidade do homem integrado que analisa e explica o substrato psíquico e emocional dos marginalizados. Indignidade do criminólogo absolutamente incapaz de perpetrar um crime. Indignidade do psicólogo. Indignidade do sacerdote. Indignidade do professor. Indignidade do pai. Indignidade da maior parte dos escritores.

Esperança num mundo perfeito, sem opressão, sem violência, sem dominação; Reino da Liberdade e da Justiça, igualitário, civilizado, fraternal; Mundo Ideal no qual se reflecte de modo indecoroso o Paraíso dos cristãos e que tem o mesmo efeito sobre as populações: efeito do ópio, da morfina, de tudo aquilo que nos afasta da realidade e que a torna suportável, “fraude” para manter o homem sujeitado, esperança. Esperança de encontrar, se ainda não foi descoberto, o modo de canalizar os homens para esse Paraíso. Esperança de que a escrita, por sua vez, coopere nesse projecto redentor, preparando-se para “ilustrar”, “iluminar”, “desalinhar” e talvez também “mobilizar”. Esperança de que a nossa

existência, grávida de sentido pelo sublime da Causa a que se entrega, seja de alguma forma “mais vida” que a dos outros, manipulados, ideologizados, alienados. Indignidade da esperança.

A salvo deste círculo ignominioso das Grandes Tarefas, do Que Podemos Fazer Pelos Outros, das Emancipações, da Solidariedade e do Compromisso, Basilio, que nunca fala por ninguém, não espera nada dos homens, nada da sua escassa palavra, nada da sua vida vazia de esperança. Digno no seu discurso que só se refere a si, digno e certo no seu desespero, este homem apresenta-se hoje perante mim como o antípoda rigoroso do deplorável escritor progressista. O antípoda da abjecção. O meu antípoda, se continuo a ser o que era.

A minha própria ignomínia de escritor carregado de esperança, consciência separada que usurpava a voz dos outros, tornou-se para mim, por fim, evidente, miserável, insuportável. Chegou então a hora do mito, e sonhei com o abandono e com a Fuga. Voltando o olhar para os labirintos do interior, decidi não escrever senão sobre mim mesmo. Esquivar-me-ia, assim, da indignidade. Tudo estaria bem se fosse verdade aquilo que acreditei descobrir dentro de mim. Mas estava enganado. Não conheço introspecção mais mentirosa do que a minha. Cada vez que penso nos meus motivos ou nas minhas determinações, engano-me sem remédio. Indignidade de falar acerca de si mesmo? Receio ter claudicado perante outra forma de esperança mais sibilina: esperança de encontrar no meu cérebro os meios para

me poder sondar, esperança de conseguir saber algo sobre mim, esperança de alcançar a capacidade de me compreender, esperança de “ser” de alguma forma e de poder confiar em que a minha literatura emitisse luz sobre esse poço da minha identidade, esperança vã do acto de consciência e de auto-conhecimento...

Na realidade, não sei nada de mim. Não acredito em mim. Não me interessa por mim. Minto-me conscientemente. Tudo aquilo que escrevi então a propósito de mim tresanda, por isso, a epopeia. Auto-defini-me como “fugitivo”, ser atormentado que fugia das ideologias, da família, da propriedade, do trabalho, da pátria. Fugitivo de mim mesmo, espírito da Fuga. E o pior de tudo é que via aí de novo (no nomadismo, na insolvença, na ruptura, no escapismo) a forma de mudar o mundo, de contribuir, pelo menos, para a sua transformação. Considerava, de qualquer forma, que uma estratégia da fuga incansável evitaria, por si mesma, o aprisionamento indecoroso a lugares políticos de cumplicidade, permitiria manter as mãos limpas, empreender o caminho de volta à inocência. Fugir da posição de explorador tal como da de explorado; não oprimir nem ser oprimido, não trabalhar nem fazer trabalhar; renunciar a tudo aquilo que o Estado nos dá e a tudo aquilo que nos aburguesa; e não seguir hábitos, não me fossilizar, não permanecer em nenhuma terra da mesma forma que em nenhuma ideia. *“É possível que fuja; mas ao longo dessa minha fuga procuro uma arma”*, costumava repetir. Fiel à Fuga, e aborrecendo-me de

estar instalado, escaparia – pensava – a todos os mecanismos de controlo social, viveria a salvo de todas as máquinas normalizadoras e integradoras deste mundo. “Inocente”, seria também de algum modo “livre”. Devo reconhecer que, para dar esta volta ao meu pensamento, alguns livros foram decisivos (o “Anti-Édipo” de Deleuze, em particular; mas, da mesma forma, os textos de Foucault, de Artaud, de Bataille, de Nietzsche...). Eu era, naquela altura, excessivamente vulnerável à palavra escrita...

A esperança de me conhecer, que corrompeu este meu afã de recuperar a dignidade, desde logo se uniu, assim, a essa outra esperança de conservar a consciência tranquila, as mãos limpas, o coração intacto. Esperança ridícula de preservar a saúde num mundo doente, a bondade entre os malvados, a inocência numa gruta de ladrões... Construí uma épica da Fuga e apresentei-me como herói da evasão interior. Menti sobre mim mesmo e escrevi demasiadas páginas, quiçá, sem valor. A esperança voltava a arruinar o meu trabalho. Novamente bastante longe de mim, Basilio nunca fugiu de nada, foi sempre a mesma pessoa, dedicando toda a sua vida a um só ofício e mantendo, ao longo dos anos, um pensamento mínimo mas invariável. Não perde tempo a examinar-se; basta-lhe cuidar das suas ovelhas. Carniceiro, vendedor de cordeiros, sabe que está manchado e que é cúmplice. Degola. Trafica. Negocia com a burguesia dos carneiros; enriquece-os. Lida com tipos sem escrúpulos, intermediários e espe-

culadores. De costas para o Estado, Basilio dá, no entanto, a cara (diria a alma) ao Capital. E não se arrepende disso: “Às vezes devemos beijar mãos que queremos ver decepidas.” Brecht admitiu-o: “Desgraçadamente, nós, que queremos preparar o caminho para a amabilidade, não podemos ser amáveis.” Com as suas mãos sujas, de consciência intranquila, culpável como todos, Basilio, pelo menos, não se engana. Nunca depositou a sua esperança nessa espécie de higiene absoluta do coração. E no que diz respeito ao auto-conhecimento, a sua postura também apela ao desespero: “Não sei se me conheço, mas é-me indiferente. Não sei. Penso noutras coisas.”

E em que ponto me encontro agora, com este *Desesperar* sobre a mesa? Engano-me de novo? Construo de novo um mundo épico? Mitifico? Que forma de esperança me move? Continuo a apresentar a minha vida como uma epopeia e a mim mesmo como um herói? Tresando a vaidade? Desesperei? Conhecerei Basilio, se não me conheço a mim mesmo? Desesperou? Existe o conceito de valor destas páginas? “Não sei. Penso noutras coisas.” Indignidade de toda a escrita.

62. Pagar pelo simples uso de um orifício.

A vida de um homem desesperado nada tem que ver com a ascética. Relaciona-se melhor com o desdém da Seita do Cão para com os prazeres sofisticados: não são repudiados por si mesmos, mas pela escravidão

que implicam. Perfeitamente cínica, a austeridade de Basilio não é incompatível com um simples saber gozar dos prazeres da existência. Mas este homem também não irá converter a busca do prazer como último propósito dos seus dias. Não espera do prazer uma *doação de fundamento* da existência. Vivemos, existimos, como por acidente, por um simples capricho da natureza – o estar aqui não necessita dos misticismos de um sentido transcendente. Basilio aprendeu-o com os animais: nascem, reproduzem-se, morrem. Aí está o sentido: “*A rosa não tem porquê, floresce porque floresce*”, escreveu Silesius.

Dessublimado, incapaz de fundar algo por si mesmo, o prazer não deixa de ser, por isso, supérfluo, desdenhável. Nenhum animal evita o gozo. Basilio, afinal de contas, tem a sua ovelha... Como tantos outros, este pastor pouco ilustrado, de aspecto desmazelado, senão temível, seco na fala, coxo, com muito pouco para oferecer a quem quer que seja, não entra nos circuitos que distribuem e redistribuem as mulheres entre os homens (por algum tempo, ou para toda a vida). Excluído dos canais através dos quais o sexo flui e a mulher se entrega, Basilio só tinha duas opções para satisfazer, entre os humanos, as suas necessidades lúbricas: a infâmia da violação ou a concorrência dos prostíbulos. Descartada a primeira devido ao respeito que o meu amigo tem pela livre vontade dos outros, recusou pagar pelo simples uso de um orifício, encontrando na zoofilia a saída mais digna. Se se tratavam de buracos, o da

sua ovelha oferecia-lhe as melhores garantias sanitárias e um menor custo. Orgulhoso, Basilio não se rebaixava perante uma fêmea assediada por machos todo o dia. Se existe um lado obscuro na zoofilia, o da prostituição parecia-lhe uma noite sem lua. E as mulheres que não são pagas no acto, aquelas outras que mascaram a transacção com os adornos do matrimónio – piores que as prostitutas, porque em troca de sustento entregam-se de corpo e alma a um só homem e para toda a vida, na opinião de Engels –, fêmeas de trazer por casa, jamais iriam ver em Basilio a possibilidade de fazer um bom acordo, de tirar partido da sua venda. Impunha-se, assim, a ovelha.

Este homem também não se subtrai às outras circunstâncias prazenteiras comuns da vida. Nunca falta vinho no seu tonel, algum presunto a secar na sala, cordeiro no guarda-comida... E sabe desfrutar, como poucos, dos prazeres subtis que os habitantes da cidade esqueceram: prazer de contemplar todas as auroras e todos os crepúsculos; prazer de respirar o ar mais puro, de beber a água mais fresca, de vislumbrar os horizontes mais vastos, os céus mais límpidos; prazer de caminhar sobre a terra húmida, de dormir sob as frondes, de subir às árvores como as crianças e de galgar as rochas como as cabras; de molhar os pés nos regatos, recolher frutos silvestres, partir o pão com as mãos, levar uma faca à cintura, atirar pedras ao rio, cantar sozinho, gritar sem perturbar ninguém, distinguir o trinar dos pássaros, masturbar-se na neve...

Os prazeres concretos, talvez os verdadeiros prazeres, são alheios à esperança. É a sofisticação do prazer, o seu pretensioso refinamento ou o seu alargamento artificial, que introduz a esperança na órbita da fruição – e aquilo que também abre a porta ao Capital.

63. A sua ilha desabitada na montanha.

As relações de Basílio com a natureza converteram-no numa espécie de novo Robinson, desencantado. A sua ilha deserta é a montanha. Nela encontra tudo o que necessita para sobreviver. Em primeiro lugar, pasto para o gado que, proporcionando-lhe carne e leite, lhe permite também confeccionar a sua própria roupa de lã e couro. Por vezes, protecção e esconderijo – quando foge dos intrometidos, veterinários, assistentes sociais e polícias. E, sempre, lenha para o lar; plantas medicinais e alimentícias, como a camomila, o chá de pedra e o tomilho, cujas qualidades conhece perfeitamente; frutos silvestres como o champignon, o espargo, os cogumelos; águas duras ou moles; areias, para construir e para lavar; apesar da sua condenação da caça, lebres, perdizes e algum javali; pedras para afiar a sua enorme faca de lâmina curva; tojos para o forno; ramos de pinheiro, de sabina, de zimbro, para cobrir os seus currais; lavanda e segurelha para se perfumar com os cheiros da serra; e, sobretudo, sendas para os seus pés incansáveis, folhagens para se aliviar do calor e abrigos profundos para se defender do frio, leitos de erva que

convidam ao descanso, céus límpidos sob os quais se pode dizer feliz, vastas paisagens para alargar a vista, o ritmo das estações para evitar o aborrecimento, chuvas e neves para especular com as culturas; flores que alegram a vista enquanto, também alegres, vivem, não como cadáveres numa jarra; fadiga para dormir bem; a magia de um cervo mal vislumbrado entre as brumas do amanhecer; a majestade da águia e o riso dos abutres; esses entardeceres lentíssimos que o embriagam de serenidade e essas auroras acendidas que se põem como uma arenga para os trabalhos usuais do dia...

Estas são as coisas que Basilio quer. São, também, as coisas que tem. Nisso esgota-se, apaga-se, a humilíssima luminária do seu desejo. Entre Basilio e esta alta montanha do esquecimento valenciano, configura-se um mundo aparte, um universo autónomo, fechado sobre si mesmo, que não pretende (nem espera) nada do exterior. Aqui, Basilio poderia viver prescindindo dos outros, à margem das leis dos homens e da lógica dos seus mercados. A única relação que o pastor mantém com o mundo exterior consiste na venda dos cordeiros. Poderia renunciar a ela, já que não deseja aumentar a sua fortuna – e poderia dizer-se que a detesta. Mas o equilíbrio do rebanho, a boa marcha do gado, exige essa transacção periódica. Para além disso, Basilio, homem simples, nunca se propôs a ser auto-suficiente, nunca teve a pretensão de se bastar a si mesmo em tudo. Não alimentou a esperança de imitar Robinson, engenho e proeza. Não tem nada contra a venda de cordeiros.

Nunca se viu como um herói; não quis converter a sua vida numa epopeia. A sua suficiência, que jamais foi um projecto, nem lhe dá prazer nem lhe dá nojo. Simplesmente, vive assim. “Eu arranjo-me sozinho”, disse-me.

Desvinculada a natureza da esperança, deixa de funcionar como sustentação de um negócio ou fundamento para o candor do idealismo. Da mesma forma que Basilio não sonhou estabelecer-se aqui como um “homem natural”, em perfeita harmonia com a montanha, também nunca procurou aproveitar os seus frutos para ganhar dinheiro (venda de cogumelos, de caracóis, de sementes de zimbro, de ameixas, de fósseis, de camomila, de chá de pedra, de espinhos, de lavanda, de madeira,...). Desvinculada a natureza da esperança, ainda se pode viver nela sem a destruir, a rentabilizar ou a tentar salvar.

Pondo de parte o sopor da ilusão, a vida na serra nada tem de bucólico. Desamparadora, a dureza do monte fere e aflige. Basilio, que normalmente goza deste ambiente, por vezes também padeceu dele: as rochas partiram-lhe os ossos; uma víbora deixou o seu tornozelo esquerdo exageradamente inflamado para sempre; o gelo estriou-lhe o rosto e o sol queimou-lhe a pele; as sendas encheram-lhe as pernas de varizes; e, quer seja por causa do leite das suas cabras ou devido a algum esforço, o certo é que esta vida de montanha legou-lhe, da mesma forma, uma galinha morta que leva à cintura...

Mais débil, fragilíssimo, menos adaptado, eu inaugurei a minha vida de montanhês padecendo de umas

inquietantes, e frequentemente mortais, “Febres Q.”. A bactéria que as produz faz parte do ambiente da aldeia, encontrando o seu reservatório no gado. Devo ter ficado contagiado no meu próprio curral, ao dar assistência a uma cabra doente. A crueldade daquela cena basta para desterrar todo o romantismo ignorante, todo o idealismo frouxo, toda a distorção bucólica da percepção da vida na serra. Imaginem três homens, com a roupa enlameada de estrume, com os pés numa poça de sangue, tentando que um útero monstruosamente inchado, descaído por causa de alguma infecção, entre de novo pela vulva de uma cabra. Tudo isso no meio dos insuportáveis gemidos do animal, moribundo, suspenso pelas suas patas traseiras. Maximino, homem habituado a estas tarefas sanguíneas, com o útero nas mãos, pressionava fortemente sobre a vagina tumefacta. Depois de uma hora de esforços, coseu com um fio de saco e uma agulha a abertura. Apesar do seu bom trabalho, a cabra morreu. Por inalação, eu passei a abrigar uma colónia de bactérias libertadas pelo órgão infectado. Convivi durante quase um ano e meio com o agente da minha doença, a *coxiella burnetti*, acartonado nos meus ossos. Doença e medo.

64. Voltar-se-á a gozar e voltar-se-á a sofrer. Nada mais.

Tanto na fruição como na tristeza, a vida de Basilio, da mesma forma que a de muitos outros aldeões, está isenta de esperança. A doença e a morte são compa-

nheiras de existência, das quais ninguém sonha livrar-se. Conservar a saúde não se converteu aqui num projecto, objecto de esperança. Tuberculose, meningite, tétano e maltesas, compõem um quarteto de afecções que levaram a que a doença se estabelecesse como algo quotidiano, recorrente, contingência habitual perante a qual é necessário endurecermo-nos. Não foram raras as mortes no passado por esses motivos. E também não as descartamos agora. Contra tais doenças, como não se alimenta a esperança de uma vida saudável, não existe protecção. Consomem como sempre o leite das suas cabras, com tuberculose e brucelose em medida variável. Convivem com cães, gatos, burros, cordeiros e ovelhas sob o tecto do mesmo do lar. Nunca usam luvas ou máscaras. Limpam os currais quando podem, e não muito mais vezes o chão das suas casas. Comem, às vezes, com as mesmas mãos sujas com que ordenharam, sacrificaram animais, mexeram em estrume,... A obsessão higiénica moderna, que assola as nossas cidades, tem muito pouco a fazer aqui. Estes homens, pelo menos no que diz respeito à saúde, estão desesperados. Se não se chega a um extremo de epidemia, isso deve-se à adaptação dos seus organismos, progressivamente imunizados contra os vírus e as bactérias do ambiente. Porém, todos sofreram as “Febres de Malta”, e não foram poucos os conhecidos que viram morrer por causa delas. Muitos também ficaram com sequelas. Endémica como o tétano, a tuberculose põe em risco os idosos. De vez em quando, um caso de meningite faz estremecer a aldeia...

E do mesmo modo que não se tem esperança numa saúde perpétua, também não se mantém a ilusão de uma existência arreigada no prazer. Não se espera que a felicidade perdure, nem que se possa ser ainda mais feliz. Os mesmos pastores milionários de hoje, roçaram a mendicidade não há muito tempo. Sabem o que é a fome. Temem que regresse. Não esperam que a sua bonança momentânea seja eterna.

Protegendo-se contra a fome, estes homens abastecem-se de uma forma rigorosamente desconcertante. Cada casa da aldeia tem algo de loja, de mercado de abastecimento. Com as despensas repletas, poderia dizer-se que os seus moradores se preparam para anos de guerra. Quilos e quilos de arroz, de massas, de feijões, de batatas; dezenas de frascos de café, de cacau, de conservas de todos os tipos, também de tomate e de atum, de marmelada e de ervilhas, de bacalhau e até de champignons; litros de azeite, de vinho de mesa, de licores, de refrescos; congeladores cheios de carne e de verduras; presuntos na sala e também inúmeras carnes defumadas, linguiças a secar, jarras com alheiras de porco e de ovelha... Indefesos contra a doença, os aldeões protegem-se de uma velha indigência conhecida. A esperança foi expulsa aqui dos territórios limítrofes do prazer e da dor. Voltar-se-á a gozar e voltar-se-á a sofrer. Nada mais.

65. Dizer que eu era um dos meios que a literatura dispunha para se destruir, arma com a qual se poderia suicidar.

Existe a possibilidade de que esteja a levar a figura de Basilio até um extremo de desespero que o próprio não aceitaria. Talvez mitifique. À minha maneira, poderia estar a incorrer num tipo de idealização vulgar. Na pior das hipóteses, falsifico a realidade dos aldeões e distorço esta sua existência marginal. As coisas podem não ser assim. Talvez minta. Falta consistência humana a Basilio, verosimilhança. De tanto o preservar da esperança, converto-o, quiçá, numa abstracção, num sistema filosófico, numa múmia conceptual. Pois bem, azar. Não me preocupa. O meu tema é o desespero, não Basilio; desesperar, não a vida na aldeia. Ou, dito de outra forma, o meu tema sou eu, e não o desespero; eu, e não desesperar; eu, desesperado. Não mudei muito, a este respeito, desde os dias em que comecei a escrever, ainda adolescente, até estes tempos senis em que já *não* escrevo... Continuo a falar de mim, sem me conhecer; a falar dos outros, sem me ter preocupado em compreendê-los; a tocar em temas maçadores, quando detesto toda a moléstia. Não mudei: intelectualmente falsificado. Senescente a caminho dos quarenta anos, como se só tivesse vivido um dia e já me incomodasse um grande cansaço de existir. Não mudei ao longo desse dia de quarenta anos. Intelectualmente falsificado. Pelo menos, já *não* escrevo. Falsificado.

O que é essencial e o que é acessório neste texto? Basílio é acessório? Pertence ao mundo dos recursos? É o meu instrumento? Ou é o desespero supérfluo, assunto de técnica, estratégia narrativa? Não serei eu, pelo contrário, aquele que sobra, o externo, uma questão formal? Serei um recurso? Às vezes penso que neste trabalho, como na maior parte dos anteriores, só abordo um tema, obsessão profunda em relação à qual tudo é secundário, âmbito, utensílio, esqueleto: o tema da escrita, o que quer que seja o meu escrever. E posso estar a apontar para que, de alguma forma, ela sim seja supérflua, acessória, ela sim pertença ao mundo dos recursos. A mais na minha vida, prescindível como qualquer objecto, posso representar a minha escrita como útil para fins tristes, ferramenta partida para a reparação do patético. De sobra, por um lado; e, por outro lado, desgraçadamente necessária. Não sei... *Numa outra altura, gostava de dizer que eu era um dos meios que a literatura dispunha para se destruir, arma com a qual se podia suicidar. Agora digo que não escrevo, como se eu fosse o suicidado e ela me tivesse destruído...*

É a minha vida um recurso literário? Sei que foi durante anos. E temo que, talvez ao longo desse mesmo período de tempo, a literatura tenha sido para mim um recurso existencial. Agora, *não* escrevo. Isto não é escrever. Onde se encontra, nestas palavras, o acessório, e onde se encontra o essencial? Um saco de palavras, fui sempre isso. Um saco de palavras, também este “Desesperar”. O saco, eu desesperado. “Palavras, palavras,

palavras que me afogais; tenho sede de outra coisa”, escreveu Bataille. Naturalmente, esse não é o meu caso.

Escondo-me sempre por detrás das palavras, tanto quando escrevo como quando penso. Se não me escondesse, não seria o que sou. Não me seria. Como se pode escrever e dizer ao mesmo tempo a verdade? Pode-se? Não, creio que não. *A verdade não é feita de palavras.* As palavras dizem que eu sou o Pedro Garcia Olivo. No entanto, eu, que conheço melhor que ninguém esse Pedro, desconheço-me profundamente a mim mesmo. Saquito.

66. A razão não é popular.

Quando a Razão volta o seu rosto envelhecido para estas paragens residuais, sente a tentação de ser generosa, salvar o que pode ser salvo, reconciliar-se com saberes que tradicionalmente a enfrentavam. Fala, assim, de “cultura popular”, imaginando-se, de qualquer forma, vigente em algumas das suas manifestações. “Existe – diz-nos – uma sabedoria popular, fundamentalmente médica, baseada na experiência e numa forma minha menosprezada, um raciocínio grosseiro, em todo caso, bem fundado.” Remédios caseiros de uma medicina bastante naturista; gastronomia regional; inteligência prática no tratamento dos animais; arquitectura popular; destreza, desenho e sentido do útil no artesanato; ofício e paciência de uma agricultura quase sentimental, ainda assim investida de um certo pri-

mitivismo biológico...

No entanto, esta Razão, de rosto envelhecido, engana-se. E não é uma das suas espécies mais rudes, de espírito franco, pouco “instruída”, a que iluminou esses saberes. Duvido também de que se fundem sempre na experiência. Eu falaria de magia, de poesia brutal, de superstição refinada, de preconceito venerável; falaria de teatro, mesmo que da crueldade; de jogo metafísico, de encenação enlouquecida, de imaginação errática, de ternura inefável, de barbárie.

As doenças do globo ocular curam-se, nesta terra, pondo um lenço amarrado ao pescoço do animal. As intoxicações, dando uma mordidela na orelha para que sangue gota a gota. A meteorologia rege-se pela lua. Os curandeiros são mais estimados que os veterinários. Acredita-se no “mau-olhado” de um modo quase unânime; mas são muitos os que negam a existência das bactérias, dos vírus e em geral de qualquer inimigo invisível da saúde. “Campónios”, como sustentou Joyce, os homens da aldeia negam-se a admitir que o consumo de porco seja minimamente prejudicial. Para prevenir desgraças, é melhor pintar os quartos de azul. Se no dia de Santo António não se faz uma fogueira ao benfeitor dos animais, haverá mortes no rebanho com toda a certeza. O tétano é uma serpente que entra no homem por um pé, cresce dentro dele e, por fim, come o seu cérebro. Um osso de coelho lançado ao ar determina, de acordo com a forma como caia, o sexo da criança que irá nascer. Da mesma forma que existem

os padres, existem as bruxas: questão de fé. As portas que chamam pressentem chuva. Um partido político que ganha as eleições é como uma ovelha velha que temos de alimentar para que seja sacrificada e sirva para fazer chouriços. Quando, finalmente, engorda, come muito pouco e quase não dá gastos. Convém que o partido no governo seja sempre o mesmo, assim que tenha sido alimentando com o nosso dinheiro; já que, ao entrar outro, roubar-nos-á como o primeiro, para engordar os seus, que aparecerão magros e com fome. Existe uma nuvem rechonchuda chamada “la tonta Baltasara”, que aparece a levante e anuncia tempestade para o dia seguinte. De facto, a última “la tonta Baltasara” acabou por ser um incêndio. O interesse dos doutores é passar muitas receitas, pois recebem comissão na farmácia. *Um pastor leu uma vez num livro muito antigo, de quando se sabiam todas as coisas e as letras eram adornadas com desenhos, que, ao longo do tempo, a terra inteira se converteria num deserto. E deve ser verdade, tão antigo era o livro e tão elegantes os desenhos...*

Se a Razão intervém aqui, fá-lo de uma forma tão estranha que deveríamos tomá-la como demente. Mas não intervém. Este mundo é-lhe hostil, por muito que tente encurralá-lo. A Razão não é popular. Tendo dominado praticamente o planeta, a par do seu correlato económico (o capitalismo), do seu protegido social (a burguesia) e do seu referente político (a democracia), ela não soube ganhar o coração destas pessoas.

67. Grande odiador.

Devo ser um charlatão, já que me encontro bem entre as palavras. Um charlatão doente, já que, por sua vez, odeio-as mais do que tudo na terra. E nunca descartei a possibilidade de estar louco, pois falo sozinho, para o vazio, sem sequer fazê-lo para mim mesmo. O que menos suportava no Ensino não era o facto de ter de tomar a palavra, mas a circunstância dessas palavras serem imediatamente ouvidas. Uma das coisas que mais detesto na literatura e no seu mundo é a existência do leitor. Pareceria-me perfeita se ela também falasse para o vazio. Não teria nada a objectar a uma escrita que não fosse assinada, absolutamente anónima e que permanecesse por completo a salvo de ser lida. Mas isso não é escrever. Se não existir um homem pedante, vaidoso, soberbo, que olhe sem descanso para o seu umbigo, e um outro impressionado, fascinável, disponível, que lhe professe uma admiração estúpida (toda a admiração é estúpida), e que quer também dar uma vista de olhos a esse umbigo alheio, então não há literatura, não há escrita. Por isso, o meu, sem leitor e com um autor que não se conhece, será sempre um *não-escrever*. Quanto deveríamos aprender com esses escritores anónimos de livros que se perderam! Eles são a minha inspiração. A eles dedico esta minha não-escrita.

Uma observação: a procura do paradoxo, o gosto pela frase inteligente e desconcertante, que se afirma contra a corrente das opiniões partilhadas e defende

o indefensável, o discurso provocativo, aturdente, na linha de Oscar Wilde, não me interessa absolutamente. Se parece que por vezes me enfio por essas vielas de pirotecnia barata e de gracejo de bobo, não é mais do que uma miragem ou de um ajustamento óptico a que me permito sem qualquer finalidade, com a mesma inércia de quem fuma um cigarro. O paradoxo não é, no meu caso, matéria de estilo, técnica literária, mas sim um fruto fatal da minha pobre cabeça (partida). O pensamento não é o meu. Não o pratico. Colho e largo as ideias como conversas de paragem de autocarro e com tão pouco respeito em relação à sua pretensão de verdade que, por vezes, me afundo na contradição e na incongruência. Todas as teorias seduzem-me uns segundos e depois cansam-me. Estou inclusivamente farto deste andar às voltas do desespero. O meu ódio ao Estado não é uma ideia: é um sentimento que me entrou pelos olhos antes de me terem tentado ensinar a usar o cérebro. O meu ódio à burguesia também é um sentimento, mas este entrou-me através do suor do corpo, enquanto o sádico do meu primeiro patrão fazia uma sesta sudestina diante de nós, os seus trabalhadores adolescentes, bêbados e extenuados. O meu ódio à cultura é biológico, uma reacção do organismo ao excesso de saberes que me ensinaram até me fazerem perder a inteligência natural e o conhecimento espontâneo. E o meu ódio à escrita pode ser visto como uma mania de um velho louco que cheira algo podre onde outros inspiram uma qualquer fragrância embriagadora. Noutro

lugar falei de “ranço”: fedor a carne em decomposição. Fora isso (e pondo de parte a repelência que sinto em relação ao homem; não já ódio, mas desprezo e asco), não existe em mim nenhuma constância, nenhuma fixação da reflexão, nada de mentalmente estável. Amiúde, defino-me como um grande odiador, uma boca inimiga.

68. Esperança mórbida.

Parece-me que não existe nem uma só ideia humana que não esteja grávida de uma esperança mórbida: se não fosse incapaz de pensar, *nisso* haveria um motivo para deixar de o fazer.

69. Continuarei a roubar, e não a exercer...

A forma que a pobreza tem de corromper é mais doce que a da riqueza. A mim ambas me corromperam; a Basílio, nenhuma. Não fui imune à acumulação de capital, e logo delapidei as minhas poupanças como um néscio. Imoralizando-me, a pobreza atirou-me para o mundo do delito, de onde guardo belas experiências. Nunca me senti mal depois de um roubo, mas sim cada vez que ia para o trabalho. Genet dizia que roubar era mais digno do que trabalhar. É claro... Os piores trabalhadores são mais conscientes disso do que os melhores ladrões.

A vocação para o furto deu-se quando era pequeno. Roubar guloseimas no supermercado era uma tarefa

absolutamente séria e transcendente para mim, à qual dedicava o melhor da minha inteligência e o mais incisivo da minha imaginação. Fui crescendo e ao mesmo tempo ia aperfeiçoando as minhas manhas, ganhando astúcia, fortalecendo a minha tendência. Furtava casetes de música e roupa nos Grandes Armazéns, livros nas livrarias de bairro, qualquer coisa nas mercearias. O dia em que não perpetrava um roubo, faltando ao meu compromisso, descuidando a minha missão na terra, revestia-se, para mim, de um carácter trágico. A minha consciência ficava perturbada, pois não me perdoava a preguiça... Procurei inculcar esse hábito aos meus amigos e começámos a divertir-nos juntos.

Os mais pequenos do grupo traziam para a “cabana-quartel”, tangerinas das lojas, banda desenhada dos quiosques, material escolar da Escola,... Os mais velhos decantavam-se já para o álcool, os preservativos e os pequenos artigos que se podem oferecer às mulheres. Uma das minhas façanhas mais notáveis foi furtar uma peruca de uma secção do El Corte Ingles, levando-a posta. Ofereci-a à minha mãe, que estava louca e gostava de se disfarçar. No dia em que o meu pai, para comemorar a minha recém estreada maioridade, me ofereceu uma mota roubada, a chama dessa minha paixão pela *desordem da propriedade* avivou-se até ao inefável. Segundo parece, houve um acidente, uma colisão na qual esteve envolvido um motorista. Muita gente apareceu para ajudar os feridos, entre eles o dono da motocicleta. O meu pai aproximou-se e esperou. Quando

o tumulto se dissolveu, e já não havia ninguém à volta, apanhou a mota e meteu-a na carrinha. Tendo conseguido obter uma matrícula falsa, escondeu-a numa antiga estrebaria até ao dia dos meus anos. Nunca me esquecerei desse detalhe do meu pai, a quem devo o cultivo das minhas melhores qualidades. Ainda hoje, sempre que posso, ofereço algo roubado.

Quando passei no meu exame de admissão perante o corpo de docentes do bacharelato, a minha novíssima condição de funcionário permitiu-me progredir ainda mais por essa via da ilegalidade e do delito. Adquiri um carro que deveria pagar em quarenta e oito prestações e não me preocupei com a factura. Levei-o para o estrangeiro, a Budapeste, deixando a minha conta a negativo. A Citröen localizou-me finalmente devido ao bom trabalho de um detective, ao fim de três anos; e a Banca Nacional de Paris, concessora do empréstimo, colocou-me bem no topo da sua lista de devedores. Falsifiquei a morada que constava na minha carta de condução e durante muito tempo não paguei nenhuma multa. Não me chegavam as notificações. Comprei, também a prestações, uma bicicleta nas Galerias Preciados, e só paguei metade. Uma empregada deste estabelecimento telefonava periodicamente para a minha mãe para tentar obter a minha morada. A pobre, no seu desvario, respondia-lhe que ainda não tinha regressado da China. Enfim, aproveitei-me da honorabilidade que se supõe que um funcionário deve ter para dar trabalho extra ao Departamento de Vendas e aos detectives privados da Banca.

Outra recordação encantadora da minha juventude situa a minha casa com uns quantos homens irritados, a tentar confiscar qualquer coisa, desesperados devido à inexistência dos bens que pretendiam sequestrar, à falta de valor dos outros bens e às palavras do meu pai que eram sempre as mesmas. “Se quiserem podem-me levar preso, mas então não poderei trabalhar e pagar o que devo. Irão ver...”

O meu pai. Quanto gasóleo roubámos juntos dos camiões e dos tractores, quantas ferramentas das oficinas, quanto material de construção das obras...! Ele sim era um educador!

Chegou, no entanto, o momento em que um dos meus piores roubos, subtracção de uma quantia considerável, obteve a aprovação do Estado e o consentimento da lei: foi no dia em que depositaram o meu primeiro ordenado como professor assistente. E isso, sim, despertou a minha consciência. Demasiado dinheiro por nada; demasiado dinheiro por dominar um rebanho de infelizes desprovidos de poder; demasiado dinheiro para que fechasse os olhos ao opróbrico da docência; demasiado dinheiro para um suborno; demasiado dinheiro, roubado a toda a comunidade, por permitir que me imbecilizassem e por seguir rigorosamente o lema de Cortázar (“mandar para obedecer, obedecer para mandar”); demasiado dinheiro por depor as armas da crítica e abdicar da soberania sobre a minha inteligência; demasiado dinheiro subtraído a todo um país, com a aquiescência da lei e do Estado. Os profes-

sores, grandes ladrões *de luva branca!* Grande roubo a todo o mundo, particularmente aos mais humildes!

Se se retira ao acto de roubar essa componente de atentado contra a moral hipócrita e de desobediência à arbitrariedade da lei, perde, para mim, todo o seu interesse e todo o seu valor. Reivindico, milhentas vezes, os inumeráveis pequenos furtos do meu pai, cheios de poesia, de imaginação, de jogo infantil e de brincadeira inocente, mas também impregnados de um sentimento certo de equidade social (nós, miseráveis, roubávamos, no fim de contas, a quem tinha algo a defender), atravessados por um instinto profundo de rebeldia e insubmissão – desacato à lei e também à moral, ao Estado e também à Igreja – e por um desdém absoluto em relação a tudo o que ostentasse o título de “propriedade privada”. Agentes de uma nova redistribuição dos bens (roubávamos para oferecer), apreciávamos, acima de tudo, o gesto em si mesmo, exorcizando através dele todos os demónios da apropriação particular e da disciplina fetichizada. Bem longe desta inteligência maldita do roubo, desta sabedoria rebelde do delito, encontra-se o assalto periódico do funcionário: este homem rouba para obedecer, por ter renunciado à autonomia da sua consciência, vítima da moralidade dominante e marioneta da legalidade dos ricos. Rouba a toda a sociedade para se sustentar na sua cúpula, com as costas protegidas pela ignomínia da organização estatal. Não conseguí aguentar muito tempo entre essa gentinha cinzenta, idiota, do crime legalizado. Capaz de roubar a

um professor a sua estúpida pasta, não suportava o insulto mensal do ordenado na minha conta. Continuarei a roubar, e não a exercer... Se a pobreza me corrompeu, doce foi o veneno que me envenenou a alma. Serei fiel à minha feliz corrupção. Não espero nada dos códigos jurídicos, nada das instituições civis, nada da vossa ideia de Bem, nada da propriedade, nada do assentimento, nada dos pais que ensinam os seus filhos a trabalhar, não espero nada de nada.

Desesperado como eu, Basilio, pelo contrário, não rouba... Uma vez mais, o seu desespero é de uma ordem superior ao meu: também nada espera da insubmissão programática, da rebeldia consciente, da desobediência que obedece, porém, a uma filosofia concreta, dos pais que ensinam os seus filhos a roubar... Ele sim não espera nada de nada; espera menos de nada de menos de nada.

70. Desesperar da luta?

Como se terá observado, uma das fontes mais importantes de contradição no meu discurso radica na relação movediça que o eixo da minha sensibilidade (chame-se coração, cérebro ou qualquer outra coisa) sugere e não estabelece entre “desespero” e “luta”. Será o Desespero ainda uma forma de luta, talvez menos “política”, quase “metafísica”, e, por isso, de maior importância? Ou, pintado de esperança todo o conceito de Luta, exsudado da falácia, seria preferível prescindir

dir dele? É o homem desesperado um profundo lutador, quase abismal, ou são todos os lutadores, desde a própria raiz da sua prática, vassallos do engano? Será o Desespero um conceito ideológico que tende à rendição, à entrega das armas, à claudicação absoluta do indivíduo? Será este “desesperar” implementado pelo próprio Sistema para neutralizar eventuais recaídas da luta? Será o meu conceito de *homem desesperado* grato aos poderes económicos, políticos e culturais confrontados sempre com a figura do lutador?

Esta é uma questão que não resolvi por completo. Gostaria de ser visto sempre como um lutador e, se fosse possível, como um lutador desesperado. Mas, da mesma forma que insinuo algo de “ilusão”, de “falso consolo”, na própria ideia de luta como motor da existência, sinto o cheiro da passividade, do conformismo e até da cumplicidade no desenvolvimento lógico do conceito de *desespero*. Sendo que ambas as ideias me são bastante caras, já não sei se desesperei da luta ou se luto desesperadamente. Provavelmente, desesperei de algum tipo superficial de luta e aproximo-me agora de um combate interior, de um combate transcendente em que está tudo definitivamente em jogo. Quero acreditar que não existe luta profunda, gravidade da luta, sem um desespero prévio. Denunciante infatigável de todo o inimigo fantasmagórico, de todo o simulacro de combate, o desespero libertaria assim o caminho da luta, acabando com a obstrução das mais diversas ideologias apaziguadoras. Levar-nos-ia ao lugar exacto de

confrontação perante o verdadeiro adversário.

Mas não posso descartar as restantes possibilidades, opostas a essa problemática reconciliação dos meus dois estimados conceitos: que o desespero equivalha a depor as armas da transformação social, e que a luta seja estéril ao fundamentar-se num substituto da esperança.

Lutador. Desesperado. Mudar de vida. Defender-se. Revoltar-se. Emancipar-se. Transformar a Sociedade. Ausência de todo o engano. Resistir. Opor-se. Desesperar de lutar. Falsa Consciência. Ideologia. Misticismo. Opressão. Estado burguês. Luta desesperante. Desmascaramento. Legitimação. Discurso perigoso. Crentes. Aprender a calar. Tempos sombrios. Organização sinistra. O que quer que seja a realidade. A paz do cemitério. E ESSES SÃO OS IMPRESCINDÍVEIS. Uma mão que é invisível e que mata. Galinhas mortas no cérebro. Superfícies desertas... Não sei de que maneira posso atar estas palavras, não sei que fazer com elas; elas falam-me. E isto é luta? Isto, desespero? Saco de palavras! Nem luto, nem estou desesperado. Só escrevo. Só escrevo? Só! *Não digas isso, por favor.*

Basilio não gosta de se apresentar como um “homem desesperado”. Também nunca se sentiu impelido a definir-se como “lutador”. A intelectualidade distingue-se pelo costume de sepultar a complexidade do ser, ou a extrema simplicidade do não-ser-nada, sob um cúmulo de etiquetas vazias. De si mesmo, Basilio só indica que é “pastor” e que é natural de Arroyo Cerezo; sobre as outras componentes da sua identidade, man-

tém um desdém seco e lúcido. “Que seja como seja! Que falta tenho eu de saber se luto ou não luto, se estou desesperado ou não?”

Porquê enlamear as coisas que fazemos ou não fazemos com a lama das palavras? Sinto, no entanto, essa necessidade. Sinto-a aguda, pungente, insuportável.

71. Sornando.

Existem imagens através das quais a alma de um homem se expressa melhor do que por meio das palavras, reflectindo-se como diante de um espelho; imagens nas quais o homem *se encontra* por inteiro, sem mediações nem subterfúgios. Lembro-me de uma de Basilio, extremamente reveladora: a dormir no galinheiro, ao calor de uma simples candeia, para defender as suas aves do gato-bravo que assolava os currais. Durante várias semanas, o gato foi a maior preocupação de Basilio, o objecto invariável dos seus pensamentos. Primeiro matou as galinhas e os perus de Ernesto; depois os frangos de Domingo, o vaqueiro; por último, os coelhos de Carla. Basilio não queria correr o mesmo risco. Por isso, apesar do frio de Outono, da chuva e da neve, da humidade desta terra, do estrume do seu curral, dos ratos; apesar de tudo, Basilio ganhou o costume de dormir (“sornar”, diria Balzac; palavra que sugere o repouso das feras, vigilante, intranquilo, receoso) todas as noites com as suas galinhas, ao relento, naquele pequeno, sujo e malcheiroso recinto a céu aberto. Vejo-o desde aqui,

com a sua samarra feita em pedaços, a suas botas altas, o passa-montanhas esburacado, os cabelos oleosamente desgrenhados, encostado a um canto, com a cabeça ao lado da candeia, esperando numa semi-vigilância, nem a dormir nem despertado, o temível felino. Toda a sua vida estava ali, todo o seu ser e, também, todo o seu desespero. Não tinha outro propósito, nada mais importante que fazer, nenhuma outra inquietação, nada pelo que lutar, à excepção dessa procura de salvação da vida das suas galinhas. Não encontrava outro motivo para a angústia, outro assunto sobre o qual reflectir, a não ser o gato-bravo e as suas manhas. Tão concreta era essa sua existência, tão submersa no vivo, no terrenal, humana, demasiado humana, sem enganos, miragens, empresas filantrópicas, grandes tarefas, ideais que o distraíssem do fundamental – *o fundamental*: a defesa da vida que o rodeia, de cada vida vinculada a si, a sua própria protecção. Não o atormentava a causa da Liberdade; não se desvelava pela Ciência; não se preocupava com o futuro da espécie humana; ignorava se estava a poupar muito ou a gastar demasiado; não se preocupava com o seu prestígio, com o que se podia dizer dele; não o perturbava a necessidade de partir, de mudar de vida, de construir uma família; não desejava adquirir nenhum objecto, não precisava de cultivar nenhuma relação de amizade; nada, em suma, dava voltas à sua cabeça, excepto o perigo que as suas oito galinhas corriam. Só tinha uma esperança: a de poder salvá-las. Nobre de coração, frio de inteligência, Basilio ocupa-se

unicamente do mais valioso. Nem se deixa ofuscar pelas quimeras da Modernidade, nem se deixa subjugar pelos rebentos da vaidade humana e da consideração social. Super-homem nietzschiano, este Basilio. Que bem compreenderia Zarathustra: “O meu conselho, realmente, é que se afastem de mim e me evitem.”

Está a chover. É meia-noite. Os cães vigiam cansados. Mas Basilio não se descuida. Estas são as noites em que espera que o gato cometa os seus delitos. Um saco de plástico servir-lhe-á de impermeável. Tem muitos. Eram de adubo. Como faz frio, colocará por cima do seu abrigo a pele de “manso” curtida pela sua mãe antes de morrer. Já comeu bastante. Não pode com as morcelas de arroz e de sangue de porco. Atira-as aos cães. Também têm direito... Ainda assim, acaba com o vinho. Pouco mais de um litro por jantar. E, como em todas as noites, faz do estrume a sua cama e dispõe-se a dormir com um olho aberto e o outro fechado.

De facto, Basilio não alcançou o seu objectivo. Numa dessas noites chuvosas e geladas, o gato trepou o tapume do seu curral. O vigia pôs-se de pé. Viu-o claramente. “Como os de casa, mas maior”, disse no dia seguinte. Começou a gritar para alarmar os cães. Foi inútil. Cansados de andar todos os dias com as ovelhas, os cães tardaram a reagir. O gato-bravo não teve medo de Basilio. “Olhou-me nos olhos e não se assustou. Saltou para o chão, esquivou-se de mim e, pelo meio, matou três das oito galinhas...” De bordão na mão, Basilio tentou acertar-lhe com um golpe na cabeça, como fez ao

Guardia Civil. Mas não teve tanta sorte. “Só lhe acertei nas costelas.” Como é costume na aldeia, e para que se pudesse fazer caldo à noite, o meu amigo “arranjou” as três galinhas. Nada se desperdiça.

72. O sabor das fezes.

No que me toca, se tivesse que escolher uma imagem de algum modo reveladora do meu espírito, tal como ele por vezes me parece ser, não duvidaria minimamente: uma sufocante noite de Verão, depois de jantar, encolhido debaixo da mesa, cheirando o suor dos pés dos meus pais, que rapam os pratos como se fossem os últimos e comentam algo sobre o pouco dinheiro que ainda têm, emigrantes em Barcelona, discriminados por serem murcianos (“de uma puta e de um cigano – dizia o refrão – nasceu o primeiro murciano”), introduzo o dedo indicativo no cu e, a transbordar a merda, levo-o à boca. Gostava das fezes porque eram doces; e comia-as depois de jantar não só para acabar de matar a fome...

Que se pode esperar de um cropófago miserável? Nada, que escreva porventura. No pátio de merdas secas que é este mundo, procurará um recanto esquecido pelas moscas e defecará alguma narrativa. Cheia de mau gosto. Péssima. Como esta página.

73. Demasiadas moscas nesse recanto do pátio.

Redijo estas páginas nas melhores condições do mundo. O meu escritório é a montanha. A minha companhia, um rebanhozito de cabras. Não existem homens à vista. Escrevo ao amanhecer, e pouco antes do sol se pôr, encostado preguiçosamente nas rochas ou a caminhar. Nada me distrai, excepto a beleza da paisagem. Sobre a minha cabeça, sempre um bom pedaço de céu, como queria o Swann de Proust. *E a minha escassa imaginação a libar alguma recordação, a cortejar alguma ideia.* Declaro-me incapaz de escrever numa habitação, fechada à vida, diante de um computador, antes ou depois do trabalho, comodamente sentado, com um café quentinho na chávena, respeitado por uma mulher que não me quer incomodar e por umas crianças a quem se diz que o seu pai é muito inteligente. Demasiadas moscas nesse recanto do pátio. Galinhas mortas no cérebro.

74. Defender apenas o corpo.

Há um traço de Basilio que não passa despercebido nem aos seus mais cruéis detractores e que suscita admiração geral: o seu carácter absolutamente inofensivo para o resto dos homens. Excepção feita à alteração com o *Guardia Civil*, Basilio nunca teve a mais pequena desavença com um dos seus semelhantes. Não há memória nem de uma só disputa, física ou de

palavras; não participou em nenhuma das contendas que dividem a aldeia. Nunca ninguém se sentiu caluniado, ofendido ou injuriado por ele. Nunca teve para com os seus vizinhos nem sequer a nimiedade de um mau gesto. Passeia a sua singularidade pela aldeia sabendo que é vilipendiado, objecto de mofa, mas sem responder a uma vexação tão quotidiana. Não se trata, porém, do cristão “dar a outra face”, mas de uma rara sabedoria prática na hora de escolher os seus inimigos. Mishima sustentou que “a altura de um homem mede-se pela dos seus inimigos”, e Basilio não concede tamanho suficiente às pessoas que o rodeiam. Não espera nada do comum dos homens, nem sequer a sua consideração. Não tem uma “imagem pública” impecável que tenha de estar a lavar a todo o momento. Não se preocupa com o que os outros dizem. A disputa tem de ser bem nobre para que Basilio se meta nela. Como o filósofo arisco que a empreendeu às marteladas com os ídolos modernos, “numa idade incrivelmente precoce descobriu que nenhuma palavra dos homens lhe faria alguma vez o menor dano.” Enfrentou o *Guardia Civil*, isso sim. Mas, em primeiro lugar, porque nada resta de um homem debaixo desse uniforme. E, em segundo, porque aquele inescrupuloso ameaçava a integridade do seu corpo, e não apenas a sua reputação. Era o organismo inteiro, a carne, a pele de Basilio, o que o desalmado agente pôs como alvo. E Basilio defende até à morte essa sua dimensão corporal. Um ser capaz de te bater impunemente, com uma profissionalidade esme-

rada, esse sim é um inimigo à altura. Não é um homem, muito menos uma besta. Algo pior. Ainda mais do que o gato, temível. E Basilio protege-se com toda a sua alma do seu poder nefando. Não exige nada aos homens a não ser que não firam o seu corpo. Desesperado, imune à palavra, às armas da inteligência, ao traço da agressão simbólica. Basilio recuperou a força dos verdadeiros animais: só se revolta se lhe infligem um dano físico. Façam o que quiserem com o seu nome, com a sua imagem, com a sua reputação. Isso não dói. Ele não perderá o seu tempo numa guerra tão trivial e perante um inimigo tão pequeno.

Pertence ao âmbito da esperança uma susceptibilidade extrema perante a opinião alheia: esperança de imortalidade, de viver sem o suporte do corpo através do brilho do nome, da reputação cravada na memória de uma comunidade. Como o homem que deseja ter muitos filhos para não morrer de todo quando estiver morto de todo; como o escritor que acumula publicações exactamente para isso mesmo; como quem acredita numa “outra” vida por não poder suportar a falta de substância da única vida realmente existente, falta de substância do ser humano, perfeitamente mortal; como todas essas tristes pessoas domesticadas pela ilusão, aquele que vive atraído pelo que os gregos chamavam de “doxa” (consideração social, renome, opinião alheia) sucumbe risivelmente à mais vã, supérflua e estúpida das esperanças: a esperança da eternidade. Antístenes, cínico de primeira, reivindicou, contra-

riamente, a “para-doxa”, um viver sem ter em conta o que os outros poderiam pensar ou dizer do seu próprio comportamento. Diógenes, querendo pôr este mote em prática, equivocou-se pelo caminho: ao procurar premeditadamente a provocação, o escândalo, o espectáculo desagregador, continuou a ter como referência a “doxa”, continuou a trabalhar, a viver, para o olhar da comunidade, atento à palavra dos outros, criando uma imagem pública, servo patético da sua própria “má reputação” e sacrificadamente fiel à sua fama de “homem-cão”. Basílio, mais cínico que estes cínicos – na acepção antiga da palavra “cinismo”: “kynismós” –, sim, sabe viver de costas para o “que dirão”, nos antípodas da sede de eternidade, indiferente ao que os outros possam fazer com o seu nome, defensor feroz, no entanto, da integridade do seu corpo felizmente perecível. E tudo isso sem levar uma vida de opereta, no anonimato, hostil à teatralidade, sem a menor intenção de incomodar alguém. Diógenes superado, Basílio instala-se, assim, numa minúscula região de liberdade possível – o julgamento dos outros não pesa sobre os seus actos. Que resta de um homem se o despojamos dos fundamentos da sua aparência? Resta o animal que não se atreve a ser, o que Basílio fez de si mesmo.

75. Animal feliz.

Agora que tenho um filho, podem fazer-me uma pergunta: como queres que seja, que esperas dele? Não

espero nada dele. Gostaria que fosse um animal feliz.

76. O bordel dos empregos.

Chamorro, pastor de Ademuz, teve um dia uma ideia curiosa. Assíduo do Club del Hontanar, a casa de putas dos criadores de gado, descobriu nele a possibilidade de fazer negócio. Era popular naquele estabelecimento devido ao seu comportamento invariável e fora do comum. Quando chegava, punha em cima da mesa duzentas ou trezentas mil pesetas e exigia que todas as prostitutas estivessem imediatamente ao seu serviço. Esperava que os outros clientes se fossem embora e, encerrada a espelunca para o atender exclusivamente, iniciava um período de festa particular, de orgia privada, que durava toda a noite e boa parte do dia seguinte. Nuas, todas as mulheres deveriam rodeá-lo. Não deveria ficar nem uma só garrafa de champanhe por abrir. Como não tinha carta de condução, o amigo que o levava de carro tinha de esperar na rua, dormindo incomodamente durante a noite e aborrecido desde o amanhecer até quase ao meio-dia. No entanto, obtinha uma recompensa fixa de dez mil pesetas e uma caixa de champanhe... Chamorro apenas ia ao Club uma vez por estação, não mais do que isso. Há quem diga que trabalhava para isso. Uma das prostitutas, uma sul-americana exuberante, que sabia manejá-lo perfeitamente, tornou-se desde logo o alvo da sua ideia: poderia contrair matrimónio com ela e permitir,

ainda assim, que continuasse a exercer na sua casa de La Solana. Muitos pastores apareceriam no arrabalde porque a rapariga fazia muito bem o seu trabalho e ele alteraria inteligentemente as tarifas. Tomaria conta, assim, dos dois negócios. Se a jovem ficasse prenha, também não faria mal ter um rapazote para as tarefas nos currais... Chamorro não encontrava falha no negócio, desse por onde desse. Ela, para castigar menos o seu corpo e para viver melhor (Chamorro era rico), manifestava a sua aprovação, desejosa, quase impaciente... E ele teria o seu desafogo bem à mão de semear, a qualquer hora, sem gastos.

Chamorro explicou a sua ideia a meio mundo. Não encontrou a aprovação de ninguém, como se se tratasse de um disparate. No entanto, as mesmas pessoas que se riam na sua cara ou que quase se chateavam ao ouvirem falar do projecto, eram incapazes de apresentar razões contra. Desconcertado, resolveu pedir conselho a Basilio, homem pouco expressivo e de palavra curta e justa. Tinha desistido, durante algum tempo, de falar com ele, pois era o único pastor da zona que nunca tinha pisado o Club del Hontanar. Como se sabe, tinha a sua ovelha e sentia alguma apreensão em relação às rameiras. Contudo, e já que Basilio via sempre as coisas de outra forma, sendo a sua palavra lei, decidiu comentar-lhe os seus planos. Certeiras, as palavras de Basilio fizeram que se esquecesse do negócio. Não havia nelas nem o menor preconceito, nem a mais mínima abstracção no discurso, nem o mais aba-

fado eco de uma moral repreensiva: “Chamorro, terás à porta mais clientes que compradores. Só te digo isto: não conseguirás tomar conta das duas tarefas. *Ou se lida com uma coisa, ou se lida com a outra.*” Chamorro ficou convencido, então, de que, de facto, já acarretava bastantes problemas levar avante, sem ajuda, sozinho, a empresa dos cordeiros, para compaginá-la agora com uma tarefa difícil que também lhe granjearia mais um quebra-cabeças. Para decepção da sul-americana, o pastor abandonou a ideia, resignando-se à sua condição de solteiro sexualmente necessitado.

Não se encontra no discurso de Basilio nenhum traço das quase inevitáveis intelectualizações do problema. Tinha falado concretamente e da forma mais precisa. Não lhe passou pela cabeça a questão da opressão da mulher, a censura moral da prostituição, o escrúpulo religioso que pode suscitar um casamento exclusivamente crematístico, o papel dominante do homem no lar, etc. Simplesmente, prestou atenção ao assunto sem apriorismos de qualquer tipo, com um realismo atroz. Se ela queria e ele queria, não era aí que se encontrava o problema. Não se encontrava aí, por muito que os padrecos e os intelectuais se intrometam. A questão era saber se Chamorro poderia fazer as duas coisas. E fazê-las como se deve: bem.

Van Gogh disse uma vez que “se se é pintor, não se pode ser outra coisa”, e Basilio pensa o mesmo em relação à criação de gado. Por isso alertou, ajuizadamente, Chamorro. E eu penso da mesma forma que Van Gogh,

da mesma que Basilio, no que toca à escrita: “Se se é escritor, não se pode ser outra coisa.” Não se pode escrever bem com outro negócio nas mãos. Escrever, como pintar, como guiar o gado, é uma forma de vida e não uma ocupação apenas. Se a escrita não governa inteiramente a vida do autor, os frutos do seu trabalho só terão valor para o mercado. Por detrás de cada “escritor a tempo parcial”, como se diz hoje em dia (professor-escritor, médico-escritor, juiz-escritor,...), vejo sempre uma puta excitada pelo seu ofício que envenena de prazer o seu corpo, que inunda os seus bolsos de ouro, que enche a porta da sua casa de gente e que o prende a uma literatura de mercado balofa, como as gorduras que degradam a sua figura, e tola, como a maioria dos seus amigos. Pondo de parte toda a abstracção do debate sobre a escrita, pondo de parte de vez a reserva política que provoca uma dupla ocupação legitimadora (servir a opressão estatal de duas formas, em dois lugares), pondo de parte a questão da autonomia e da liberdade de criação, o problema da relação da obra com os poderes e com as mercadorias, as consequências da definição social do escritor, etc., ainda posso fazer minha a visão terrivelmente concreta de Basilio, perfeitamente desesperada na sua renúncia à idealização, renúncia a afundar um motivo de reflexão nos pântanos da esperança política, estética ou religiosa, e sustentar que a escrita de um profissional de outra coisa convida ao vômito. Esse homem realiza-se melhor, sem sair do seu posto, no bordel dos empregos. A me-

retriz imponente do seu ofício deveria ser suficiente. “Ou se lida com uma coisa, ou com a outra.”

77. Finalmente ter encontrado o caminho
até não sei dizer onde.

O que não posso negar de nenhuma forma é que as rédeas da minha vida estiveram sempre nas mãos da escrita. Fui professor para uma escrita tormentosa da aflição, que sabe esconder a sua origem, e da angústia sensível. *Um pedaço de vazio* e *Nada a salvar*, livros que tinham de ser escritos, tornaram-me funcionário, consciência impudente de opressor. Anteriormente, tinha sido imbecil, com uma tese de doutoramento intitulada *A Polícia da História Científica...* A escrita revoltou-se mais tarde, ávida de um suicídio não apenas simbólico, contra mim mesmo e o que me rodeava: *O Irresponsável*, texto terrível, desalentador, esteve quase a tornar-me louco para que o pudesse escrever. Farto de protagonizar uma luta encarniçada não sei se contra algum inimigo, mas consciente do opróbrio da minha função, tendo de fugir, senti então que os vendavais da escrita me empurravam e que havia outra obra que me trabalhava na sombra para que pudesse nascer. Era *O espírito da fuga*, que me converteu em desertor de tudo o que tinha conquistado, fugitivo da minha própria identidade... “Os mundo convulsos, o pensamento errante, a vida irregular”: assim escrevi aquele livro que o meu desejo expressara. Eu obedeci. Quando a literatura se

cansou de que o seu homem se desfizesse uma e mil vezes diante do espelho das palavras, concedeu-lhe uma trégua, manchada de derrota, de frustração e de deriva. *O inefável das ruínas e Missivas do abandono* foram o seu instrumento. Renovou-se por um instante, no meio daquele desassossego, a velha paixão pelo combate; e um discurso nostálgico, escarnecedor de toda a passividade, fazendo com que a ferida do meu desânimo estancasse, escreveu por mim *O ranço*. Fiquei calado durante algum tempo, perdi toda a esperança, acreditei que por fim tinha encontrado o caminho até não sei dizer onde, e as palavras que desde sempre aguardavam o seu compromisso com a minha pena transbordaram neste *Desesperar*, sem que lhe pudesse opor a menor resistência. Dessa forma eu, odiador da escrita, inimigo acérrimo de tudo o que se pode fazer com as palavras, reconheço que sou constituído por elas, protuberância daquilo que detesto, filho pródigo – desejara ser parricida – de uma paixão literária vil, tuberculosa, usurpadora da verdadeira existência... Para além de escrever, só fiz o que tinha de fazer para escrever. Triste marioneta. Sucedâneo de homem. O escravo das palavras.

78. Baixar a bola à literatura.

Não devo ter muito a dizer, já que insisto uma e outra vez nos mesmos temas. E acabo, no final de contas, por escrever o mesmo. A escrita desesperada caracteriza-se por uma absoluta perda de fé em si mesma. Nesse

sentido, e por oposição à escrita dominante – discurso satisfeito consigo mesmo, estimado por si mesmo, inebriado de amor-próprio –, pode conceber-se como *não-escrita*. Já não se apresenta como chave da verdade, janela aberta para o desconhecido, para o misterioso, instância de revelação da essência das coisas e dos homens, exploradora, inquisitiva, questionante, luz que se lança sobre alguma penumbra, sobre alguma escuridão, olhar que perscruta, que investiga, que descobre; também não coloca o seu autor num pedestal de talento, numa tarima de saber, num cume de inteligência ou, pelo menos, de imaginação, fornecedor de beleza, artífice do deleite da leitura, encantador de serpentes, bruxo, feiticeiro, mago, narciso pedante. Desublímada, a escrita já não espera nada de si mesma e não tem por que falar bem do seu forjador. O escritor desesperado, consciente do seu patetismo, da sua fraqueza, faz o que pode com os meios que dispõe e não tem pretensão a grandes coisas. Não tem nada que ensinar a ninguém, não tem nada a fazer por ninguém. Não alumia verdades, nem distribui prazeres. Também não se ama a si mesmo através do suposto valor do que escreve. De facto, a questão do valor interessa-lhe ainda menos do que as expectativas penosas dos leitores. Escreve por debilidade, por fraqueza, por não ser capaz de se calar, talvez devido a alguma tara, alguma deficiência grave do seu carácter, por doença, por miséria espiritual, por não ter nada melhor nem pior que fazer, por vício, por estupidez, por cobardia. E a sua escrita,

que conta muito pouco para si mesmo, não deve valer nada para o leitor.

Como uma pedra atirada por uma qualquer mão, aí estão as minhas obras, perfeitamente inúteis. Como um Zé Ninguém que trabalha para a alimentar a sua família, que um dia morrerá e se acabará, ainda que não acabem nem o trabalho nem a família, aqui estou eu, absolutamente irrelevante. Desesperado e feliz, sem dever nada a ninguém, como Basilio no meio do monte a contemplar as suas ovelhas, irrelevante e inútil, seguro de que não está em meu poder causar-vos dano, a salvo de ter influência em leitores ainda mais débeis que eu, incapaz de vos convencer do que quer que seja, inepto, acidental como a circunstância de ter nascido, vazio, leve, oco, folha que o vento arrasta, com muito poucas mentiras a que me agarrar, vivendo por instinto como os animais, hostil, odiador, inimigo.

79. O representante da casa de rações compostas.

O representante da casa de rações compostas visitou, em certa ocasião, o meu amigo Basilio. Interessado em “ganhá-lo” como cliente, atreveu-se a irromper pela sua choça. Dizem que saiu nesse mesmo instante, dando uma desculpa qualquer, e vomitou a uns dois metros da fachada... O que este homem viu naquela barraca, e que os seus intestinos delicados não puderam suportar, converteu-se num cliché que toda a gente evoca quando se fala de Basilio. Não existem dúvidas em relação

à veracidade do relato, pois eu mesmo contemplei – através do espaço que a sua porta, entreaberta, deixa perceber pela noite – cenas semelhantes. Só que eu não vomito por isso. O que me daria volta ao estômago seria a visão do representante da casa comercial, com o seu sorriso estúpido de caçador, que observa uma peça, gananciosamente cosido nos lábios e uma gravata que enforca o próprio sentido estético a pender-lhe do pescoço como um babete. Diz-se que quando este fantochezinho entrou na choça, Basilio estava a jantar. Uma ovelha, recém esfolada, estava pendurada num prego numa ponta da chaminé. Ainda sangrava pela boca. Basilio tinha sobre um cartão, à falta de prato, em cima do poial para sacrifícios que fazia de mesa, um pedaço de carne assada directamente no fogo, com cinzas incrustadas. Ao seu lado, os cães devoravam as entranhas do animal, com predilecção por uns fígados esverdeados e cheios de pedras. Irritante, o zumbido das moscas acompanhava o arfar dos cães, numa atmosfera saturada pela peste das vísceras rebentadas e o cheiro a lã e a estrume de todos os pastores da zona. Como o chão da casa de Basilio continua a ser de terra, e nesse dia tinha chovido, o representante sentiu, para além do mais, os seus sapatos enlameados, salpicados de barro e de sangue, e com palha húmida colada. Basilio ouviu o que aquele homem tinha para lhe dizer, sem interromper, contudo, o seu jantar. Comia com as mãos, mordendo um pouco selvaticamente. Quando o representante terminou de lhe revelar, desta feita com um resumo im-

provisado, as suas consabidas intenções, com o vômito já iminente, Basilio respondeu-lhe, com a boca cheia de carnaça ensalivada, que não dava às suas ovelhas “merda dessa, feita à base de químicos e sabe Deus o quê.” O homem do sorriso fóssil e da gravata ritual, mais do que ter-se ido embora, fugiu da cabana... Deixou a dois passos da porta um vômito de martini com azeitonas. Mais tarde, os cães de Basilio degustariam um pouco incrédulos, como se fosse uma sobremesa inesperada, esse aperitivo tão mundano...

O quadro da cena é fácil de imaginar. Postas as ovelhas no redil, o meu amigo teve a necessidade de “arranjar” um animal doente para consumo, tarefa árdua na qual se demoraria um bom bocado. Devido à hora avançada, com as suas forças esgotadas depois de uma jornada particularmente larga, deve ter sentido contumaz o agulhão da fome. O representante esperou que anoitecesse para efectuar a sua visita, sabendo que os pastores guardam o seu gado tarde. Em casa de Jacinta, que funciona como bar, tomou o martini e as azeitonas, enquanto fazia tempo. Basilio detesta as rações compostas. E não se fia dos vendedores, sobretudo se se apresentam sorridentes e engravatados. Por acréscimo, não costuma receber ninguém com a carne quente em cima da mesa. Fala pouco: o suficiente. E vai directo ao assunto.

Eu não vejo nada de extraordinário no comportamento de Basilio naquela noite. E não encontro justificação para que o acidente seja lembrado com

especial enjoou cada vez que se deseja denegrir o seu protagonista. Como todos os criadores de gado, Basilio sacrifica para sua alimentação os animais que deixam de ser produtivos, seja por velhice, seja por doença. E anda sempre com os seus companheiros, os cães, tanto no campo como em casa. Pouco amigo dos temperos, cozinha ao fogo da chaminé. Tal como na serra, assa a carne directamente sobre as cinzas. Se não usa talhe-res na montanha, porque teria de fazê-lo noutro lado? Dispõe de ferramentas melhores: as mãos e uma faca à cintura. Não gosta que a comida esfrie e não tem problema em falar com a boca cheia. Sobre a limpeza da sua habitação e a higiene dos seus hábitos só deve responder perante a sua própria saúde. E tal como outros podem dar-se ao luxo de não limpar porque pagam a uma mulher-a-dias por essa tarefa, Basilio compraz-se em não fazê-lo porque a sujidade não o afecta. Não fica doente devido à lama; não fica doente devido ao sangue, à palha, às vísceras, aos cães, às pulgas, ao esturme; não fica doente por tragar cinzas, por respirar amoníaco, por esfolar animais mortos. Portanto, vive em condições higiénicas e sanitárias suficientes para preservar a sua saúde. Onde está o problema?

Também não vislumbro aquilo que scandalizou o representante, acostumado a jantar, muito provavelmente, com a televisão acesa, vendo o telejornal, com as suas imagens de homens mortos devido à loucura de outros homens, assassinados, na verdade, devido à “lógica” da economia; crianças esfomeadas, com

os seus ventres horrivelmente inchados, por culpa da forma como os adultos se organizam e se exploram; epidemias que deformam os órgãos até ficarem irreconhecíveis, alimentadas nesses países do Sul que sustentam o bem-estar do Norte, incluindo o seu próprio emprego de agente comercial; crimes de arma branca, violações de menores, bebês torturados pelos seus pais, parricídios...; monstruosidades, todas elas, ditadas pela “necessidade” ou por um comportamento homicida que forma parte da racionalidade deste mundo. Não entendo o que impressionou tanto o fantochezinho, cúmplice, participante e beneficiário do horror do planeta; que, possivelmente, para sua vergonha, terá oferecido à sua mulher, alguma vez, a pele do um animal magnífico, repugnantemente esfolado; que comerá cordeiro, com os seus amigos, sem reparar na violência carniceira, na crueldade metódica e descuidada, que as suas preferências gastronómicas exigem de tipos como Basilio, condição sanguínea do seu deleite; cheirá a urina de gato, fixador dos seus perfumes; e terá no seu lar o grau de limpeza adequado para que a sua saúde não seja posta em risco, como a maior parte dos pastores. Não deveria desagradar-lhe ver um homem comer com as mãos se, como intuo, gosta de “molhar” a comida nos seus caldos e segue o costume mediterrânico da salada comum, na qual todos os comensais “enxaguam” os seus garfos, recém saídos das suas bocas, jovens ou velhas, limpas ou sujas, com cáries ou não, cheirando a tabaco ou desocupadas depois de uma felação...

Tenho mesmo receio que o que o representante não conseguiu suportar em Basilio tenha sido mais a sua naturalidade e a sua franqueza; a sua ausência radical de adorno, pose, disfarce, de tudo isso que se denomina “boa educação”; a espontaneidade dos seus modos; a falta de artifícios com que vive; o seu gosto pelo primário, pelo simples, pelo elementar; a sua forma de ser homem ao descoberto, só-homem, *o animal a que chamamos “homem”*. Não suportou que Basilio comesse com as mãos, o instrumento mais precioso de que dispomos, já que terá gasto o seu tempo, esbanjando energias, a aprender a comer incomodamente, com a prótese dos talheres; não suportou que o meu amigo mordesse com força, cravando os seus dentes afiados na carne, porque ele terá perdido a dentadura, fraca devido às obturações e aos implantes; não suportou que o pastor continuasse a jantar na sua presença, com fruição e para que o assado não esfriasse, porque ele não terá acabado muitas comidas para atender “educadamente” aqueles amigos que chegam fora de horas; não suportou compreender de relance todo o processo da carne esfolada, separada da pele, cortada aos pedaços e cozinhada, ao qual sempre fechou os olhos apesar da sua condição carnívora, devido à refinada hipocrisia da sua sensibilidade. Habitado a pagar pela aquisição de pestes que se vendem como perfumes, a respirar os gases da cidade no parque como se inalasse um ar puro saudável, a consumir lixo enlatado, plastificado, alimentos

tratados, congelados, quilos de conservantes, saborizadores, estabilizadores, etc., crendo estar a cuidar assim da sua dieta, não suportou o cheiro do orgânico, cheiro natural, biológico, o aroma a carne fresca, ainda a secar, e a visão sem rodeios de um manjar na sua crua obscenidade. Não suportou encontrar-se como um homem com um critério sólido, difícil de enganar, com uma sinceridade atroz, ele, cata-vento das ideias, escravo das modas, fascinável, hipócrita de passatempo e de ofício. Não suportou encontrar-se com um compêndio de verdadeira humanidade, imune à fraude, felizmente desesperado.

80. Desmascaramento silencioso.

Um dos traços definidores daquilo que se chamou de “Civilização Ocidental” reside na sua pretensão de aniquilar toda a *diferença*. Cultura soberba, arrogante, solipsista, nunca tolerou a proximidade do distinto, nunca perseguiu a convivência com o estranho. A sua terrível paixão homogeneizadora projecta-se para o exterior sob a forma do genocídio e do imperialismo cultural. Mas também se precipita para o interior, segregando ou isolando o portador da diferença existencial. Em ambos os casos, usa a sua Razão como polícia e carasco, situando-a fora do tempo, à margem da história, acima das diferentes formações sociais e culturais. As relações do Ocidente com o mundo muçulmano ilustram esse complexo de superioridade, esse fanatismo

ideológico, esse dogmatismo criminal no qual se dissolve toda a possibilidade de compreensão do Outro, toda a oportunidade de aproximação deferente ao Diferente. Para o interior, o âmbito cartesiano do maní-cômio e o domínio etéreo da esquizofrenia recolhem as vítimas da “normalização”, seres supostamente privados de razão por serem inassimiláveis, doentes por serem diferentes. É tal o seu ódio à alteridade, a sua mania igualizante, que, em nome dessa uniformidade absoluta da subjectividade e dos comportamentos (objectivo histórico da Razão moderna), a nossa Civilização torna-se profundamente hostil a toda a ideia de tolerância. Compreensão, coexistência e tolerância, são conceitos que só pode esgrimir demagogicamente. É-lhe próprio ignorar, impor, exterminar. O representante da casa de rações compostas encarna, de alguma forma, essa inflexibilidade e esse ensimesmamento da nossa cultura. Homem “razoável”, jamais compreenderá Basilio; vaidoso, zombará dele; perigoso, cerraria fileiras por um mundo em que já não restassem seres assim. Basilio, por seu lado, aparece hoje como um homem marginal, com um certo aspecto de resíduo, agarrado a uma “diferença” demasiado poderosa, a uma idiosincrasia resplandecente, altiva, inquietante. Membro da mesma civilização do representante, as circunstâncias da sua vida e alguma determinação obscura do seu carácter, tornaram-no menos permeável à tagarelice racionalista do nosso tempo. Como não se expôs ao trabalho homologador dos aparelhos de

Estado, à eficácia socializadora das instituições e dos meios de comunicação, manteve até ao fim a salvo um resquício desse “animal simples” que somos ao nascer. Dotado de uma inteligência inapreensível, nunca se entregou ao jogo proselitista das ideologias. Ao seu lado, o representante comercial, “homem culto” (cheio de modernidade, encharcado até aos ossos de educação), “homem económico” (ávido de possuir), “homem político” (dominável), “homem civilizado” (cinzento, anódino, feito em série, imitador imitável), parece-nos, simplesmente, uma caricatura de ser humano, aborto da intransigência, repressor reprimido, fantochezinho. Porque somos como ele, rimo-nos de Basílio. Vomitaríamos à porta da sua casa.

Também nisso se torna patente a nossa embriaguez de esperança. Produtos da nossa cultura, encarnações da civilização dominante no planeta, depositámos nela a esperança que o nosso horizonte existencial estreito não admite. Esperamos da Razão a forja de um mundo pacífico, sem nos darmos conta de que o mundo da Razão é este, o de hoje em dia, violento, sanguinário, cruel. Esperamos da nossa Ciência a difusão na Terra do conhecimento e também do bem-estar, sem querer admitir a barbárie intrínseca do nosso saber e o fundo de penúria alheia, de exploração do mais débil e de miséria da maioria, sobre o qual o nosso trabalho descansa. Esperamos que algum dia todos sejam como nós, porque assim já ninguém poderá apontar-nos como os piores dentre os homens, sanguessugas fazendo san-

grar o resto da espécie humana, Norte rapaz. Formando todos parte do “indistinto”, universalizada a nossa iniqüidade, no fim de contas, nada restará da fragilíssima, ainda que irritante, consciência de culpa ocidental.

Devido ao terror que sentimos perante a mera insinuação de que estamos equivocados e de que é preciso “mudar”, esperamos que sejam os outros a mudar e deixamos que os nossos sábios e educadores imputem sempre o erro ao outro. Para que não tenhamos a suspeita de que somos parasitas, usurpadores, criminais; para que não nos reconheçamos como seres vazios, desalmados; para partir todos os espelhos em que a nossa procacidade ainda se pudesse reflectir, mitificamos a nossa Civilização, atribuímos-lhe um destino planetário e lambuzamo-la de esperança. Já que não há nada a esperar de nós, de cada um de nós, como indivíduos, esperamos tudo da nossa Razão, da nossa Cultura, de todos nós juntos na mesma lata de mentiras. Incrédulo e desesperado, Basilio olha para outro lado. Homem da esperança prostituta, o representante ri-se dele... Mais forte do que o fantochezinho, o nosso camponês pôde suportar a proximidade de tanta estupidez, de tanto teatro, de tanta falsidade, e continuou a jantar. O fantasma da gravata vomitou por ter observado a inteligência primitiva, a realidade que acusa, o desmascaramento silencioso.

81. O dia de Natal.

O meu irmão perdeu a esperança nos estudos e deixou de ir à escola. Até esse dia, tinha sido um aluno “exemplar”. Perdeu a esperança no trabalho e deixou de procurar patrões. Até então, trabalhava no duro para ajudar em casa. Perdeu a esperança na masculinidade e declarou-se bissexual, ainda que as raparigas o tenham sempre disputado. Perdeu a esperança na família e deixou de ser o “bom filho” de antigamente. Perdeu a esperança no dinheiro e começou a fazer a sua roupa com as próprias mãos, vivendo com menos que pouco. Até então, sempre se tinha dito dele que sabia poupar e sabia gastar. Perdeu a esperança na moda, nos aspectos aceitáveis, e rapou o cabelo à máquina zero, pintando a cabeça de três cores. Nada restou da sua elegância habitual. Perdeu a esperança na amizade e fechou-se no seu quarto para desenhar e escrever canções sem destino. A maioria dos seus amigos ficaram alarmados e quiseram “socorrê-lo”. Perdeu a esperança em mim que, desde criança, procurava imitar e definiu-me melhor do que ninguém neste mundo: “És o homem da quadrícula interior.” Perdeu a esperança na Razão e foi sincero, franco, fresco, espontâneo. Disse-se que o que tinha perdido era a própria Razão. Sem perder as esperanças, os meus pais internaram-no num centro psiquiátrico no dia de Natal... Partido, desfeito, quebrado, esconde-se hoje no seu quarto com o mesmo aspecto que tinha antes do desespero.

Desesperar aproxima-nos da diferença; e perante ela a nossa Cultura afia de imediato a navalha. Neste mundo marginal da alta montanha, onde as singularidades não entusiasмам nem perturbam, Basilio ainda se pode defender. O meu irmão, muito próximo do olho do furacão da nossa civilização, sucumbiu. Desesperar não só é difícil como arrosta, por sua vez, um perigo imenso.

82. Estar muito próximo da violência.

Eu, que sou um homem pacífico, sinto pelos fantochinhos algo que me aproxima bastante da violência. Sinto-o pela maior parte de vocês. Que próximo estou da violência! Vejo um fantoche em cada homem moderno. Em quase todos vocês, e não em Basilio.

83. Não serei quase nada.

As coisas que fiz ao longo da minha vida, e que não deveria ter feito, fi-las porque estava cheio de esperança. Tudo aquilo que fui, e que não deveria ter sido, fui-o impulsionado pela esperança. Desesperado, farei muito pouco; não serei quase nada.

84. O trabalho embrutece.

A identidade social, essa redução de um homem à condição de instrumento, de ferramenta, uma tão la-

mentável prisão a um ofício, quase um encerramento, subsunção da multiplicidade de um ser nas areias movediças do emprego, da categoria socio-laboral, toda essa mutilação do homem e das suas possibilidades (particularmente, da possibilidade de não-ser-nada, só homem), não é sequer pensável fora do âmbito da esperança. Da mesma forma que um homem deposita a sua esperança numa profissão, num trabalho, deposita-a em si mesmo e até em toda a humanidade. Esperança de poder contribuir para a saúde universal, sendo um excelente médico: o que espero de mim, da minha ciência, do dia de amanhã neste mundo. Esperança de colaborar na difusão da cultura, na divulgação do saber, até que o engano e a superstição deixem de lastrar o progresso na Terra, sendo um bom professor. Esperança num Reino planetário da Justiça, começando por entronizá-la com o meu cargo de juiz. Defender a conservação da natureza, eu florestal. Ser bom profissional naquilo que faço, como mecânico, e esperar que todos sejam bons nos seus ofícios para bem de toda a comunidade. Fazer o melhor pão, eu padeiro, e que outros construam pontes impecáveis, publiquem livros fascinantes, defendam a Ordem corajosamente, governem com clarividência e magnanimidade,... para que a vida seja mais cômoda, a existência mais grata, o bem-estar mais palpável. Esta ideologia da profissionalidade, arreigada à esperança (esperança, afinal, de que, sendo a sociedade uma máquina, esta funcione bem), concebe o homem como mero suporte de uma prática,

agrilhoando-o, dissecando-o, absorvendo-o.

Como o resto dos animais, o homem é apenas um ser vivo; e não um embrião de um pescador, de um polícia, de um magistrado. Proclamar que não quero ser nada equivale a dizer que posso fazer muitíssimas coisas, mas que nunca serei um simples distanciamento disso que faço. Entre aquilo que faço (o que posso fazer) e o enigma do que sou, abre-se um abismo intransitável... Alienante, o trabalho coisifica-nos. O emprego embrutece. Peçonha dos ofícios. Quem aduz que trabalha para poder comer, dá demasiada importância à dimensão nutricional da existência e talvez nunca tenha tentado viver a sério sem trabalhar. Abundam os homens que, sem saber o que é um emprego, encontram, de um modo ou de outro, forma de se alimentar todos os dias. Há sempre o roubo. Há sempre a mendicidade. Pode-se vagabundear. Menos arriscado, há quem viva de passagem; de passagem pelas terras, pelos ofícios, pelos corações. Lembremo-nos de Bukowski. Outros, como Basilio, fazem as coisas, aquilo que se supõe ser o seu trabalho, pelo mero prazer de fazê-las, sem esperar muito delas e ainda menos de si mesmos.

Quem disser que Basilio é um pastor, equivoca-se... Da mesma forma que conduz um rebanho, sacrifica um animal, prepara a tripa, faz enchidos, defuma fiambres, cura presuntos, corta, serra, castra, desencorna, curte peles, confecciona um surrão, disseca cabeças, levanta uma casa de alvenaria, arranja fornos e chaminés, constrói varandas de pedra nos declives da montanha, lim-

pa canais de irrigação, escava poços, reconstrói vigas, fabrica uma mesa, uma porta, um cercado, cozinha, faz pão, tortas, madalenas, sonhos, trabalha o barro, pinta, doma um potro, arranja ossos partidos, tosquia, escova a lã, tece, vende ovos, mel, cortinas de junco, chocalhos, sabão caseiro, botas para o vinho, tonéis de azinheira, ajuda no parto, corta o cabelo, afia a navalha, inventa armadilhas para as raposas, ninhos de madeira para os pássaros, colmeias de cortiça, destila licores, recolhe frutos silvestres, cultiva uma horta, trança vimes e erva, investiga a vida dos animais, enterra os mortos da aldeia, enche uma dispensa de conservas, fornece cachos, cestos, sandálias, queijos, coalhadas, fumados à vizinhança, persegue o rasto, explica os hábitos do javali, da lebre, da perdiz, da víbora, da águia, do cervo, da geneta, do abutre... Basilio não é um pastor como outros *são* alfaiates, vendedores, advogados ou cineastas. Basilio é um sobrevivente, um homem autónomo nestas paragens, como um animal perfeitamente adaptado ao seu território. Se tem algum ofício, ele é *a vida aqui*. Podendo ser chamado de “criador de gado”, ou “agricultor”, ou “artesão”, ou “construtor”, etc., chama-se secamente “Basilio”. Trabalha pelo gosto de trabalhar e não impelido pela necessidade. Não espera nada do seu esforço, não pretende contribuir para nada. As coisas que faz são formas diversas de preencher o vazio do tempo. Desesperado, escapa à mutilação do emprego. Autónomo, trabalha no que é seu. Livre, deixaria de fazê-lo se quisesse. Inteligente, não se ilude com nada.

85. O fantasma da identidade.

Para além de roubar, deixar a minha pele jornaleira nas plantações, dar aulas, publicar artigos, praticar contrabando, presumir-me “solidário” na América Central, escrever coisas como esta e ter um rebanho de cabras, não fiz muito mais na vida... Tendo feito de ladrão, assalariado, professor, articulista, mafioso, cooperante, escritor e cabreiro, não fui nada disso. Em parte, porque fazia tudo isso mal, e fazia-o por fazer. E em parte porque o fantasma da minha identidade não responde ao nome de um ofício. Tão desesperado como Basílio, a este respeito, do mesmo modo que *não* escrevo, *não* trabalho.

86. Carregar a arma da nossa vaidade de cultura.

Basílio não acredita no Ensino. Na sua opinião, só existe uma professora que não mente: a própria vida, a terra, os trabalhos, o que se ouve dizer aos outros... Conheceu um professor desocupado que tinha muito mais a aprender do que tudo o que ele poderia ensinar. “Não sabia nem fazer um guisado, confundia o nome das árvores, das aves, dos trabalhos,... Era como se não tivesse mãos, como se não lhe tivessem ensinado a fazer coisas com elas, a trabalhar, a fazer algo importante.” Um vizinho seu estudou, meteu-se depois em guerras e acabou por morrer na prisão. “Queria dizer-nos o que tínhamos que fazer. Ainda bem que não seguimos

a corrente: estaríamos mortos.” Ouvia que os estudantes também não encontram emprego mais tarde e por isso pergunta: “Para quê encerrá-los, então, durante tantas horas, *para quê tanto curral?*” Responde, à sua maneira, com outra pergunta: “Não será para atá-los melhor, para torná-los tão inúteis como o professor que conheci e tão infelizes como o vizinho que morreu preso por estudar demasiado e ater-se ao que os livros diziam? Não será para acostumá-los a erguer a carroça de uma forma e não de outra, conforme interesse a quem manda nas escolas?” Eu dou-lhe razão: de facto, obriga-se a juventude a estudar para melhor a controlar; para sujeitá-la; para a afundar um pouco mais neste poço de estupidez, infelicidade e servidão que é o mundo dos graúdos, a vida adulta. E a juventude cai na armadilha cega de esperança: esperança de conseguir um trabalho cómodo, disputando-o, com a faca entre os dentes, com todos os outros; esperança de dominar uma área de conhecimento e, através dela, dominar um grupo de pessoas; esperança, para os mais ambiciosos, de carregar a arma da sua vaidade de cultura e de ter a capacidade, dessa forma, de persuadir o comum das pessoas, arrastando para alguma quimera interesseira, se houver sorte, um rebanhozinho de crentes.

“Ler não só corrompe o escrever, degrada também o pensar”, anotou Nietzsche. O estudante, máquina de ler e de repetir, domesticado para obedecer, desaprende de pensar na escola. Os funcionários do consenso escrevem, sobre o quadro apagado do seu carácter,

discursos de submissão e adaptação. Através do seu cérebro, o poder pensará, o capital fará negócios e a Razão matará. Estuda-se tal como nos deixamos explorar, como constituímos família, como aceitamos o engano político..., só por esperança. Esperança em coisas turvas, esperança suja. Desesperados, Basilio, o meu irmão e eu, detestamos a educação. O pastor não foi à escola, o meu irmão fugiu dela pela porta traseira da loucura e eu privei o suficiente com o monstro para lhe cuspir surpreendentemente de frente e desatar a correr até nenhum lado.

87. A miséria da “vida intensa”.

Quando os dias se sucedem, iguais uns aos outros, como se fossem calçados, sem nada a apontar em relação às suas horas a não ser que já passaram, quando a vida é meramente composta por um sem fim de jornadas idênticas, sempre à volta do mesmo, fazendo sempre o mesmo, é necessário perguntarmo-nos, então, se nos enganámos no caminho, se estamos a desperdiçar a existência, a virar costas à possibilidade de uma vida diferente, martelada pela novidade, surpreendente, imprevisível, *em que cada dia poderia ter um nome próprio e não se conheceria outra rotina senão o despertar pelas manhãs*; é necessário perguntarmo-nos se o problema é nosso, se o que determina essa falta de substância, de inquietude, de “vivacidade” da nossa existência será cobardia, incompetência ou raquitismo

da imaginação, ou se, pelo contrário, a própria vida é assim tão simples, monótona, entediante e maquinal, assim vazia de cor, insípida, e que não temos mais remédio senão adaptarmo-nos, agarrá-la ou deixá-la; é necessário interrogarmo-nos acerca de *onde* está o vazio, o oco, isso que um escritor contemporâneo chamou de “leveza”, *onde* está o cerne do anódino, o império do cinzento, a essência do “já não há mais”, se está na forma de ser da vida ou na maneira que o homem tem de vivê-la, se na própria existência ou, lamentavelmente, em nós.

A resposta que hoje dou, não a daria há uns anos atrás, quando a épica turvava a minha percepção da realidade. E não a dará quem ainda se consome no teatro vaniloquente da “vida intensa”. A vida é este dis-sabor, com pouco peso, lívida, simples, descolorida, irrelevante; a repetição devoradora, a falta de peso inconsolável, a ausência de poesia, o fastio incessante, formam parte da própria existência. Um homem pode enganar-se, revestindo a sua existência com o brilho da aventura, da irregularidade, do frenesim e do melodrama, talvez de pulsão heróica, mas logo que se arranha a superfície dos seus dias, descobrir-se-á o fundo de rotina e de tédio, de falta de substância e de “é só isto?”, sobre o qual descansa o seu espalhafatoso e gesticulante devir. *Riso nervoso e desmotivado, esplendor de domingo pela manhã, agitação de pátio de recreio, a “vida intensa” fede a impostura e a engodo.* Pode-se correr atrás das mulheres da mesma forma que se foge

da velhice e da morte, saltar de homem em homem como de homem em mulher ou de idosa em criança, jogando à angústia passional e à incontinência lúbrica; podemos drogar-nos, afiliarmo-nos ao demoníaco, auto-destruirmo-nos diante do espelho, podemos matar e, contudo, a sua peripécia não deixa por isso de ser trivial, não deixa de estar vazia, espectáculo vão, nimiedade, fanfarronice. Existe sob essa falsa tempestade, esse preencher dos dias artificialmente, um vazio que não pode voltar a ser preenchido, uma não-cor, nada de nada. Atira-te a todos os homens que queiras. Sete ou oito por noite. E o que é isso? Bebe todas as garrafas do bar; enche os braços de buracos, até que pareçam colmeias. E então? Deixa o trabalho, abandona a família, sai do país, rompe com tudo. De certeza que recomeçarás, estejas onde estiveres. Que fizeste? Mata, mata. É só isso, carnicheiro?

No final de contas, tudo se resume ao mais simples: dorme-se à noite, come-se de certo em certo tempo, anda-se de um lado para o outro, faz-se algo ou não, e os anos passam e vive-se uma vida. É assim tão simples a vida dos animais; e o homem, ainda que nos pareça o pior de todos, não tem por que ser excepção. Assim vive o meu cão. Assim são estas cabras que, para além de comer, dormir e procriar, confrontam-se com fúria matando-se, por vezes, umas às outras, enlouquecem temporariamente com o cio, copulando, então, sem descanso, desfrutam desobedecendo-me, rebelam-se, destroem tudo o que encontram..., e não têm a preten-

são que essa vida tão apaixonada mereça o nome de “intensa”. Assim somos. Assim vive Basilio, encabeçando o rebanho a cada dia que passa, regressando sobre o seu burro a cada noite que cai, só, sem outra coisa no horizonte do seu desejo, sem pedir mais à existência, incapaz de se iludir a esse respeito. E assim vive toda a gente, a cada dia ao pé da fábrica ou do terreno, a cada noite perseguindo o sonho ou convidando ao prazer; às vezes, da mesma forma de noite que de dia, procurando esquinas onde sacar a navalha, cravando agulhas na veia da frustração ou batendo na esposa sem piedade por ter posto sal a mais na comida... Assim vive o homem, de paz ou de guerra, só que mentindo-se, povoando a sua cabeça de fantasmas, aspirando a expressar, de alguma forma, esta fruta seca da vida, que nunca deu sumo, exigindo um vago “algo mais” à existência, um qualquer brilho, uma espécie de fundo duplo, de ruído e movimento, tudo o que não tem.

A esperança que o homem depositou em si mesmo e em tudo o que compõe o seu mundo, a esperança que envolve o homem como uma segunda pele e que o leva a enfrentar-se com a sua própria condição animal, a não reconhecer o seu próprio mesquinho ser físico, funda também essa ilusão de uma “vida viva”, de uma existência plena, de dias repletos e irrepetíveis, ilusão de que ainda restam infinitas coisas por fazer e por viver desde que de verdade se desejem e pagando o preço da intrepidez, da fantasia, da inteligência esforçada e da imaginação que inventa caminhos. Desesperado,

o homem entende a verdadeira medida da vida e pode, então, caso queira, empanturrar-se de sexo, maltratar-se entre risos, partir, ferir os amigos, pode matar-se ou matar; mas tudo isso tranquilamente, sem afecção, consciente que não existe no seu agir nem um rastro de epopeia, não dá aos seus dias um sabor especial, não tenta a intensidade, não acaricia a grandeza – “faz isso”, simplesmente.

Desesperado, o homem não sente pena de Basílio; não o considera insignificante, réu das limitações insuperáveis, esbanjador da existência. Não compreende que nas suas jornadas exista “menos vida” do que na dos outros. Vê no aldeão, simplesmente, um outro homem dedicado a outras coisas. Outras coisas também sem cor, sem auréola, sem uma luz particular. Desesperado, dá igual que se vá ou que se fique, que se esteja num sítio ou noutra, que se mude ou não se mude. Não deixando espaço para a épica, a vida sem esperança desmitifica o homem e devolve-o à sua inocultável elementaridade animal; com o horizonte da existência desobstruído de enganos, a simplicidade radical do viver oferece-se aos olhos do entendimento descrente. Tudo isto que escrevo não diz nada a Basílio e não é nada que não saiba desde sempre. “Comparando e não igualando – repete –, o homem e o animal fazem o mesmo.” Lucidez do desespero.

88. O traste do desespero.

Que benefício traz o desespero? Onde está a utilidade de desesperar? De que serve viver sem enganar? Chegados a este ponto, não é muito o que tenho a dizer. *Também não há nada a esperar do desespero.* O desespero não é útil, não rende, não ajuda a viver. Não liberta. Não ilumina. Não torna o homem mais homem. Não o eleva. Não desimpede o caminho para a felicidade. Não leva a nenhum lado. Da mesma forma que se pode viver toda uma vida ébrio de esperança, pode-se viver desesperado. O desespero simplesmente *acontece*. Dá-se em nós. É próprio de alguém. Não é um lema. Não se postula como meta. Nem sequer é defensável. Não inaugura nada, não conclui nada. Simplesmente, pode acontecer. Revelar a um homem a vanidade das suas ilusões, a falácia da sua esperança, o cúmulo de mentiras sob o qual enterra os seus dias, não equivale a incitá-lo a mudar, a mobilizá-lo, a pretender torná-lo outro. Um proselitismo do desespero não é concebível, pois todo o afã de convencer e levar à acção baseia-se na própria esperança. O desespero não se propõe; mostra-se, apenas. Desesperado, Basílio não convida ninguém a seguir o seu caminho. Está aí, para quem quiser vê-lo. Nem melhor, nem pior. Nem mais feliz, nem mais desgraçado. Nem mais perto de algo, nem mais longe. Nem acima de ninguém, nem abaixo. *No sótão cheio de trastes que é o nosso mundo, existe um que tem o nome de “Desespero” e que também não sabemos para que ser-*

ve. Desde o princípio que afirmo o não-valor deste meu escrito, o seu rigoroso não-servir. Questiono-me se terá chegado o momento de pôr um ponto final a este trabalho, exercício acabado de descrença inútil.

89. Opróbrio de toda a fé.

Continuemos mais um pouco. Para se poder “esperar” algo da classe trabalhadora, esta foi idealizada até ao ponto de um grotesco fideísmo, convertendo o trabalhador numa abstracção, depósito vazio rico em destilações entusiásticas de romantismo e metafísica. Quem procedia dessa forma, encontrava-se também possuído pela esperança, pertencendo muito poucas vezes a essa órbita do trabalho físico magnificada como redentora quase profética da humanidade. Por estranho que pareça, a mitificação da Classe Trabalhadora como Sujeito da História, agente da Revolução definitiva, verdugo da necessidade e da opressão, serviu-se, desde o início, de conceitos religiosos, subtilmente substituídos. Tinha herdado do Cristianismo, que combatia apenas superficialmente, uma idêntica formulação da esperança. Sendo os miseráveis, os pobres, os últimos da fila, os predilectos tanto do Cristianismo como do Marxismo, seria neles que se teria de depositar toda a fé: estes últimos que serão os primeiros, Classe Eleita, Salvadores de uma espécie humana submersa para uns no Pecado e para outros no Erro e no Interesse, encontrar-se-íam, soubessem-no ou não, no verdadeiro caminho liberta-

dor, generosos, solidários, incorruptos, bem-intencionados. Da sua mão, pela sua luta, o homem chegaria a um Paraíso que a ideologia comunista fez descer à terra quase intacto. Os homens seriam nele como anjos, felizes e satisfeitos. Na base desta *esperança num Paraíso*, que conta já com o seu ourives, encontra-se sempre a identificação (no “aqui-e-agora”) de um Vale de Lágrimas odioso e insuportável, feito, para o Marxismo, de fábricas imundas, patrões cruéis, estômagos vazios, cérebros confusos... Se para o Cristianismo eram as tentações, o vício, as seduções da carne, a obra de Satanás, o que afastava o homem de Deus e da sua salvação; para o Marxismo seriam as falsas consciências, as ideologias, as mistificações, a obra da Burguesia e do seu Estado, o que distrairia o trabalhador da sua missão histórica, obstruindo o caminho para esse Reino da Liberdade situado no final dos tempos. Embotados de esperança, os sentidos destes profetas não percebiam o mundo tal como ele era, não captavam o homem de carne e osso, nada vislumbravam de uma realidade mais vulgar, mais imediata, mais simples. Como o trabalhador que se assomava pelas ruas a cada manhã não correspondia ao projectado para sustentar a esperança de Outro Mundo, consideravam-no confuso, manipulado, embrutecido, alienado. Esperava-se tudo dele, quando chegasse a ser ele mesmo. Era necessário, nesse caso, um trabalho de educação, quase de evangelização, de adoutrinação, da responsabilidade de uma “minoría consciente” detentora da Verdade e especialista em “desfazer” ideolo-

gias, miragens, ilusões patéticas, perspicácias de “Satã, o Capital”. Sindicalistas da mesma forma que sacerdotes, dirigentes partidários tal como pontífices da Igreja, afiliados tal e qual missionários, simpatizantes-crentes, esforçaram-se, então, para que o Trabalhador voltasse a ser aquilo que de facto, apesar das aparências, sempre tinha sido, e seguisse o caminho que não seguia mas que, no fundo, sabia que devia seguir. Na sua nudez, sem mistificações, consciente de si mesmo e de como se erguia como membro de uma classe, o trabalhador era “bom” e desejava O Melhor para si mesmo e para os outros. A “bondade”, conceito cristão, instalava-se, dessa forma, no coração do pensamento comunista, ainda que de forma não declarada. E também se enquistava nele a patranha do “amor”, chamado agora de “solidariedade”. “Amando o próximo tanto quanto a si mesmo”, irmão de todos os que, como ele, sofriam e eram explorados (ou seja, tendo adquirido “consciência de classe”), o trabalhador bondoso destruiria tudo o que converte o mundo dos homens num Vale de Lágrimas... Que grande embriaguez de esperança! Que fartura de religiosidade! Que desperdício de fé!

Basílio sabe que, vistos de perto, os trabalhadores já não são o pólo oposto dos empresários: o sonho de muitos deles radica precisamente em montar um negócio, com empregados sob as suas ordens. Sabe que, na pequena esfera do seu poder, chegam a ser terríveis, tiranos e exploradores – das suas mulheres, dos seus filhos, dos seus companheiros mais débeis. Com os

seus votos (o pastor ignorava isto, ainda que me tenha dito “pode ser que sim, que sei eu”), os trabalhadores entronizaram o fascismo. Desejaram ter Hitler como líder. Basta ter sido trabalhador para reconhecer que a subjectividade proletária não cobiça, nem no coração nem no cérebro, o ideal abstruso da Emancipação; que lhe é estranha, alheia, odiosa, a ética da Solidariedade – consegue antes ver uma ameaça, algo parecido a um inimigo, nas vítimas da pobreza profunda e da marginalização: nas pessoas do Sul, nas raças oprimidas, nas minorias discriminadas,... Basta ter trabalhado entre trabalhadores, para admitir que estes não desejam destruir o Capitalismo, mas sim instalar-se de uma melhor forma no seu seio, individualmente, lutando sem clemência uns contra os outros. E sabem muito bem o que querem, sem necessidade que ninguém lhes diga; só que não almejam nada de sublime. Não estão enganados, confusos, alienados: são, simplesmente, assim. A confusão e o engano residem, pelo contrário, na óptica de quem os imagina de outra forma. A esperança que os inquieta é mais concreta, terrenal de uma ponta à outra e múltipla: possuir mais coisas, estar mais acima, chegar mais longe... Nem um só deles acredita verdadeiramente estar incumbido, como membro de uma classe, de contribuir para uma tarefa histórica gigantesca de libertação. Não há que esperar nada dos trabalhadores, a não ser o que cada um deles espera de si mesmo. Se o desespero não leva a nenhum lado, as esperanças materiais dos assalariados deste mundo

também não. E as esperanças altruístas dessas minorias inebriadas de idealismo encerram os seus esclarecidos apoiantes nas galés sem destino de uma existência estritamente religiosa, monacal ou pastoral.

O Vale de Lágrimas não é um vale, mas sim um deserto. Deserto de areia, pó arrastado pelo vento. A cada dia o homem está feito de centenas de paraísos e infernos, uns dentro de outros, lascados estes por aqueles, todos perdidos na selva das horas... A confusão ou não existe ou é total e afecta também o campo do denunciante. A luta contra a tirania, contra a exploração, não augura o fim do horror, antes a sua remodelação, novas formas de amarrar e usar os homens. E, hoje em dia, não encontra os seus agentes melhor armados no mundo assalariado. Poderia defender que o Comunismo é preferível ao Capitalismo, e onde se enraizou, dignificou imediatamente a vida das populações, mas pagando o preço de apontar, sem delongas, que também se trata de um sistema opressivo, execrável. É claro que o prefiro ao Capitalismo! Militararia em todas as insurreições sem esperar nada de nenhuma. “Não simpatizo com a classe trabalhadora porque não luta”: ao dizer isto deixo-me capturar por alguma forma de esperança, eu sei. Mas não simpatizo com os trabalhadores. Sendo de família trabalhadora, conheço-os bem. Tendo-o também sido, temo-os. Os trabalhadores dão-me medo, menos do que os funcionários, mas quase tanto como os seus patrões. Como privilégio, o desespero absoluto coloca o homem fora do mundo

laboral, extirpa o quisto do trabalhismo que transportamos dentro de nós. Desesperado, não se trabalha. Há um toque aristocrático, elitista, na minha escrita; sou consciente disso. Não temo Basílio, o mais nobre, verdadeiro aristocrata. Se um homem se situa à margem do bordel dos empregos e, tendo escapado do salário, vive sem afectar os outros, esse homem é mais do que um rei, reina sobre si mesmo. Ninguém depositará nele a menor esperança, pois só serve a causa da sua pessoa – uma causa muito simples, que todos os reis invejariam se a necessidade e a violência não os tivessem coroados: comer, beber, fazer coisas com as mãos, fornicar de vez em quando, nunca sonhar acordado, dormir sem sobressaltos...

**90. Prender-se à luta da mesma forma
que a uma rendição perpétua.**

“Rebentos da mentira, os objectos da nossa esperança escravizam-nos. Escravizados, ficamos incapacitados para a luta.” “Só resta ao homem a pequena liberdade de escolher, por si próprio, as suas grilhetas. Pode prender-se à luta da mesma forma que a uma rendição perpétua, amarrar-se à esperança como se estivesse condenado ao desespero.” Entre estes dois enunciados, profundamente contraditórios, debate-se hoje a minha escrita tanto como a minha vida. Inquieta-me o que a liberdade possa ser. Penso, às vezes, que se trata apenas de uma *sensação*. E que, amarrados, podemos sentir-

-nos livres. Isso significaria que nos auto-enganamos e que não há nada de censurável nisso. A sensação de viver em liberdade justificaria a mentira interior de não nos reconhecermos galeotes, prisioneiros submetidos a trabalhos forçados num navio sem porto onde chegar. Mas se desculpo esse engano, que tenho eu contra a esperança? Não a admitindo, rejeitando-a como requer um auto-conhecimento temerário, em virtude de que contrapartida a repudio, em nome de que vantagem? E que existe de bom em ser sincero comigo mesmo quando essa franqueza interior não ajuda de todo a suportar melhor a existência? Necessito sentir-me livre, consciente de que não o sou. Em que se distingue a mentira dessa sensação da que institui a esperança? E se não é distinta, porque razão a tolero cabisbaixo, como não faço com a outra? Porque cultivo uma ficção, ainda que seja relutantemente? Não posso responder. Escreva o que a minha mão escreva, e alumie o que meu cérebro alumie, o meu organismo rebelou-se por completo com estrépito perante o menor ataque a essa sensação de liberdade. Se rompia, se empreendia a fuga, era porque algo punha em perigo essa sensação. Este trabalho teve início numa dessas conjunturas, quando a minha companheira denegria o meu comportamento como se, há que suspeitar, desejasse corrigi-lo. Atentava, assim, contra a sensação de liberdade que me faz agir ignorando os ditames da lógica, sendo indiferente ao mandato do sentido comum. Sensação de liberdade que me detém ao não cumprir, com arrogância, as

minhas obrigações e, sobretudo, ao manifestar a minha torpeza, a minha muito empreendedora incapacidade perante qualquer empresa vital. Ela tinha razão: eu não fazia nada direito, poderia dizer-se, por capricho. Acusava-me de que, para além disso, me adentrava tão alegremente, seduzido pelo Desespero, num caminho “auto-destrutivo”, abominando o ensino, a investigação, a literatura, a mim mesmo... Quis deixá-la, fugir de novo, partir. Logo a minha cabeça começou a executar o seu trabalho e esta minha mão irresponsável a escrever as suas conclusões, esmagando entre ambas a rebelião do organismo, que já desejava acabar com tudo. E não fui. Permaneci a seu lado, ao lado da criança, encarregue da quinta. Um monte de palavras contraditórias, como são todas as minhas, diluíram a impressão de que se tinha atentado contra a minha a liberdade; e permitiram que continuasse aqui, nem livre nem desesperado. Enganando-me. E sem lutar. Se fosse capaz de pensar, se acreditasse no pensamento, tentaria conciliar de vez estes três conceitos terríveis, imprescindíveis para mim, da Luta, do Desespero e da Liberdade. Harmonizando-os, teria, por fim, uma forma própria de ver as coisas, algo a dizer sem me contradizer, uma teoria, quiçá uma forma de vida coerente e defensável. Detestador do pensamento, talvez porque não adivinho em que consiste, nem como se pratica, mantenho as três ideias soltas, fervendo na minha cabeça, importunando-me o coração, angustiando-me. Desespero, Luta e Liberdade. Oxalá falar de uma fosse falar das três, e que

cada uma delas não pusesse uma bomba relógio sob os pés das outras duas! Basilio não coloca esse problema a si mesmo. As suas sensações são mais concretas e não dão lugar ao auto-engano. “Às vezes sinto frio; às vezes sinto fome; às vezes estou cansado... Mas não sei o que é isso de sentir-me livre. Lutar, lutar, sim; uma luta com os animais.” Blindado contra as palavras (talvez a liberdade não seja mais do que uma palavra, tal como o desespero e a luta), Basilio não padece de sofrimentos como os meus. Não experimenta a necessidade de se situar no campo de tiro de um conceito, como nós. Eu, que quero inscrever-me na órbita da liberdade, do desespero e da luta, que quero incrustar-me em cada um desses três territórios, angustio-me. Basilio, que não procura a sombra das palavras, vive tranquilamente sob o sol do desespero. Desabrigado, longe do abrigo dos conceitos, cruza o deserto de nada esperar. De ser tão calado, devido à profundidade do seu silêncio, nem sequer chega a mentir a si próprio. Diria que a fala é um instrumento exclusivo do seu corpo, do seu ser físico, e que usa essa faculdade da mesma forma que as ovelhas usam o balar: para comunicar algo realmente, para viver apegado à terra e para mais nada.

O mau cheiro da Utopia

Mito, domínio e trabalho. Variações à volta do décimo segundo canto de «A Odisseia» (narração do encontro com as sereias)

I.

Quando, na «*Dialéctica do Iluminismo*», Adorno e Horkheimer abordam a ligação entre mito, domínio e trabalho, utilizaram como metáfora um canto de «*A Odisseia*». O herói deveria eludir uma grande dificuldade: o canto das sereias e a sua inusitada tentação. Para os professores de Frankfurt, existe uma «promessa de felicidade» por detrás dessa suposta ameaça, pois poderia designar o mito transformador, a utopia superadora, a esperança de libertação. Mas a Civilização defende-se através de todos os meios desse convite desestabilizador: «Quem quiser perdurar e subsistir, não deve dar ouvidos ao apelo do irrevogável», di-lo aos trabalhadores e consegue, de facto, reafirmá-los como seres práticos que olham em frente e se despreocupam com o que está à sua volta. Os marinheiros que obedecem a *Ulisses* são, por isso, incapazes de perceber a beleza do canto das sereias, a promessa redentora que, porventura, encerra, encontrando apenas nele uma razão de perigo; na verdade, nada ouvem. *Ulisses*, pelo contrário, pro-

prietário senhorial que faz os outros trabalhar para si, consegue ouvir o canto e, para se proteger, pede que o atem ao mastro. Exige que o amarrem com força, para superar a tentação. Para Adorno e Horkheimer, *Ulisses* antecipa a atitude dos posteriores burgueses que negaram a felicidade com grande tenacidade mesmo quando – devido à sua própria capacidade – a tinham à mão de semear. O burguês, da mesma forma que *Ulisses*, teme a sua própria emancipação. Acorrentado, não menos que os seus subordinados, à Obediência e ao Trabalho, mostra-se tão hostil à própria morte como à própria felicidade.

Ulisses descobre finalmente que tem pouco a temer, desfrutando esteticamente do canto e fazendo sinais com a cabeça para que seus vassalos o desatem. Mas é já tarde; os trabalhadores, incapazes de ouvir a melodia, ineptos para o reconhecimento da beleza, imunes à sedução utópica e libertadora, nada sabem e nada fazem.

Os autores da «*Dialéctica do Iluminismo*» aproveitam a peripécia para ilustrar que a fruição artística (posição de *Ulisses*) e o trabalho manual (lugar dos marinheiros) encontram-se separados desde o fim da Pré-história. E palpita nas suas páginas, conjuntamente com uma firme denúncia de uma sociedade organizada *sobre a exigência de obedecer e de trabalhar* (um trabalho «cumprido sob constrição, sem esperança, com os sentidos violentamente obstruídos», dizem-nos), uma certa receptividade perante o horizonte Utópico legado pela Modernidade, quase uma fé na corrente transfor-

madora do mito revolucionário, na «promessa de felicidade» trazida pelo discurso de emancipação simbolizado pelo canto das sereias. Triste seria que se tivesse roubado a capacidade de compreendê-lo aos oprimidos e que os opressores, quase tão vítimas como eles da engrenagem capitalista, ainda que capazes de redescobrir a utopia, evitassem a sua própria libertação.

II.

Quando Kafka reinterpreta a passagem homérica, desloca a lógica tão simples, e ainda assim bela, da exegese precedente. Ninguém se consegue esquivar de nenhuma forma ao perigo das sereias, ninguém se consegue subtrair facilmente à tentação, tudo está perdido se se passa diante delas com meras preocupações físicas e sem uma estratégia simbólica. E *Ulisses* sabe-o... Não havendo possibilidade *imediata* de salvação, deveriam-se, no entanto, tentar procedimentos *mediatos*; deveria-se fingir, representar, manifestar e apelar, procurar seduzir,... Sonhando a partir da recriação de Kafka, vislumbramos um *Ulisses* que põe em marcha o seu teatro do encadeamento, *consciente* da inutilidade imediata do mesmo, mas com a esperança de enternecer de alguma forma as sereias, de «enganá-las» em certa medida ou em certo sentido, de se fazer estimar por elas. Mente propositadamente, actua, encena; mas, num dado momento, deslumbrado pela beleza do canto que apesar de tudo sente, deseja atirar-se volup-

tuosamente para o abismo da tentação. Como os seus vassallos não ouviram nada, pensando apenas em salvar o seu senhor para se salvarem também, rejeitaram desatá-lo. A partir da perversidade crítica de Kafka, deve-se dar outra reviravolta: na verdade, as sereias, conscientes de tudo, sabedoras de tudo, *decidiram não cantar*. *Ulisses enganou-se apenas a si mesmo, foi vítima de uma Ilusão incentivada pela sua estratégia*. As sereias não cantaram, por isso os marinheiros não as puderam ouvir; e *Odisseu* ouviu, na verdade, algo como o seu próprio desejo de ouvir.

Nas palavras de Kafka, em «*O silêncio das sereias*»:

«Para se proteger do canto das sereias, Ulisses tapou os seus ouvidos com cera e acorrentou-se ao mastro da embarcação. Ainda que todos soubessem que este recurso seria ineficaz (...). O canto das sereias excedia tudo, a paixão dos seduzidos tinha-os feito escapar de prisões mais fortes que mastros e correntes (...).

Mas as sereias possuem uma arma muito mais terrível que o canto: o seu silêncio (...). É provável que já alguma vez alguém se tenha salvado dos seus cantos, mas nunca do seu silêncio.

De facto, as terríveis sedutoras não cantaram quando Ulisses passou; talvez porque acreditaram que só poderiam ferir aquele inimigo com o seu silêncio.

Ulisses, para expressá-lo de alguma forma, não ouviu o silêncio. Estava convencido que elas cantavam.»

A partir desta reinvenção, libertamo-nos do fundamento «elitista» que enturva a análise de Adorno e

Horkheimer: os trabalhadores não são tão ineptos, tão incapazes, tão surdos e tão míopes. Não havia nada a ouvir... A utopia, o mito revolucionário, a promessa de felicidade, habitam apenas no ilusório, no imaginário. E ainda mais na imaginação e na ilusão *dos Senhores*. A lucidez dos servos mantém afastadas tais artimanhas.

III.

De acordo com as exposições que desenvolvi em «*Desesperar*», tomei a liberdade de explicar a cena de outra forma. Como sugere Kafka, estimo que as sereias não cantaram. Tendo cantado, subscrevo a indicação de Adorno e Horkheimer: *Ulisses*, como qualquer senhor, como todo o burguês, teria feito, em princípio, o possível para não as ouvir. Mas estou convencido de que não cantaram... Acrescento, para além disso, que as sereias não cantaram porque não existiam.

No entanto, acredito piamente que *Ulisses* não era tão ingénuo nem era uma presa tão fácil da ilusão. O herói, o senhor, o poderoso, actuou de facto, representou, fingiu, teatralizou para *enganar não as sereias, mas os seus vassallos*. Para ludibriar os marinheiros, *Ulisses* simulou acreditar na «promessa de felicidade» e ao mesmo tempo temê-la. Para dominar e explorar melhor os trabalhadores, os burgueses erguem a fantochada da Utopia, da esperança revolucionária. «A Utopia perdeu a sua inocência», escreveu Sloterdijk. E muitos outros denunciaram que o discurso da emancipação

serve hoje em dia para lavar a consciência de intelectuais e gente da classe média enquistada no aparelho de Estado ou associada a interesses empresariais. Alguém *acredita* na Utopia e desde logo espreme os seus trabalhadores numa fábrica «moderna», ou governa um rebanhozinho de alunos em antros escolares «libertários», ou fortalece o Estado na sua qualidade de «funcionário» (nalguns casos, «anarco-funcionário»), ou mente para um jornal, ou produz conscientemente lixo televisivo, ou se prostitui intelectualmente para vender os seus livros, ou... Mas acredita na Utopia, mantém a esperança emancipatória...

Eu aponto ainda outra coisa: como, de facto, os trabalhadores *temem* a perspectiva revolucionária (sentem horror, por exemplo, perante o projecto de anulação da propriedade privada); como, na verdade, detestam, na sua imensa maioria, os sonhos igualitários; os seus opressores desfrutam aterrorizando-os com o monstro da possível Revolução, com o fantasma da libertação social, com a aberração do comunismo e da acracia. O canto das sereias é uma invenção dos poderosos e dos exploradores para oprimir ainda mais, se possível, os seus subordinados. Perante o perigo do canto, *Ulisses* e os marinheiros são um só homem: a salvação será colectiva, se é que existe. Unidos perante a adversidade comum, o Senhor e os seus vassallos fazem frente à tentação. O Senhor, devido à sua cultura, é mais vulnerável à sedução das sereias, que realmente existem, diz-nos, e cantam, e alimentam um presságio de felicidade.

Ulisses primeiro assegura a ideia de que existem sereias, cantos de sereias, lampejos de alegria, utopias realizáveis, feitos revolucionários que não nos escorrerão pelos dedos. Por isso, perante todos, toma as suas precauções, manifesta a sua inquietação. Em segundo lugar, certifica que tais utopias, tais projecções míticas, constituem uma calamidade, uma desgraça inusitada, tanto para os Senhores como para os servos. Quem quererá ficar despossuído dos seus bens particulares? Quem quererá desaparecer no magma da colectividade? Quem quererá renunciar à possibilidade de se converter nalgum dia em Herói, em Senhor, possibilidade de se fazer obedecer e de não trabalhar porque conta com escravos de sobra? Em terceiro lugar, num exercício didáctico insuperável, demonstra que não há que descartar a eventualidade de que um homem sucumba ao encanto das sereias: ele mesmo sucumbe, na sua encenação, quando mexe a cabeça para pedir que o desacorrentem. Mas conclui de imediato que essa «fraqueza» não leva a lado nenhum: ninguém o irá socorrer. O círculo está fechado...

Um amigo aposentado, que durante toda a sua vida activa foi corpo de trabalho desmesurado e carne de salário exíguo, forneceu-me a chave para ler de tal forma a palhaçada de *Ulisses*: «Ao fim e ao cabo, a Utopia foi sempre coisa de ricos.»

IV.

Falando a partir de um realismo atroz, de um prisma desmitificador, não existe «promessa de felicidade» no canto das sereias porque as sereias não cantam. E não existe «canto das sereias» porque estas não existem. Destronado o mito, todo o mito, denunciada a Utopia como unguento venenoso com que os ricos e os poderosos curam as feridas das *suas vítimas da obediência e das suas vítimas do trabalho*, o campo da luta continua, contudo, aberto. Compreendido o «desespero» como *ausência de todo o engano*, quer se revista de mito transformador, ideal humanitário, desejo emancipatório, «canto das sereias», etc., é necessário vislumbrar um horizonte de um conflito recrudescido em que os sublevados, desiludidos e sem-esperança, não necessitarão mais de se apegar a um Sistema Ideológico, a uma Doutrina, a uma Ideia luminosa, a um Telos que seja garantia de júbilo futuro, a um Paraíso discernível pelo qual se aguarda há cerca de alguns séculos... Será a hora do niilismo, desde logo; mas de um niilismo insurrecto, beligerante: hora de niilistas descrentes que, quando o seu patrão lhes disser que existem sereias prontas a cantar, não só atarão os pés e as mãos a esse Senhor farsante e teatral, como se fez a *Ulisses*, como o atirarão borda fora, como uma autêntica «promessa de felicidade» para os tubarões.

Cada vez que alguém me fala de Utopia, descubro um ventre inchado, umas mãos decoradas, uns olhinhos de

raposa após a carnificina, um coração de síntese e um cérebro cheio de galinhas mortas.

Índice

O complot atlântico da heterotopia (Prólogo à edição portuguesa de “Desesperar”)	5
Desesperar	13
O mau cheiro da Utopia: Mito, domínio e trabalho. Variações à volta do décimo segundo canto de «A Odisseia» (narração do encontro com as sereias)	181

Pedro García Olivo

Blog: “¿Eres la Noche?” (pedrogarciaolivo.wordpress.com)

Email: pedrogarciaolivo@gmail.com

Morada: Paraje Alto Juliana, en la solana de la Madre Puta.
Aldea Sesga, Ademuz-46140, Valencia (España)

Telefone: +34 636 859 867

“Com os meus agradecimentos aos companheiros dos Textos Subterrâneos e, em particular, ao Pedro Morais, entre os quais “Desesperar”, um livro estranho, se encontrou como entre semelhantes, no que há de mais parecido a uma tribo ou um lar”.

Outros livros publicados



Flores Silvestres.

Uma Antologia de Abele Rizieri Ferrari

2013 | 320 pgs | 13x18 cm

“A Anarquia é, para mim, um meio para chegar à realização do indivíduo; não o contrário. Se assim fosse, a Anarquia também seria um fantasma.”

Abele Rizieri Ferrari, mais conhecido pelo pseudónimo de Renzo Novatore, foi um poeta da anarquia que viveu alguns dos anos mais turbulentos de uma Itália revolucionária e pré-fascista, em que os sonhos de mudança radical de sociedade se esbateram com a traição socialista e a reacção bruta fascista, num país dividido em dois pólos extremos de conflito. Abele viu a sua vida ser-lhe ceifada muito cedo pelas forças de autoridade, nesse mesmo ano de 1922 em que Mussolini marchou sobre Roma, mas deixou-nos um legado quase único de escritos espalhados por revistas e jornais e que o tornam uma figura ímpar, ainda que quase desconhecida, na história do anarquismo. É parte desse legado que hoje recuperamos e trazemos para o português com esta antologia, que espelha o seu pensamento individualista radical nos antípodas de qualquer concepção anarquista tradicional e que o tornaram “maldito” mesmo entre os seus.